



# COTRIJORNAL

ANO 6 — IJUI, MAIO DE 1978 — Nº 52

## SEMINÁRIO EM RIO GRANDE

Páginas 8 e 9



**CCGTTEL NO  
CAMPO** Página 22

**ACIDEZ DO  
LEITE** Página 26

**REFORMA  
AGRÁRIA** Página 11

**CAUIDADO:  
VENENO** Página 14

**COTRIJUI, DESTAQUE EM EXPORTAÇÃO**

Página 19



Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111  
IJUI - RS  
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF - 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva, - Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarrello, Flávio Sperotto e Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itavino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Koehler, Edelmar Friedrich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann e Abu Souto Bicca.

**Capacidade em Armazenagem:**

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jória	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Agosto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da



**EXPEDIENTE**

Redação e Administração

Rua Floriano Peixoto, 559

Telefone: 2033

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa

João Roberto Vasconcellos

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

**CARTAS**

**COMUNICAÇÃO COOPERATIVA**

Prezado Redator-Responsável: A FECOAGRO tem a satisfação de registrar seus agradecimentos a V.S. pela notável presença no 1º Seminário Catarinense de Comunicação Cooperativa, realizado nos dias 16 e 17 de março, em Florianópolis.

Os ensinamentos trazidos por V.S., sem dúvida, contribuirá grandemente para o aperfeiçoamento dos nossos comunicadores, fazendo com que nossos cooperados sejam os beneficiados neste processo. Atenciosamente. Aury L. Bodanese, presidente. Federação das Cooperativas do Estado de Santa Catarina (FECOAGRO), Florianópolis.

**OCESC AGRADECE**

Prezado Editor: Ao término do 1º Seminário Catarinense de Comunicação Cooperativa, a Organização das Cooperativas de Santa Catarina (OCESC), deseja externar seus mais sinceros agradecimentos a V.S. pela participação naquele evento.

Vossa presença em nossa promoção foi importante para o sucesso da mesma, haja visto os comentários dos participantes. Em nome deles permito-nos também transmitir nossos agradecimentos à sua participação. Roberto Ferreira, secretário-executivo da OCEC, Florianópolis, Santa Catarina.

**COTRIJORNAL ESTÁ MELHOR**

Senhor Redator-Responsável: Noto que nos últimos números o "nosso" Cotrijornal vem apresentando uma mudança que considero fundamental: aumenta o espaço destinado à palavra do produtor rural, o associado da COTRIJUI. É a palavra direta e objetiva daquele que está com a mão na massa, rica de experiências e sabedoria produzidas no laboratório da vida e do trabalho.

O Cotrijornal chega, assim, a meu ver, mais perto do corpo social da

cooperativa. Não apenas no sentido de levar informações, mas também de ouvir o associado - que tem muito a dizer. Torna-se, dessa maneira, um porta-voz mais autêntico e mais autorizado. Não uma estrada de comunicação de mão única. E, sim, cada vez mais, uma estrada com duas mãos ou várias pistas em ambos os sentidos. Parabéns. Argemiro Brum, rua 13 de Maio, 368 - Ijuí.

**CULTURA GERAL**

O Diretório Acadêmico "Leopoldo Cortez", da Faculdade de Agronomia da UFRGS, tendo tido a felicidade de ler um exemplar do "Cotrijornal", publicado pela COTRIJUI, ficou surpreendido pelo rico conteúdo de suas páginas, as quais se constituem numa fonte rica de informações de cultura geral e elevado interesse agropecuário. Solicitamos que tão importante publicação seja enviada para este Centro Acadêmico a fim de que façamos chegar aos nossos professores e alunos assuntos de seu total interesse. Atenciosamente, Cláudio Borsa, presidente; Rosa M. B. Vargas, secretária. DALC, Faculdade de Agronomia da UFRGS, Caixa Postal, 776, Porto Alegre.

**UNIVERSIDADE DE VIÇOSA**

Estudantes Ruy Bueno da Silveira, Lucimar da Silveira e Dimitry Tihod, todos da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. A editoria agradece os conceitos elogiosos endereçados e comunica que o "Cotrijornal" vai ser remetido a vocês gratuitamente, a título de relações públicas da COTRIJUI.

**ESCOLA SUPERIOR DE LAVRAS**

Prezado Editor: Solicito a V.S. que me informe a respeito de como seria possível fazer para receber o "Cotrijornal", assim como devo proceder no pagamento. Outrossim, informo-lhes que estou cursando zootecnia na Escola Superior de Agricultura de

Lavras e ficaria agradecido se também me fornecessem dados como se Pastoreio Excessivo prejudica as pastagens. Conto com o amigo. Atenciosamente, Adalberto da Costa Monteiro, Alojamento Estudantil da ESAL, Lavras, Minas Gerais.

**N. da REDAÇÃO -**

Seu nome está inscrito entre os recebedores do "Cotrijornal". Você o recebe gratuitamente numa gentileza da COTRIJUI. Quanto a pergunta sobre o Pastoreio excessivo, ela lhe será respondida pelo engenheiro-agrônomo Renato Borges de Medeiros, M. S. em Forrageiras do Departamento Técnico da COTRIJUI, que lhe remeterá correspondência nesse sentido. No mais, às ordens.

**BANANEIRAS, PARAÍBA**

Prezado Editor: A Coordenadoria do Curso de Tecnólogos em Cooperativismo - Nível Superior - da Universidade Federal da Paraíba, ainda carente de materiais didáticos e informativos, solicita a V.S. que lhe forneça uma assinatura do "Cotrijornal". Antecipando agradecimentos, subscrevo-me atentamente. Luiz Fernando Ferreira Leite, coordenador. 58.215 - Bananeiras, Paraíba.

**CODETEC, UNICAMP, CAMPINAS**

Prezado Editor: Solicitamos para a CODETEC uma assinatura do "Cotrijornal". Nosso pedido se justifica pela excelente qualidade e utilidade desse jornal, que temos observado em alguns de seus números aqui chegados indiretamente. Atenciosamente, Elói José da Silva Lima. Companhia de Desenvolvimento Tecnológico, Campinas, São Paulo.

**UNIVERSIDADE SANTA MARIA**

O Setor de Engenharia Agrônoma da UFSM - Centro de Ciências Rurais, tem a satisfação de vir re-

firmar interesse em continuar recebendo o "Cotrijornal". O jornal cada vez desperta maior interesse entre professores e estudantes daqui. Atenciosamente, Flávio Luiz Nagel e Ivan Hingo Weber, titulares do Setor.

**TRABALHO MAGNÍFICO**

Prezado Dr. Ruben: Nosso diretor-regional em Porto Alegre teve a gentileza de mandar-me alguns exemplares do COTRIJORNAL, que li com atenção e prazer.

Queira receber e transmitir a seus companheiros as nossas congratulações pelo magnífico trabalho de jornalismo. O nosso banco está atento e muito interessado em participar bem de perto nesse movimento tão dinâmico. Atenciosamente, Rubens Garcia Nunes, diretor, Banco Real. Rua Boa Vista, 274, São Paulo.

**FONTE DE CULTURA**

Senhor Editor: Ao receber um exemplar do COTRIJORNAL das mãos de um amigo, fiquei surpreendido pelo rico conteúdo de suas páginas. O fato se constituiu numa alegria, pois notei que estava diante de uma fonte rica de cultura geral e de assuntos cooperativistas e agropecuários em particular. Atenciosamente, Eduardo Pegoraro Honeemann - av. Duque de Caxias, 1015, Pelotas.

**PEDIDOS ATENDIDOS**

Agro-Máquinas Tarumã, av. Júlio de Castilhos, 699, Restinga Seca, RS; Vanilda L. Bett Cerqueira, Caixa Postal, 546, Cianorte, Paraná; professor Eduardo Allgayer Osório, Departamento de Fitotecnia da Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel", Pelotas; Luiz Genro Brum, 2º R.C.Mec, São Borja; Vergílio Frederico Perius, rua Gonçalves Dias, 999, apt. 401-A, Porto Alegre; Ilceu Cover, Boa Vista, Sarandi; Ilvia Oliveira Compassi, rua 1º de Maio, 75, Carazinho; Elvino Miranda Ramos, Redentora e Ison O. Roehrs, Trombudo, 7º Distrito de Santa Cruz do Sul.

## NECESSIDADE DE UMA INTENSIVA COMUNICAÇÃO COOPERATIVA

Até que ponto há no Brasil uma consciência nacional a nível de cooperativismo? Estarão os brasileiros sendo informados da atuação participativa e do que a economia coletivista representa no concerto da nossa economia? Não! Não sabe a maioria dos brasileiros que em 1975 as cooperativas foram responsáveis pela entrada no País de 430 milhões de dólares. Não sabem igualmente que em 1976 as exportações dessas cooperativas foram aumentadas em 42%, alcançando 612 milhões de dólares, o equivalente a oito bilhões de cruzeiros, dos quais 59% correspondem às vendas efetuadas por cooperativas do Rio Grande do Sul.

Os jornalistas que atuam na área de comunicação rural, principalmente aqueles comprometidos com o sistema cooperativo, sabem bem o quanto é difícil a comunicação nesse nível. Quer através do desempenho profissional em suas bases quer em congressos e seminários de comunicação, a realidade constatada sempre é a de que comunicação é considerada um corpo estranho no contexto do cooperativismo.

Há exceções. Felizmente há exceções. Mas até mesmo essas exceções, em âmbito nacional, desaparecem ante a flagrante realidade do silêncio que se faz neste País sobre a importância do cooperativismo como elemento dinamizador da economia nacional em todos os seus níveis.

Agora, após muitas moções e proposi-

A reformulação na estrutura fundiária do País, uma política de diversificação no mercado interno, como embasamento futuro para evitar as importações cíclicas, tem sido defendida pelo presidente da COTRIJUI tanto em palestras como em pronunciamentos pela imprensa.

Para Ruben Ilgenfritz da Silva é preciso pensar seriamente em alternativas para os minifundiários que existem aos milhões no País. Somente no Rio Grande do Sul existem mais de 500 mil famílias vivendo em pequeninas propriedades. Esse contingente, que representa uma grande força de trabalho, precisa de oportunidade para a ocupação de novas áreas. Diz o

Uma antiga aspiração da região e velha reivindicação da COTRIJUI poderá concretizar-se a médio prazo. Trata-se do Ramal Ferroviário Catuípe-Santo Augusto. Durante uma de suas idas a Brasília, o diretor-presidente da cooperativa, Ruben Ilgenfritz da Silva, recebeu a incumbência do ministro Dirceu Araújo Nogueira, dos Transportes, de mandar levantar o volume de grãos que é transportado anualmente entre os dois municípios.

Durante o referido encontro, o presidente da COTRIJUI explicou ao Ministro que com a extensão da rede ferroviária até

ções, parece que felizmente será dado importante passo nesse sentido. Durante o corrente mês de maio serão veiculados filmes e feitos comentários da Campanha Nacional do Cooperativismo, sob coordenação da Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República. Essa participação da ARP/PR numa campanha de popularização do sistema cooperativista havia sido solicitada em setembro pelo plenário do I Seminário Nacional de Comunicação Cooperativa, realizado em Recife, sob o patrocínio da Associação das Cooperativas do Nordeste - ASSOCENE.

A iniciativa do Governo no sentido de que sejam usados os meios de comunicação de massa para popularizar as vantagens do cooperativismo sobre o capitalismo clássico, deve ser aplaudida. Apenas, não se deve esperar muito da prometida campanha. O cooperativismo se pratica executando-o. É no exercício de sua prática social e econômica que o indivíduo toma conhecimento da eficácia do sistema. Por outro lado, as cooperativas, sem exceção, devem estimular a realização de uma política de comunicação e educação no sentido de buscar a evolução informática e cultural de seus associados. Há pouco, participando em Florianópolis do 1º Seminário Catarinense de Comunicação Cooperativa, chegou-se mais uma vez a essa conclusão.

Líder cooperativista "que são milhares de agricultores preparados para o trabalho agrícola mas que estão limitados pela estrutura fundiária existente".

Outro problema a preocupar o presidente da COTRIJUI é o relacionado com a monocultura. A conclusão chegada é que o ciclo trigo e soja vai se transformando em agente de empobrecimento regional. A frustração da safra de soja deve levar a uma reformulação dos critérios de produção primária, a nível de diversificação das culturas. Esse, sem dúvida, o grande passo a ser dado pelos produtores de nossa região. E isso se for conseguido, haverá real benefício para todos.

Santo Augusto, as safras teriam melhor possibilidade de escoamento a qualquer época do ano, já que a rodovia é de duvidosa trafegabilidade no inverno, devido às chuvas, e perigosa no verão, devido as nuvens de polvadeira que levanta.

Há anos que a COTRIJUI, fazendo coro ao clamor dos produtores da região, reivindica a construção do citado trecho ferroviário. Outra reivindicação da COTRIJUI, agora em vias de realização, é o asfaltamento da rodovia Ijuí-Santo Augusto.

## O MINIFÚNDIO E A MONOCULTURA OS NOSSOS MAIORES PROBLEMAS

## O RAMAL CATUIPE SANTO AUGUSTO PODE VIR A SE CONCRETIZAR

# ASSOCIADO PARTICIPA POUCO NAS DECISÕES DA SUA COOPERATIVA

Honorino Píccoli, Edio Romeu Krug, Euclides Marino Gabbi, Alfredo Wiellens e Dante Antonio Boniatti, são associados da COTRIJUI. Eles participaram de um encontro com a reportagem do COTRIJORNAL para debater o tema: participação do associado nas decisões da cooperativa. O resultado do debate ocupa as páginas a seguir. O jornal começou pedindo a cada um que relatasse porque ingressou na cooperativa. Vamos ver o que responderam.

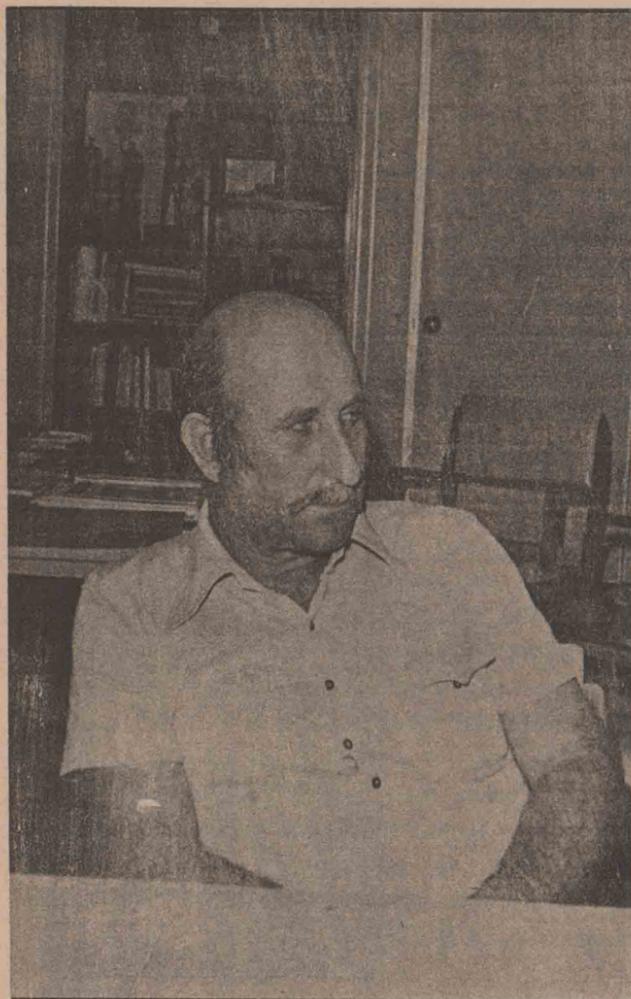
**Alfredo:** Quando entrei de sócio na Cooperativa — isso já deve fazer mais ou menos 15 anos — achei que através da Cooperativa podia ir um pouco para frente. Sozinho a gente não tinha condições. Um dia se tinha produto para vender, mas cansava de trazer o produto de volta porque não tinha onde colocar.

Agora, eu acho para o pessoal que é sócio da Cooperativa teria que botar o produto a maioria a preço médio. Acho que teria condições de fazer melhor negócio para todos os associados. Porque aí tanto o pequeno como o grande, apertado ou não apertado, iam pegar todos um preço parelho.

**Boniatti:** Eu era sócio da Cooperativa Mista dos Pecuáristas. E daquela época até aqui sempre continuei como sócio. Hoje temos vantagens de comercialização e essas coisas. Sempre são vantagens. Porque a gente sempre lutou para que a Cooperativa crescesse. E a gente sempre tomou parte em todas as coisas que surgiram aí, os problemas da Cooperativa a gente sempre acompanhou para ver se ia para frente. Hoje não está tudo certo dentro da Cooperativa. Tem coisas que devem ser mudadas. Por exemplo, a Cooperativa fez aquele convênio com a Unimed. É um convênio que atinge quase só os grandes. O pequeno, que é o mais necessitado, não paga porque não tem condições.

Acho que devia ter uma modificação nesse plano. É muito caro e o pequeno proprietário são poucos que pagam. O pequeno proprietário, com pouca terra, não consegue pagar a Unimed.

**Píccoli:** Iniciei na mesma época do seu Boniatti. Eu era associado da "Agropecuária" e desde aquela época sempre fui da Cooperativa. Acho que na Cooperativa somos menos explorado que no co-



Euclides Marino Gabbi



Edio Romeu Krug



Honorino Píccoli



mércio. O comércio faz com a gente o que bem entende. Quando a gente vai pedir um dinheiro adiantado, não existe. Existe, mas tem de faturar soja na hora. O que eu acho que não é certo na Cooperativa é o seguinte: só o associado devia ter direito na Cooperativa. A gente observa no mercado ou na loja, que qualquer um compra. Isso aí é do associado da Cooperativa. Isso aí eu não acho justo. O associado entrega todo o seu produto, faz todo o esforço. Ele não desvia para colaborar. O de fora goza da Cooperativa só na hora que ele acha conveniente gozar, quando o preço é menor que o comércio; senão eles não vem comprar na Cooperativa. Mas se é um pneu, uma bateria, ou quando tem promoções de venda, daí eles vêm. Isso eu observo muito.

E também acho que o atendimento na seção de peças e mercado, não está bem. A gente entra, ninguém vem ver o que a gente quer, tudo parado, tudo quieto. A gente tem de procurar tudo aquilo que a gente quer. Eu acho que o associado devia ter um melhor atendimento. Ele é pequeno, mas deve ser honrado.

Não é só na hora de entregar o produto que ele deve ser honrado. Acho que deve ser honrado sempre. São esses probleminhas que competem à direção e associados resolverem.

**Edio:** A mesma coisa que o seu Píccoli e o amigo ali. Eu pertencia aos Agropecuaristas e com o convênio que houve, nós passamos a pertencer a COTRIJUI. A Cooperativa é um órgão de classe, então a gente sempre espera vantagens. Eu acho que nós temos vantagens. Quando eu ingressei, eu não me dedicava com maquinário. Eu não sentia o problema. Eu ingressei esperando vantagem para o futuro. Como nós temos atualmente. Aquela vez a gente via que havia o problema no comércio. O cara levava o produto como o senhor falou e não tinha onde colocar. E hoje nós não temos esse problema.

**Euclides:** Eu ingressei na Cooperativa porque achei que era do meu interesse e interesse de todo o agricultor se unir e conjugar os esforços.

**COTRIJORNAL:** Como é que o associado pode participar mais diretamente das decisões da Cooperativa?

**Alfredo:** Em primeiro lugar, o próprio associado devia comunicar a diretoria

sobre certos pontos que ele acha que está errado. Quando o associado notar alguma coisa errada, deve comunicar à diretoria. O associado devia participar mais das assembleias, das reuniões e aí esclarecer os pontos-de-vista que ele acha que estão errados. Porque existe ainda alguma coisa que não está como é pra ser. Mas também ninguém vai lá falar com a diretoria e dizer que isto deve ser mudado e coisa e tal. Como recém o Píccoli falou, eu vi certas coisas na seção de peças e na caixa que estão "erradas".

Outra coisa que falta pra nós é terra para poder produzir. Porque quanto mais produto, mais lucro também. Então, precisamos encaminhar esses problemas para uma solução conjunta entre associados e direção.

**Boniatti:** Eu acho que o associado deve participar mais, no sistema como estão sendo feitas as assembleias. Ele participa muito pouco. Ele chega, bate palma, senta e não participa da assembleia. Acho que temos que mudar o sistema da assembleia para o associado poder participar.

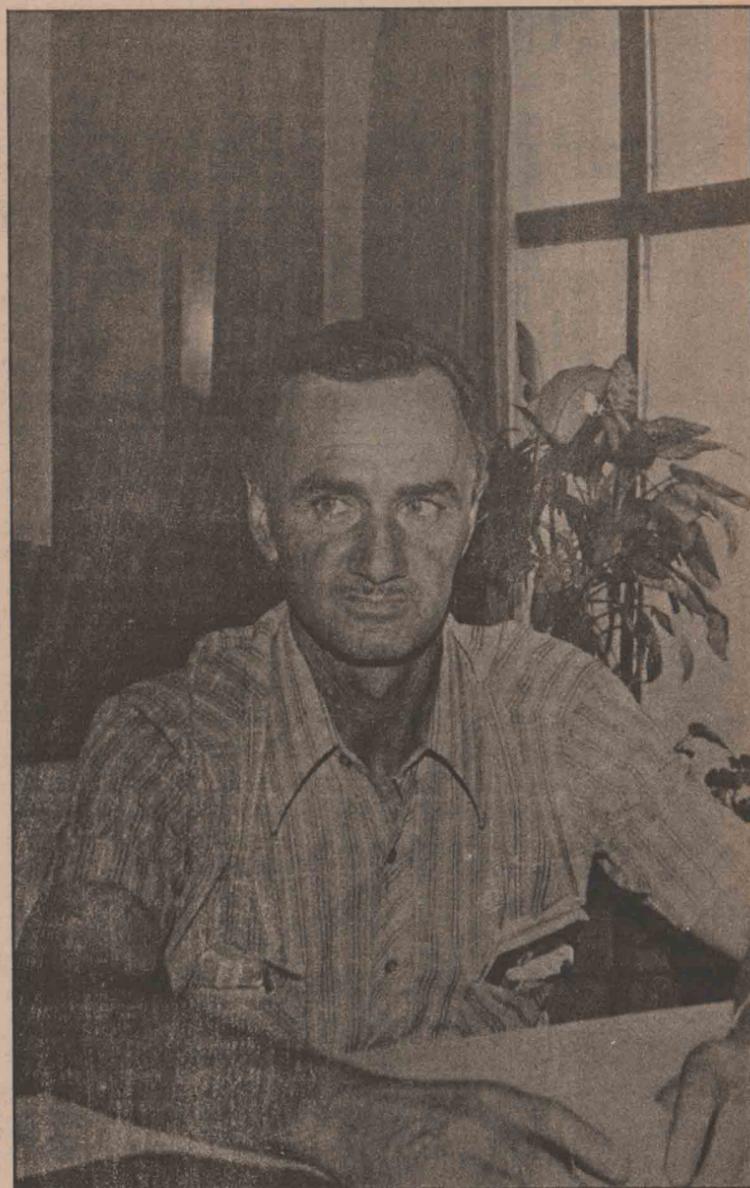
**Píccoli:** Isso mesmo. Os associados deviam se reunir em grupos menores com a direção. Numa assembleia, geralmente, o pequeno não fala porque ele não tem estudo. Ele acha que vai falar bobagem. Ele não fala, mas por fora ele fala e fala demais. Quando eles se reúnem em grupos menores, junto com a diretoria, então ele tem mais liberdade e ele acha mais fácil de falar. Agora, em assembleia eles não falam.

**COTRIJORNAL:** O que se quer, então, são reuniões preparatórias, nos núcleos, para depois chegar nas assembleias.

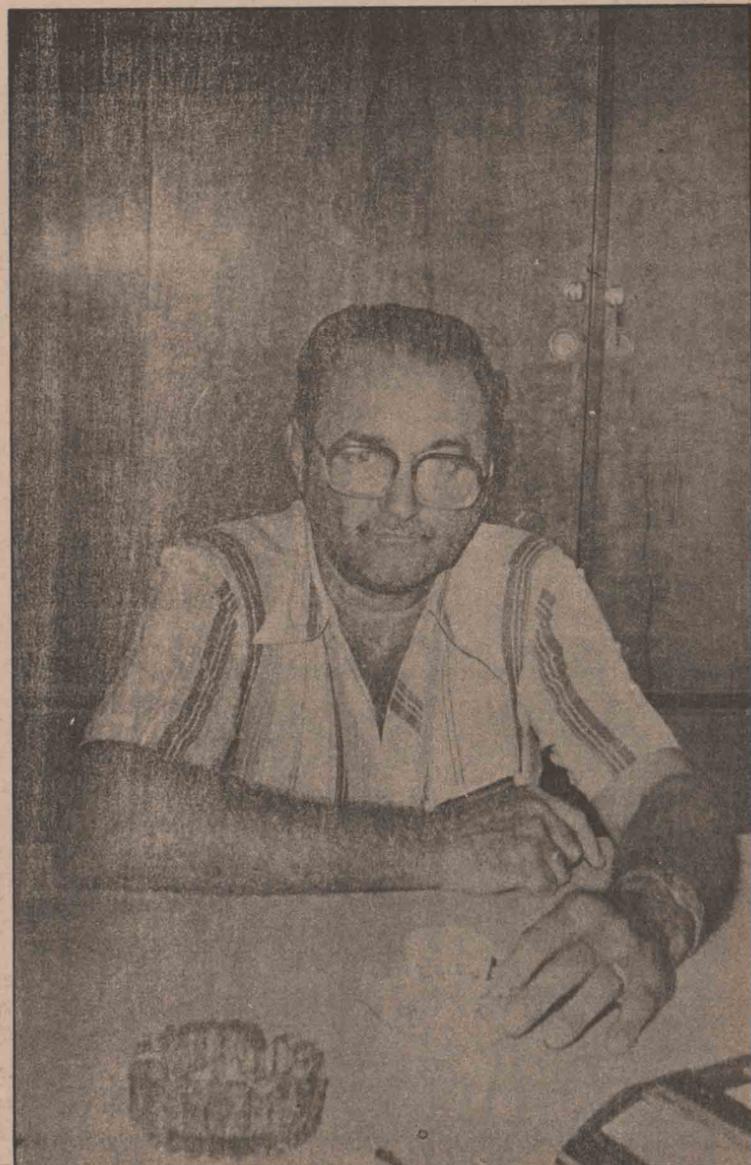
**Boniatti:** É, pequenas reuniões, de menos pessoal. Dessas reuniões saíam delegados, líderes. Porque o associado, não é fácil, a direção não pode atender todos os associados. Agora, se são em grupos pequenos, vai lá um diretor e aí ele pode apresentar os problemas que ele sente. Acho muito mais fácil.

**COTRIJORNAL:** Na situação atual, o associado não está participando das decisões da Cooperativa?

**Píccoli:** Eles participam, mas eles só sabem ir lá e dizer amém, geralmente. Ele não tem a coragem. Sente um espinho no corpo, geralmente o dirigente não sabe onde está esse espinho, mas ele não diz por-



Alfredo Wiellens



Dante Antonio Boniatti

que ele está com medo. Isso é natural. Mas depois da assembléia eles falam, por fora. Abrem as bocas, vem as fofocas. É ou não é?

**Edio:** Acho que ali vem outro caso. Não sei se é a falta de cultura. Essas reuniões em núcleos que o seu Píccoli fala, houve nessas últimas assembléias quando se fez para incluir essas outras cooperativas. Houve essas reuniões, mas o cara esclarecido ou ele foi esclarecido nas reuniões de núcleos e se contentou e não veio, ou ele não entendeu nas reuniões de núcleos e veio, e aqui ele teve menos chance ainda, porque uma assembléia não desce lá em baixo para o cara mais ignorante compreender. Há pouco tinha um senhor ali esperando e estávamos falando do preço do soja e ele disse, "é, podiam pagar mais pelo soja, mas estão levando dinheiro embora para Mato Grosso". Quer dizer, é uma pessoa mal informada. Há poucos dias um conselheiro disse que é a favor da incorporação de cooperativas, tantas forem o caso, mas nunca saindo dinheiro daqui para outro lugar. Se ele é dessa opinião, acredito que se vai dinheiro, vai pouco. Ou vai o que não falta aqui. Mas a conversa geral é que vai muito dinheiro. Em Dom Pedrito, inclusive, eu estive lá, eu acho que antes vem dinheiro de lá para cá do que daqui pra lá. Mas se os senhores vão aí para o interior ver, uma grande porcentagem acha que nós estamos sustentando Dom Pedrito. E a realidade é bem diferente. E Mato Grosso não posso falar porque ainda não estive lá. Também não acredito que vá dinheiro. Talvez vá em certas ocasiões e quem sabe volta em dobro.

**Píccoli:** Outra coisa que se vê falar muito pelo associado de fora é que a COTRIJUI fez o Porto e até hoje ainda não veio o resultado, porque geralmente as outras cooperativas também fazem quase a mesma média. O comércio faz quase o mesmo preço. Então eles dizem: onde está a nossa vantagem do Porto que é da COTRIJUI? Nós devíamos ganhar muito mais da soja, mas a COTRIJUI só liquida o soja com o preço médio, Santiago a mesma coisa e mais algumas outras cooperativas. Eles então acham que não notaram ainda o resultado do Porto; de ganhar mais dinheiro por ter esse Porto.

**COTRIJORNAL:** Já veio algum retorno do Porto?

**Píccoli:** Veio, mas foi mínimo. Um cruzeiro, dois cruzeiros.

**Edio:** O retorno do Porto, diretamente não veio. Veio o retorno daquela vez que nós integralizamos o capital. É retorno da soja.

O que eles dizem é que não viram preço melhor por motivo do Porto. Eles acham que com o Porto a Cooperativa devia fazer preço médio, muito acima das outras cooperativas. Pagar preços melhores que as outras.

**Edio:** O problema é que a Cooperativa cresce. Ela está construindo armazéns em toda a parte. O cara que sente o problema de safras frustradas não se lembra, como nós de Coronel Barros, que estamos esperando também um armazém. Já temos lá um terreno comprado e tudo. Mas a Cooperativa sentou pra trás. Já era para ter começado aquele armazém. Mas quando o troço começa apertar, o cara não se lembra dos armazéns que estão sendo fei-

tos. Ele lembra do dinheiro que ele quer e do retorno que é para vir.

Ou no caso do Mato Grosso, que o dinheiro vai pra lá. Nas assembléias não se tem condições. Ou se devia fazer uma assembléia por mês ou de cada sessenta dias, para explicar para o associado. Mas aí não há condições de reunir o associado. Só com churrasco para reunir o associado, se não não vem.

**Píccoli:** Dá para esclarecer muita coisa pelo COTRIJORNAL. Ele lê e daí ele vê.

**Edio:** Mas mesmo assim. O associado não entende a coisa. Ele vai falar uma coisa e até ofende. Mas ele não é culpado. Ele acha que está certo e não tem outro meio de falar. Se eles fazem reuniões de núcleos, através do sindicato, então teriam que vir os representantes dos núcleos, mas somente os representantes e mais ninguém. Então o cara lá tem oportunidade de falar. Eu vou abrir a boca depois e me perguntam: Por que o senhor não foi lá na reunião. Teve oportunidade. Lá não há desculpa de ter pouco estudo. Numa reunião lá no interior, por intermédio do Sindicato que reuniu o associado, então lá ele tem condições de falar. Qualquer um pode falar. Eu acredito que numa reunião de assembléia aqui, o cara tem que vir preparado, porque muitas coisas o cara nem entende, entende tudo em conjunto, depois ele tira as conclusões. Se ele recebe uma resposta ítem tal e tal ele não tem condições de responder. Nós não temos condições de raciocinar rapidamente assim.

**Euclides:** Eu queria fazer uma colocação. É com respeito às reuniões, ao trabalho que o Sindicato e a Cooperativa vêm realizando no interior. Eu acho que se o agricultor não está sendo mais esclarecido, cabe a ele um pouco de culpa, um pouco de responsabilidade. Porque existe um trabalho montado pelo Sindicato, pela Cooperativa, pela Fidene e o IEP. Todos os meses são realizadas as reuniões nos núcleos e na própria Fidene. Então depende um pouco da boa vontade do agricultor para participar.

**Edio:** O que eu queria dizer é que se aparecesse só o representante credenciado numa assembléia, então terminava esse negócio do cara criticar. Vai na assembléia, vai na reunião do núcleo, no Sindicato, junto com a Cooperativa, e dê a opinião. Se ele tem uma opinião boa, é o indicado. Ele é o representante de tal núcleo e vai a assembléia, mas muitos dizem, "eu não vou lá, lá não vai ninguém". E só crítica. É bem como o Euclides diz: oportunidade tem para todos, mas o cara só sabe criticar e na hora de ajudar a resolver, o cara não vai. Então tem que botar o cara na prensa, como se diz.

**COTRIJORNAL — A construção do Porto de Rio Grande, foi uma iniciativa do associado ou da diretoria da Cooperativa?**

**Píccoli:** A construção do Porto foi a direção que estudou de colocar. O que eu quero dizer, é que a maioria dos associados dizem que não viram ainda um preço melhor, vantagem por meio do Porto. Claro, para a construção do Porto houve assembléia e os associados concordaram, ajudaram cada qual com uma parte. A idéia do Porto não partiu do associado,

partiu da direção. A idéia foi do falecido Luiz Fogliatto. Foi uma grande coisa a construção do Porto. A Cotrisa, que não tem porto, faz o mesmo preço. As outras cooperativas pagam para a COTRIJUI, que é dona do Porto. Isso é que muitos lamentam.

Agora tem um detalhe: as outras cooperativas não investem como está investindo a nossa Cooperativa. Essa rede de supermercados que temos aí no interior, isso custa dinheiro. As outras cooperativas, pelo que eu sei, não estão fazendo esse trabalho, levando ao associado realmente aquilo que ele merece, sem se deslocar lá do interior para vir até a cidade para fazer suas compras.

Mas que uma grande maioria fala isso aí, fala. Então a gente só fala o que sente. Tem gente com o espinho cravado no corpo mas não diz onde está cravado. Tem que dizer se o espinho está no pé, se está no braço. Qualquer associado quando acha que uma coisa está falha, ele comunica à direção ou ao Conselho. Ou então esclarecer essas coisas nas reuniões.

**COTRIJORNAL — E a diversificação da lavoura partiu da direção ou do associado?**

**Dante:** Eu acho que o pequeno produtor se deu conta que só com trigo e soja ele não tem mais maneira de sobreviver. Não é uma iniciativa que partiu diretamente do associado, mas ele está vendo que está precisando plantar um pouco de tudo.

**COTRIJORNAL — Qual o feito que os senhores consideram que partiu diretamente dos associados?**

**Edio:** Diretamente é difícil citar, mas indiretamente, a própria evolução da Cooperativa surgiu do próprio associado, pela maciça colaboração, pela entrega do produto. Indiretamente, a evolução da Cooperativa é uma exigência do próprio associado. Eu, por exemplo, há 15 anos não desvio um saco de soja. Se todos fizerem assim, como a maioria está fazendo... Por isso que tem armazém em toda parte. Indiretamente, é uma exigência nossa.

**Píccoli:** Eu sou outro que desde que sou associado da COTRIJUI, nenhum grão de soja meu foi para o comércio. Nunca.

**Edio:** E assim tantas outras coisas. O Porto. É uma idéia extraordinária do seu Fogliatto, que nunca a gente vai esquecer. Mas por parte do associado houve colaboração que deu para surgir aquela idéia. Todo o associado ajudou. O seu Luiz Fogliatto deu a idéia e o associado topou.

**Dante:** Se o Porto não trouxe benefício direto ao produtor, trouxe muito benefício à Cooperativa, ao próprio associado, enfim, por que a Cooperativa não é da direção, mas é do associado.

**Edio:** Eu queria acrescentar uma coisa quanto a reuniões de núcleos. Eu acho que devia haver núcleo na cidade. A Farsul não tem representante em Ijuí e nós não temos mais ligação com o Sindicato depois que houve aquele problema com os módulos. A Cooperativa trabalha muito em convênio com o Sindicato, mas não temos núcleos aqui. Tem o núcleo lá na vila. Às vezes vai até a diretoria da COTRIJUI. Eu acho que já comportava nú-

cleo. Não sei se teria que ser uma iniciativa da própria COTRIJUI, porque o Sindicato não tem interesse nenhum, porque nós não temos ligação com ele. A nossa posição cai fora do Sindicato e a Farsul não tem nada aqui. Então nós estamos alheio.

**COTRIJORNAL — Aonde é que não tem núcleo, o senhor é de onde?**

**Edio:** Não, eu me refiro ao núcleo da cidade mesmo. Eu nunca vi funcionar, eu nunca vi uma reunião na cidade, uma reunião preliminar como há nos núcleos. Os que moram no interior, eles tem interesse e vão, mesmo não tendo direito a voto. Eles vão nessa reunião do Sindicato. Vão assistir para aprender, para ouvir. Mas nós aqui não temos reunião.

**Píccoli:** O entrosamento da COTRIJUI com o associado, eu acho melhor assim, a direção e o associado. O encontro pode ser aqui numa sala mesmo, ou em outra localidade. Eu acho muito mais válido do que uma assembléia. Se ele tiver uma coisa para lançar ele lança ali. Na assembléia ele não fala. É falta de estudo ou tem vergonha de falar.

**Alfredo:** E o nível de cultura também. Dificilmente eu sentaria à mesa onde se encontram quatro ou cinco granjeiros grandes. Eu mesmo não poderia entrar no assunto deles. Ali há uma diferença entre o pequeno e o grande. É o nível de cultura que não permite que o cara chegue numa assembléia e faça o uso da palavra. Outros, com maiores facilidades é que fazem isso ali. A gente vai falar e zombam da gente chamando de grosso.

**Píccoli:** A gente pode ser grosso, mas pode ter idéia também.

**COTRIJORNAL — Agora, isso aí é uma preparação que se adquire com o tempo, participando de reuniões de núcleos, depois é que se vai desinibindo. Quando chegar numa assembléia já tem condições de falar porque já está habituado, pois começou lá no núcleo.**

**Píccoli:** No núcleo é o seguinte: Dificilmente vai o Arnaldo, vai o dr. Ruben, vai o Oswaldo. Vai um outro, funcionário de serviço. Certas perguntas, às vezes não são respondidas. E o associado tem o direito de saber. O que eu não concordo e nunca concordei é o não associado fazer compra na COTRIJUI. Eu sou contra.

**Edio:** Esse negócio de não associados ter direito, aí eu concordo. Inclusive numa reunião de amigos há uma semana atrás, me disse um associado fundador da COTRIJUI, que se entra um associado hoje na COTRIJUI, amanhã ele tem o mesmo direito que eu. Aí outro respondeu: se a COTRIJUI quebra, ele também paga a mesma coisa. É uma piada isso aí. Mas é uma coisa de pensar. O cara que ajudou a levantar a COTRIJUI, é fundador da COTRIJUI e hoje entra um associado, amanhã ele tem o mesmo direito. Não sei, à primeira vista parece egoísmo.

**Píccoli:** O não associado critica a Cooperativa. Mas na hora "h" ele usa dela para comprar mais barato.

**Alfredo:** Não sei se o senhor estava naquela reunião lá na Afucotri. Foi muito debatido ali o fato de o não associado ter direito de fazer compra na cooperativa. Inclusive chegamos a conclusão que muitos associados estavam a favor que o cara não associado também comprasse,

porque dizem que o que interessa é o dinheiro.

**Edio:** O supermercado é uma coisa, porque tem certos produtos que não podem ficar muito tempo estocados. Primeiro eu era da opinião que o não associado não poderia comprar. Mas eu acho que um supermercado grande é difícil. Eu acho que aí deve haver liberdade.

**Alfredo:** Eu sou de opinião que devem vender para todos, mas a loja devia ficar de acordo com o agricultor. Agora ela é uma loja fina. Não é mais uma loja como era antes, como devia ser. Muitas coisas que o agricultor precisa comprar, não tem.

**Edio:** Ai vem de novo o caso. O senhor vai a uma reunião ou fala com os amigos e eles dizem: "é, hoje em dia se usa mais luxo no interior que na cidade". Quer dizer, aí é difícil de novo. São opiniões.

**Píccoli:** Outra coisa que eu acho que a COTRIJUI deveria pensar é na liquidação, no pagamento do leite. Eu acho que o pagamento do leite devia ser separado do balcão. Um outro setor, fora. Só o leite.

**COTRIJORNAL — Uma questão que preocupa e faz pensar: quem será que obtém maiores benefícios com o cooperativismo. Será que é o pequeno produtor, o médio, ou o grande?**

**Píccoli:** Os pequenos dizem o seguinte. Se vem um grande faturar o soja, nunca vai no balcão. Eles dão um jeito de furar a fila. Dizem que o grande nunca está lá no balcão faturando soja ou coisa e tal. É pelo telefone, ou fura a fila. Ele vem aí prontinho, não precisa esperar, não perde tempo e vai embora. E nós aqui ficamos horas perdendo tempo. Agora, isso aí não posso dizer se é verdade. Mas o comentário de fora é isso aí. A respeito do proveito do grande e do pequeno, não posso notar que o grande tenha mais vantagem. Eu acho que não deve ter também. Agora, o bom associado e o mau associado deve ter suas vantagens. Se eu produzo dez mil sacos de soja e vendo três mil na cooperativa e o resto eu desvio, acho que na hora do aperto, da necessidade, não pode ter o direito igual ao outro que colabora com a venda de seu produto.

**Dante:** Acho que não dá pra dizer qual dos dois é o mais beneficiado. No meu entendimento, acho que tudo é igual.

**Píccoli:** Se ele tem mais terra, ele tem mais direito, mais hipoteca. O pequeno não tem o direito de pegar uma automotriz se a terra dele é pequena e o capital dele é pequeno também.

**COTRIJORNAL — Poderia se comparar da seguinte maneira. Considerar o grande de ontem, o grande hoje. O pequeno de ontem, o pequeno de hoje. Se nós conseguirmos situar o grande proprietário antes do sistema cooperativista nesta região. Naquele tempo só havia erva-mate, cana-de-açúcar, basicamente. O grande estava melhor do que está hoje e o pequeno como é que estava antes do sistema cooperativista? O pequeno antes da cooperativa aqui, a situação dele era melhor, era pior?**

**Píccoli:** Era pior.

**Dante:** Eu acho que a situação melhorou até certo ponto. Depois de uma altura em diante, com pouca terra, a coisa

começou a piorar. Numa época ele estava mais ou menos. Hoje está muito mais. O pequeno está indo pra trás. Com pouca terra ele não tem mais condições.

**Euclides:** O mal do pequeno agricultor, de 25 hectares para baixo, é que ele não pode comprar maquinário. E hoje ninguém mais quer trabalhar com boi, como eu comecei. Hoje tem muita diferença. A mocidade de hoje não é mais como de antigamente. Você manda um guri hoje pegar uma junta de boi, ele briga.

**Edio:** Agora vem um fator que se falou. O grande plantador e o pequeno plantador de antigamente e de hoje. Eles se igualaram, praticamente. O pequeno trabalhava com enxada e o grande tinha uma junta de bois. Hoje em dia todo mundo tem maquinário. Há aquele problema que o senhor falou, que o atendimento na COTRIJUI, às vezes o grande tem alguma vantagem. Mas isso é por força da situação e não é só na COTRIJUI. Se nos formos em qualquer repartição vemos que acontece a mesma coisa. A nossa própria apresentação requer esse atendimento. Nós, com uma colônia de terra ou 100 hectares de terra chegamos na diretoria, o que nós vamos falar? Agora, se chega um lavoureiro com 600 ou 1000 hectares, automaticamente eles vão dar maior atenção. É a mesma coisa quando a COTRIJUI diz, se eu tenho 1000 associados, eu tenho uma força. Se eu tenho 10 mil eu tenho outra força. A direção nos atende do mesmo jeito. Se eu vou lá ou o senhor, é a mesma coisa. Mas se a nossa apresentação perante a direção é diferente. O associado que tem 25 hectares, ele chega lá às vezes tremendo.

**Dante:** Aqui entra aquela história, o sujeito vale pelo que tem e não pelo que ele é. Se o sujeito tem 1000 hectares, quer dizer que ele vale muito mais que eu que tenho 20. Ele é o mesmo, mas ele tem poder...

**Edio:** Eu não quero dizer que o senhor com uma colônia, ou eu com uma colônia, sou menos. Eu quero dizer que a nossa posição nos apresenta assim. Nunca me passou pela idéia que nós fôssemos menos que os outros, ou mais que os outros.

**Píccoli:** Acho que a cooperativa observa muito a colaboração. Se você colabora entregando todo o produto, você também tem crédito, você tem mais atenção. Agora, se eles notam que o senhor é um desviador de produto ou se o senhor só quer explorar, eles tem sua razão.

**Alfredo:** Até por sinal que estes dias eu precisava comprar umas peças para a máquina. A propósito, falando em peças de máquinas, a nossa cooperativa, pela proporção que ela tem, no que diz respeito a peças de máquinas, ela está bastante atrasada. Aqui eu não consegui peças para a minha máquina e em Panambi consegui comprar. Acho que nesse ponto a nossa cooperativa devia se reforçar mais. Devia ter mais peças de máquinas e de todas as marcas e de trator também. Já me aconteceu de quebrar o diferencial do trator e não consegui comprar aqui. Em Panambi, consegui na cooperativa.

**Píccoli:** É um problema, porque tem tantas linhas de máquinas, tem tantas linhas de automotrizes.

# SEMINÁRIO DA COTRI

De 19 a 23 de março, a direção, assessorias, gerências e técnicos de todos os níveis da cooperativa, deslocaram-se para Rio Grande a fim de participarem do I Seminário de Integração da Cotrijui, tendo por local a Colônia de Férias. Durante quatro dias de estudos, análises e debates em grupos, foram levantados e considerados problemas de ordem funcional e geral, com o objetivo de que esses problemas fossem localizados e combatidos.

Dentro dessa filosofia de busca de soluções gerais para problemas comuns, conforme a linha do Seminário, num ambiente de democracia, funcionários modestos expuseram seus problemas para chefes e estes para seus diretores, cumprindo-se assim uma das máximas do coope-

rativismo: um por todos, todos por um, a começar pela profissão.

Sob a coordenação geral do professor Mário Osório Marques, o Seminário foi instalado dia 19 à noite, com uma palestra do economista Edgar Irio Simm, coordenador do Projeto Cotrijui-Amazônia, que expos para o plenário o estágio atual daquele empreendimento da cooperativa na região de Altamira, Estado do Pará. Em outro local desta edição estamos dando maiores dados sobre esse importante assunto que é a Cotrijui na Amazônia.

## TRABALHOS EM GRUPO

A partir do dia 20 pela manhã os participantes foram agrupados em núcleos para a troca

de idéias e análises simultâneas de problemas em seus respectivos setores. As questões levantadas recebiam uma primeira triagem feita a nível do próprio grupo, que a seguir se fixava nos problemas básicos de cada setor. Só esta listagem de problemas era levada a plenário para exposição e defesa, se fosse o caso, por parte do relator escolhido pelo grupo.

Assim foram realizadas reuniões de grupos e plenárias, de maneira simultânea, do dia 20 a 23, sempre com a participação de todos como apresentadores ou como ouvintes. Paralelamente a esse trabalho de grupos, funcionou um trabalho de secretaria, que tinha a responsabilidade de coletar as moções e proposições e multiplicá-las para o conhecimento geral em plenário.



Os participantes do Seminário em frente ao Hotel da Colônia de Férias.

# JUI EM RIO GRANDE

## ATUAÇÃO DOS DIRETORES

Os diretores da cooperativa, eleitos e contratados, reuniam-se em outro local, para a análise de problemas de nível administrativo e político do sistema. O resultado dos estudos e conclusões a que chegou a diretoria foi relatado em plenário pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, com a coparticipação dos demais diretores.

Uma das questões de maior destaque ressaltadas pela diretoria e que encontra plena justificativa na realidade social e econômica que vivemos, é que a cooperativa precisa aumentar o capital próprio. E o aumento desse capital por

parte dos associados deve se dar pela capitalização sobre todos os produtos que a cooperativa recebe e comercializa. Nesse sentido, o ponto-de-vista firmado no Seminário é que é preciso conscientizar o quadro social para que participe da formação de uma política de capitalização que compatibilize os interesses sociais de cada um com as necessidades reais da cooperativa.

Outras questões de significativa importância expostas pela diretoria diz respeito a necessidade de redução de custos operacionais, naturalmente sem prejuízo da eficiência necessária ao bom desenvolvimento das tarefas de cada setor.

O Seminário considerou que isso é possível se houver colaboração de todas as gerências e assessorias, que aceitaram o encargo de transmitir essa preocupação a todos os níveis de funcionários.

## UM POR ANO

A conscientização geral foi de que esse Seminário cumpriu o seu objetivo. Em face disso, o plenário aprovou a idéia de que o mesmo seja realizado no mínimo uma vez por ano, a nível geral, sem prejuízo de encontros regionais ou locais que devem ser promovidos onde e como for considerado mais conveniente.



As reuniões de grupo.



Vista parcial de uma plenária.

# ENCONTRO DE LÍDERES EM IJUI

Tendo por local a sala 200 da Fidene, realizou-se no dia 30 de março um encontro de representantes de núcleos de Ijuí. Importantes assuntos foram debatidos entre as lideranças com diretores da COTRIJUI. O vice-presidente Arnaldo Oscar Drews, respondeu em plenário

perguntas como promoções da seção de consumo, promoções de venda, postos e política geral da cooperativa, como desligamento da FECOTRIGO, Projeto Amazônia e necessidade de uma maior conscientização para aumento do capital social. O diretor do Departamento Técnico, en-

genheiro-agrônomo Nedy Rodrigues Borges, esclareceu uma série de dúvidas sobre laticínios, mecanização, mão-de-obra, sementes, diversificação de culturas, desmatamento e erosão. Nas fotos o sr. Arnaldo Oscar Drews ao fazer sua exposição e em baixo uma vista parcial do plenário.



O vice-presidente Arnaldo Oscar Drews.



Os líderes rurais na Sala 200 da Fidene.

# SANTA CATARINA DEBATEU JORNALISMO COOPERATIVO

A Organização das Cooperativas de Santa Catarina (OCESC) e Federação das Cooperativas Agropecuárias (FECOAGRO), reuniram cerca de 40 representantes de cooperativas no Balneário de Canasvieira, em Florianópolis, nos dias 16 e 17 de março, para participarem do I Seminário Catarinense de Comunicação Cooperativa. O objetivo fundamental do encontro, que teve em vista o fortalecimento, a nível estadual, da comunicação cooperativista, foi avaliar a situação dessa comunicação no Estado de Santa Catarina, promover o intercâmbio de experiências e colaborar com os comunicadores das cooperativas, dando-lhes a conhecer as técnicas mais avançadas da área da comunicação.

O Seminário, tendo como espelho o I Seminário Nacional promovido pela Associação das Cooperativas do Nordeste (ASSOCENE), em Recife, em setembro último, foi desenvolvido através de aulas-palestra, debates em grupo e sessões plenárias, culminando com um documento final de conclusões.

As palestras foram proferidas pelos professores Juan

Diaz Bordenave, especialista em comunicação do Instituto Interamericano de Ciências Agrárias (IICA), da Organização dos Estados Americanos; Glauco Olinger, diretor do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina; Ivan Anzuategui, diretor de Comunicação da ACARPA, do Paraná; agrônomo Osman Gomes, presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos de Santa Catarina e jornalista Raul Quevedo, assessor de imprensa da COTRIJUI e redator do COTRIJORNAL.

## PARTICIPANTES

Participaram na condição de alunos encarregados de setor de comunicação das cooperativas catarinenses, editores e redatores de jornais, boletins e outras publicações impressas, assessores de imprensa ou relações públicas de cooperativas e federações, produtores e apresentadores de programas radiofônicos, bem como os profissionais técnicos e responsáveis pela comunicação horizontal, a nível de comunidade, comitês educativos e núcleos de base.

A comissão organizadora do encontro, constituída por

equipes de comunicação da OCESEC e FECOAGRO, estava com os seguintes professores e especialistas: Ivan Ramos, assessor de comunicação da FECOAGRO; José Eduardo Schmitt da Luz, Luiz Cesar Savi e Maria Elena Saraiva, do "Jornal da Produção", de Florianópolis.

## OBJETIVOS

O objetivo dos promotores do encontro, a nível de comunicação cooperativa, foi analisar, avaliar e divulgar a situação atual e condições futuras para o desenvolvimento desse trabalho em Santa Catarina. Promover o intercâmbio de experiências entre os responsáveis da área da comunicação nas cooperativas. Colaborar com os comunicadores das cooperativas co-irmãs na função de divulgar o trabalho realizado, tendo em vista como sucesso a ser alcançado a promoção e o desenvolvimento cultural e material do homem do campo. Como escopo final dessa atitude, no menor prazo possível, estabelecer as bases para a criação de uma sólida rede de comunicação cooperativa em Santa Catarina.



A instalação do Seminário, em Canasvieira, Florianópolis, na manhã de 16 de março. Da esquerda para a direita aparecem o editor do COTRIJORNAL, um dos palestrantes do Seminário; dr. Vicente Bauer, da Federação da Agricultura do estado de Santa Catarina; Roberto Ferreira, secretário-executivo da Organização das Cooperativas de Santa Catarina (OCESC); dr. Ivan Anzuategui (ACARPA), do Paraná e Juan Diaz Bordenave (IICA), estes dois últimos também palestrantes.

## II Ecater: COMUNICAÇÃO MAIS CRÉDITO

Cerca de 400 especialistas reuniram-se em Passo Fundo durante os dias 13, 14 e 15 de março, no II Encontro Cooperativo de Assistência Técnica e Extensão Rural, promovido pela Fecotri. Entre os palestrantes, além do ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, mais dois destaques.

Juan Diaz Bordenave, especialista em comunicação e educação rurais, do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (IICA) e Mário Krueel Guimarães, especializado em crédito rural, membro da CONCRED (Comissão Nacional de Crédito Rural). O primeiro deles falou sobre o tema de sua especialidade, a comunicação, que hoje ninguém mais discute sua necessidade para o meio rural, principalmente no seio do cooperativismo. O segundo abordou o crédito e sua imperiosa necessidade para o crescimento da produção de nossos agricultores e pecuaristas.

O conferencista, que é antigo cooperativista, fez severas críticas a política creditícia do Governo. Segundo ele, no decorrer do ano de 1976 apenas 3,08% dos produtores agrícolas receberam 41,34% dos empréstimos do Banco do Brasil à agricultura. E se incluímos os demais bancos que operam no crédito agrícola, disse Mário Krueel Guimarães, a diferença será ainda maior.

Enfatizando que o grande problema do produtor é sua eterna dependência do crédito do Governo para produzir, Mário Krueel Guimarães disse que precisamos de uma política que estimule o restabelecimento das cooperativas de crédito, naturalmente em moldes mais modernos e operacionais, pois o agricultor deve ser estimulado a poupar.

Nesse setor realmente a situação do cooperativismo no Brasil é praticamente nulo. E devia ser o contrário. O Brasil, que já teve mais de mil cooperativas de crédito, hoje tem em torno de 60 apenas. O conferencista perguntou: "por que deixar que o agricultor deposite suas economias na poupança de um banco particular, que só visa o lucro, se pode carrear essa poupança para a produção, ou seja, para si próprio?"

Essa, a nosso ver, a grande questão. Assunto já debatido no 8º Congresso Brasileiro de Cooperativismo, realizado em Fortaleza, de 14 a 17 de setembro último, o sistema cooperativista precisa ser dotado de meios próprios para gerir-se financeira e economicamente, no benefício não só dos produtores mas principalmente da produção.

A COTRIJUI participou do II ECATER através de vários integrantes dos departamentos técnico e de comunicação e educação.

## Pode conferir: Manzate® D+Benlate® no trigo é dinheiro no bolso.



José Fonseca de Melo  
Granja São Carlos -  
Sta. Bárbara - 1.º Distrito

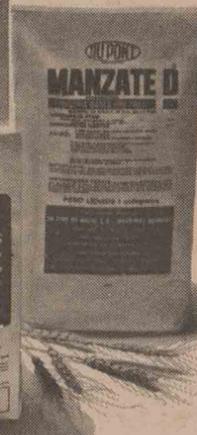
"Na parte não tratada obtive 11 sacos e na parte com tratamento 20 sacos".

"1977 foi um ano muito difícil para a triticultura do Rio Grande do Sul. Mas mesmo assim obtive ótimos resultados usando a mistura Manzate D mais Benlate.

Na parte não tratada obtive apenas 11 sacos por hectare.

E na parte com o tratamento de Manzate D mais Benlate, 20 sacos".

**DU PONT**  
MARCA REGISTRADA  
**AGROQUÍMICOS**



Manzate D + Benlate são marcas registradas da Du Pont.

Estrutura fundiária, diversificação de culturas, política de comercialização, colonização da Amazônia e reforma agrária, são questões relevantes e de constante preocupação para a COTRIJUI. Cumprindo tarefas especiais para o COTRIJORNAL os repórteres Luiz Recena (Brasília) e Roberto Thomé (Porto Alegre), da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, entrevistaram o ministro Alysson Paulinelli e o secretário Getúlio Marcantônio, ouvindo essas duas autoridades sobre os assuntos relacionados. O ministro Alysson Paulinelli, que falou sobre a importância do Projeto Cotrijuí Amazônia e reforma agrária, é taxativo quando afirma que essa reforma deve ser permanente e evolutiva. O secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, Getúlio Marcantônio, enfatizou que o minifúndio é o problema mais sério que afeta a saúde econômica de nosso interior.

## REFORMA AGRÁRIA, PROCESSO PERMANENTE E EVOLUTIVO



Ministro Alysson Paulinelli.

Para o ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, o projeto de colonização que a COTRIJUI está desenvolvendo atualmente na Amazônia é um exemplo muito importante. Além de distributivo, é agregador, pois está levando para uma região carente de tecnologia a experiência e a alta qualificação do produtor gaúcho. O Ministro enfatizou, ainda, outro aspecto favorável na experiência da COTRIJUI na Amazônia: a difusão do espírito e da organização cooperativista, tão bem desenvolvidos pelos agricultores do Rio Grande do Sul.

Certamente um dos mais importantes projetos de colonização iniciados na gestão de Alysson Paulinelli, esta iniciativa da COTRIJUI faz parte de

uma nova mentalidade oficial de colonização, que começou a ser tentada a partir de 1974. Ao contrário das anteriores, as tentativas deste período, mesmo mais lentas, partem de um planejamento maior das atividades a serem desenvolvidas pelos colonos.

Seria uma colonização lenta e gradual, observando com ênfase as condições específicas de quem está chegando, onde chega e de quem o recebe.

Além desta, o governo tem estimulado outra forma de colonização: os assentamentos dirigidos, programas oficiais de fixação em locais previamente determinados da própria região onde se faz o projeto. Um exemplo, é o projeto de Brasília, para produtores da região do Distrito Federal. A inovação

tecnológica, nestes casos, se dá através da contratação de serviços de entidades (preferencialmente cooperativistas) de outras regiões mais desenvolvidas.

Seria esta a melhor forma de encarar o problema agrário do país? Não, sobre reforma agrária, este é o pensamento do Ministro da Agricultura: "Considero a reforma agrária necessária, mas como um processo permanente e evolutivo. A reforma agrária prevista no Estatuto da Terra não é só um processo distributivo, o que consideraria falho, principalmente no momento, mas é mais do que isso: ela se complementa como um instrumento que garante o uso da terra dentro de condições que criem estabilidade social, evolução da sociedade, etc."

Essas condições, segundo o Ministro, são produto de um conjunto de fatores como: assistência técnica, melhor tecnologia, pesquisa, preço, condições de comercialização, armazenagem, transporte, estradas, crédito e outros. "Deve-se atentar para que o trabalho, o produto e a renda, sejam bem equacionados, para que não haja só trabalho, só produto e não haja renda. Por isso, todas as políticas de apoio são implementadas ao mesmo tempo", informou o Ministro da Agricultura.

Sobre a distribuição da terra, Alysson Paulinelli também está definido e divulga o pensamento oficial a respeito: "Não temos restrição alguma à distribuição de terras e acreditamos que ela seja, realmente, um fundamento básico para a evolução".

Ressalvou, no entanto, que o distributivismo não é a solução. "Se o governo quisesse fazer uma política demagógica, faria o distributivismo imediato, sem ninguém sair dos gabinetes. Essa solução distributivista de terra considero muito fácil, mas não posso admitir que o Brasil continue a fazer minifúndios improdutivos", encerrou o Ministro.

## PENSAMENTO DO SECRETÁRIO GETÚLIO MARCANTÔNIO

Na opinião do secretário da Agricultura, Getúlio Marcantônio, o minifúndio é, de fato, "o problema mais sério" com o qual vem se defrontando atualmente nossa economia agrícola. "Como consequência — disse ele — temos problemas de ordem econômica devido à baixa produtividade alcançada pelos agricultores nessas pequenas extensões e, além disso, graves problemas sociais".

Para diminuir os efeitos dessa contradição, Marcantônio sustenta a prática da tese de total apoio à assistência técnica como viável alternativa. Segundo ele, minifúndios bem assistidos poderiam tornar satisfatoriamente rentáveis culturas como suínos, gado de leite, hortigranjeiros, frutas, aves, etc. Principalmente se levarmos em conta a necessidade de diversificação, conforme deixou claro o Secretário: "Tenho dito que trigo e soja não são culturas apropriadas para pequenas extensões de terras, porque não dão a rentabilidade desejada. Como temos necessidade de produtos mais diversificados, estaria aí a chance do minifúndio".

De qualquer forma, a própria diversificação de culturas não viria resolver o problema da falta de terras. Embora não tenha se manifestado contra, nem a favor de uma reforma agrária, Marcantônio acredita que, posta em prática, ela "poderia, sem dúvida, minimizar os efeitos das pequenas propriedades". A Secretaria da Agricultura, no entanto, já teve experiências diretas em relação ao problema fazendo colonizações no Estado, mas que não foram bem sucedidas por lhe faltar maior atribuição. Por isso nos retiramos", afirmou o secretário. Desde então, a Secretaria da Agricultura, como tal, se mantém afastada do assunto.

Não seria somente em decorrência disso, todavia, que a estrutura agrária não sofreu, até o momento, qualquer alteração. Existem, conforme opinou Marcantônio, outros problemas: "Nossa estrutura agrária é de tal sorte complexa que o Governo brasileiro não lhe tem dado prioridade. Mas tem buscado transferir os colonos sem terra para o Brasil Central e Norte, onde o próprio Governo faz divisões de lotes para entregar aos plantadores".

Quer dizer, em vez de soluções definitivas, um tampão provisório. E esse tampão, ao que parece, tem se mostrado pouco eficiente, pois os resultados práticos obtidos até agora pela pesquisa não foram muito alentadores. Sobre isso, Marcantônio disse que "nós estamos indo bem em transferência da pesquisa, mas o que nos falta é um melhor acompanhamento nas lavouras". Por falta de técnicos? "Exatamente", concluiu.



Secretário Getúlio Marcantônio

## A PROTEÇÃO DA C.I.P.A.

É cada vez maior o número de empresas que criam seus próprios serviços de segurança ou departamento. Dependendo do esquema de organização da empresa, os serviços de segurança são instalados com a finalidade de estabelecer normas e por em prática os recursos possíveis para conseguir a prevenção de acidentes. Cada serviço de segurança deve se adaptar a extensão, condições e tipos de atividades e organização da empresa.

Os serviços especializados de segurança e higiene do trabalho são previstos por lei. O art. 164, seção II do capítulo V da CLT, alterado pelo Decreto-lei nº 229 de 26/2/1976 assim se expressa sobre o assunto: "A portaria 3237 de 27 de julho de 1972 regulamenta a criação do serviço especializado de segurança, bem como as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes (C.I.P.As)".

A COTRIJUI, como não poderia deixar de ser, atendendo determinações do Ministério do Trabalho e Previdência Social mantém em plena atividade Serviço Especializado de Segurança Física e Patrimonial dez CIPAS regionais na sua área de ação, sendo uma em Ijuí - sede administrativa - e outras nas unidades de ação da Cooperativa. Sendo que os mesmos recebem assistência e orientação dos Supervisores de Segurança.

Qual é a finalidade da CIPA? É uma comissão integrada por empregados, eleitos pelos demais empregados e em igual número de membros indicados pela empresa, bem como secretário e presidente.

### FINALIDADES

A finalidade é buscar soluções preventivas que possam evitar acidentes e dar tranquilidade e bem-estar ao trabalhador. Propor medidas que possam eliminar ou diminuir maiores riscos pessoais; investigar as causas e consequências de qualquer acidente ocorrido em local de trabalho; representar os interesses da Cooperativa e de seus funcionários em busca de boas condições de higiene, medicina e segurança no

trabalho. Quem criou as CIPAS? As CIPAS foram criadas pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social e são instituídas obrigatoriamente em empresas com mais de 50 empregados.

### OBJETIVOS

A segurança no trabalho objetiva proteger as pessoas, o patrimônio, o conceito, a imagem da instituição e os valores existentes. Cada uma das formas de proteção exige técnicas e conhecimentos especializados. A segurança no trabalho requer a participação de todos num trabalho de equipe. Exige uma série de contatos entre pessoas e setores em geral da Cooperativa, uma verdadeira cadeia de comunicação, sem a qual a obtenção de bons resultados é algo duvidoso.

O serviço de segurança, obrigatoriamente, mantém contato com todos os setores. O contato cruzado entre administração, segurança, serviço médico, alta supervisão e encarregados em geral são necessários para: correção das condições inseguras e insalubres dos ambientes, por meio de serviço de engenharia, de manutenção e de pesquisas e estudos nas áreas de trabalho; seleção adequada de novos empregados, integração e treinamentos de forma técnica e segura; manter perfeito controle no campo de segurança, higiene e medicina em todos os setores e frentes de trabalho da Cooperativa; manter reuniões periódicas, instrutivas e de conscientização de regras gerais de influência fundamental no programa de segurança estabelecido; organização e manutenção da brigada de incêndio com treinamentos práticos e recursos convencionais; estabelecer a divulgação de normas específicas para cada setor de trabalho; manutenção da ordem e disciplina interna e cumprimento rigoroso das regras e normas de segurança; incentivar o espírito prevencionista e de conscientização na prevenção de acidentes em geral e proporcionar o bem-estar de todos. Segurança é um investimento de todos em

prol de um ideal de vida própria.

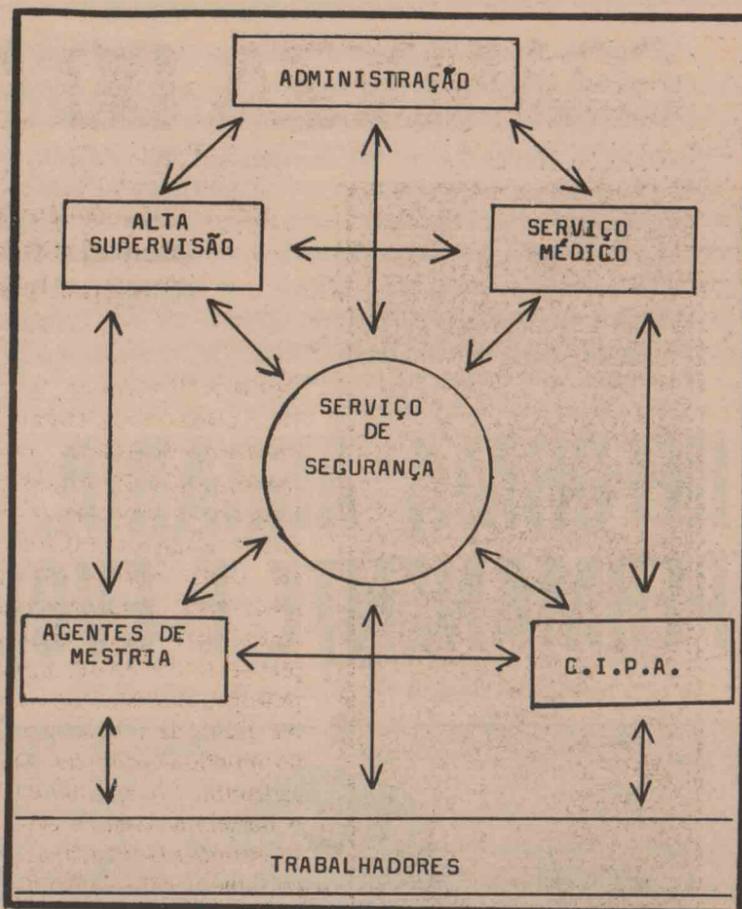
### RELAÇÕES HUMANAS

Um dos fatores mais importantes para que uma empresa possa progredir dentro do plano de produção a que se destina é o fator humano. As mais perfeitas máquinas e as melhores condições técnicas de trabalho não impedirão uma empresa de fracassar se os homens que nela trabalharem fracassarem. Por isso não se deve descuidar de um ponto importantíssimo: o que trata do entendimento entre supervisores e subordinados e destes entre si. Sem que haja esse entendimento, sem que as relações humanas na empresa sejam boas, predominando um clima de compreensão, boa vontade e interesse mútuo, é praticamente impossível uma empresa levar avante seu programa de trabalho e ser útil. Precisamos que numa empresa exista uma hierarquia segundo os cargos e funções dos elementos humanos. Ela precisa funcionar corretamente. Para isso as relações da empresa devem ser as melhores dentro do mencionado entendimento.

O progresso da empresa depende de boas relações humanas entre superiores e subordinados, isto em todos os escalões hierárquicos. E a fim de que melhor possamos entender as relações na empresa, vamos dividi-las em verticais e horizontais. As verticais são aquelas que se estabelecem entre os trabalhadores e seus supervisores hierárquicos. As relações horizontais são as que se verificam entre os subordinados no exercício de suas funções.

O supervisor é o superior a quem o trabalhador está mais diretamente ligado. Dele o subordinado espera lealdade e honestidade, bem como tratamento justo e igual para casos iguais. Nesse sentido, se o supervisor falhar, o fracasso das relações humanas será inevitável.

O gráfico mostra a corrente de comunicação interna numa empresa organizada.



## VIGARISTAS AGEM CONTRA INCAUTOS

Está completando dois anos que o COTRIJORNAL (edição nº 30, página 8) trouxe reportagem de cunho policial e de interesse geral. Tratava-se de matéria feita com base na entrevista colhida com o bacharel Ivan Carlos da Mota, delegado de polícia de Ijuí. Nesta edição, além de sugerir-mos aos associados colecionadores do COTRIJORNAL que releiam a matéria da edição citada, que discorre sobre os contos do pacote, bilhete premiado e outros, estamos trazendo nova contribuição do delegado Ivan Mota. Aliás, em palestra com a reportagem, ele frisou que "desde o alerta lançado pelo COTRIJORNAL, pode-se dizer que a incidência de casos semelhantes desceu para quase zero, tendo sido raríssimos os casos surgidos posteriormente".

O delegado Ivan, que tomou a iniciativa de sugerir novos alertas à classe produtora da região, tendo em vista a movimentação de safras, e consequentemente de dinheiro, falou também que "os vigaristas se revesam e nem sempre são os mesmos, porém, os golpes são semelhantes, apresentando pequenas variações que se convencionou chamar de "aperfeiçoamento". A seguir, o elenco de sugestões da polícia, para salvaguardar a segurança dos agricultores.

- Os locais de preferência para os golpistas são, geralmente, estação rodoviária, estação ferroviária, praças, zona bancária (agências) e adjacências, além de bares, onde a concentração de agricultores seja acentuada.

- Não esquecer que toda a proposta que o vigarista fizer para sua futura vítima, será sempre vantajosa. A vantagem será o ponto central da vigarice a ser aplicada, se transformando em seguida ao golpe em frustração e prejuízo para os que se deixarem levar pela tentadora proposta.

- É bom estar alerta igualmente para o seguinte: o pagamento de carnês será sempre feito nos bancos e nunca aos "cobradores" que aparecem para fraudar os desavisados; também, as mudanças de planos que implicam em aumento de contribuição, ocorrem sempre por livre vontade do contribuinte, e nunca por "obrigação", conforme alegam certos corretores.

- Por fim, é bom lembrar que os carnês que oferecem prêmios (exemplo, os de clubes de futebol), podem ser vendidos por unidade, não sendo obrigatória a compra da série completa.

Ao final de mais um contato com o COTRIJORNAL, o delegado Ivan Carlos da Mota renovou a confiança de que esse alerta, à exemplo do anterior, merecerá toda a atenção dos associados da COTRIJUI e dos produtores em geral. "Com esse alerta - concluiu Mota - a polícia cumpre a primeira parte da sua obrigação e espera que o agricultor cumpra também a sua parte, prevenindo-se".

## GRANDEZA DO NORTE MOSTRADA NO SUL



Palmeira que produz o dendê

Na primeira quinzena de março a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM e o BASA – Banco da Amazônia S.A., realizaram painéis e seminários sobre o potencial agrícola da Amazônia Legal, em quatro capitais brasileiras. São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre. Através de palestras e debates, procuraram mostrar sempre as perspectivas sócio-econômicas oriundas do esforço conjugado governo e iniciativa privada na região. A convite do superintendente da SUDAM, sr. Hugo Almeida, a coordenação do seminário em Porto Alegre coube a COTRIJUI, por ser pioneira em projeto de colonização como cooperativa de produtores e pela sua já efetiva atuação em Altamira, no Estado do Pará.

### A AMAZÔNIA É UM CONTINENTE

Durante dois dias, no auditório do IPERGS, em Porto Alegre, foi possível ouvir o testemunho dos muitos que vivem na Amazônia Legal. Como esse do engenheiro agrônomo Mário T. Echeverria, da Fazenda Volta Grande, de propriedade de uma companhia colonizadora. “A Amazônia é um país e não apenas uma região. Lá se encontram todos os tipos de solo, clima e precipitações de chuva”. Outro que mostrou conhecimento e confiança na Amazônia foi o sr. Enio Pipino, presidente da Colonizadora Sinop S.A. A certa altura de seu pronunciamento – ele que já ajudou a fundar 23 cidades entre

**Tudo o que sabemos da Amazônia é muito pouco. A região compreendida pela chamada Amazônia Legal é praticamente a metade do Brasil, que é um país-continente. Chegou a hora de ampliarmos nossos conhecimentos sobre toda aquela área.**

Paraná e Mato Grosso do Norte – assim se expressou: “Os brasileiros estão sendo empurrados pelos problemas dos minifúndios e dos cada vez mais crescentes preços das terras do sul. Desta maneira, os caminhos estão apontando para a Amazônia”. Segundo o diretor presidente da SINOP, uma das principais razões do sucesso de um plano de colonização está no próprio homem, no caso, o agricultor: “A agricultura fixa o homem à terra. Se ele tiver sucesso na sua empreitada agrícola, tudo o mais dará certo”.

### O PROJETO DA COTRIJUI

Coube ao professor Edgar Irio Simm, coordenador do Projeto de Colonização da COTRIJUI na Amazônia, discorrer dentro da programação do seminário sobre mais esta frente de ocupação. Iniciou por dizer que “sinto não trazer aqui uma experiência. Eu tenho realmente, apenas, a possibilidade de expor uma filosofia que está se esboçando para uma nova modalidade de colonização”.

Depois de recordar com os participantes do seminário a sistemática de ocupação implantada pelos PICs – Projetos Integrados de Colonização do INCRA, o professor Irio Simm localizou geograficamente a área adquirida pela COTRIJUI e que será repassada aos associados que emigrarem para o Norte. Para ele, fator de transcendental importância será o fato de que as distâncias da área para o principal porto de escoamento de produtos – Santarém – serão menores que as percorridas aqui no Rio Grande do Sul desde a zona de produção de soja até o porto de Rio Grande.

Ao discorrer sobre as causas que levaram a COTRIJUI – como pioneira dentre as cooperativas de produção – a aceitar o convite para lançar-se ao projeto de colonização, Edgar Irio Simm citou como “um dos mais graves problemas que nós enfrentaremos na próxima década é o da estrutura fundiária. O Rio Grande do Sul tem 536 mil estabelecimentos agrícolas, dos quais 400 mil – oitenta por cento – são unida-

des de produção enfêrmas, porque um minifúndio é uma unidade enfêrma. Não se pode construir uma estabilidade econômica, nem eficiência econômica, com base em unidades de produção que sejam enfêrmas”. Irio Simm lembrou então aos empresários investidores participantes do seminário, o aspecto econômico-social da colonização dos 400 mil hectares no estado do Pará, na Amazônia Legal: paralelo à ocupação de terras comprovadamente produtivas do Norte, a reaglutinação de minifúndios no Sul.

### MINIFÚNDIO GERA O DESCONTENTAMENTO

O conferencista mencionou os projetos de diversificação como forma de superar o problema fundiário, mas acentuou que isso significará solução para um número muito pequeno de agricultores. “E eu, como responsável – continuo sendo servidor público, à disposição do Ministério da Agricultura para coordenar esse projeto de interesse recíproco entre cooperativa do Rio Grande do Sul e Governo Federal através do INCRA – desejo realmente lamentar que não se tenha dado e nem se esteja dando a devida atenção para o problema do minifúndio no Rio Grande do Sul. Problema que acarreta descontentamento social. Porque nós sabemos que o nosso produtor de soja está descontente não tanto porque o preço da soja na Bolsa de Chicago baixou, mas porque ele dispõe apenas de 10 hectares para trabalhar”. O professor Simm disse que, dado às circunstâncias em que se desenvolve o projeto, não há que ter pressa para sua implantação. E como o associado da COTRIJUI no sul está acostumado a ter assistência técnica, médica e social, somente nestas condições se proporrá a alguns deles que emigrem para o norte. Simm também expôs o modelo de organização social que será usado na ocupação da área do Projeto COTRIJUI Norte.

### CRAÓS INDÍGENAS E SISTEMA TETRA

Previendo os altos custos para dotar a área da necessária infraestrutura, estudos feitos

apontam dois modelos como os mais viáveis para uma ocupação humana e racional. O primeiro, de inspiração indígena, foi copiado de uma tribo que ocupa a região do Tocantins. Trata-se do Craôs, onde as tabas são construídas em círculo, como se formando uma roda de carroça, ficando assim cada habitação com a mesma distância do eixo central. No caso do projeto da COTRIJUI, Edgar Simm afirmou que já foram demarcados 128 lotes em sete craôs, que variam entre 17 e 25 lotes cada um. No eixo central de cada craô, a COTRIJUI localizará as obras necessárias às áreas da saúde, educação, armazenamento, serraria e outras de apoio. Os lotes dos associados colonizadores terão a forma aproximada de um triângulo, cujo vértice estará voltado para o núcleo central. Neste vértice localizar-se-ão as residências das famílias assentadas, ficando assim próximas uma das outras entre si, e igualmente próximas do complexo da cooperativa.

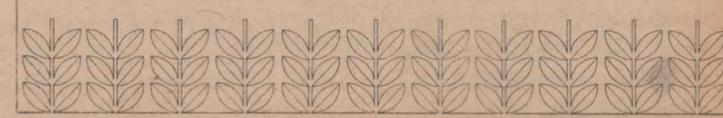
A outra forma de agrupamento poderá ser o sistema tetra, onde os lotes terão forma retangular e serão distribuídos ao longo dos eixos das estradas vicinais. As residências dos moradores serão construídas na confluência de cada quatro lotes, daí o nome de tetra, ou quatro. Estas formas de agrupamento visam a um só tempo vencer as grandes distâncias da região amazônica, agrupar as famílias possibilitando maior convivência e se adequar ao tipo de topografia local e a necessidade de abastecimento de água.

Com a transferência para a área do veterinário Volney Nemitz, para supervisionar a implantação do projeto desde as obras de apoio, demarcação da área, etc., o quadro associativo da COTRIJUI passará a receber informações mais frequentes, quer pelo COTRIJORNAL, quer pelo Informativo COTRIJUI, nas emissoras de Ijuí, Tenente Portela e Dom Pedrito, do que está sendo feito com vistas à colonização.

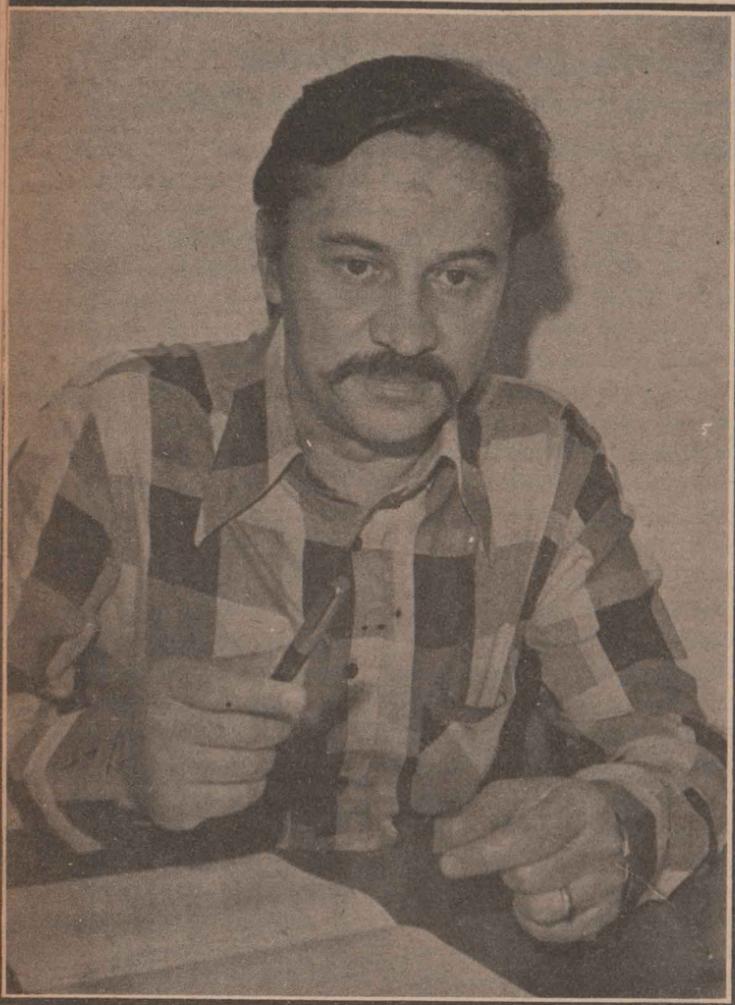
# Adubos Trevo. O braço direito da nossa agricultura.

Pioneira em fabricação de fertilizantes e corretivos do solo, a Trevo é, hoje, a grande fábrica do país, neste setor agrícola, investindo, constantemente, em avançados métodos tecnológicos de produção. Com seus fertilizantes, atua no Rio Grande do Sul, com fábrica em Porto Alegre e no Superporto de Rio Grande, onde seu terminal marítimo próprio tem capacidade de produção para 670 mil toneladas anuais de Superfosfatos, DAP e NPK granulado composto. No Paraná, com fábrica em Paranaguá. E em São Paulo, com fábrica em Cubatão. Já na área de corretivos, atua através de suas indústrias de calcário em Bagé e Pantano Grande. Todas estas unidades industriais dão cobertura completa aos estados do Centro e Sul do País, alcançando, assim, uma produção superior a 20% da demanda nacional. Com isto, as Indústrias Luchsinger Madörin S.A., fabricantes de Adubos Trevo, podem dizer de cima do seu meio século de vida em favor da agricultura, que conhecem como ninguém cada canto deste país. Palmo por palmo.

**ADUBOS TREVO**  
Indústrias Luchsinger Madörin S.A.  
Escritório Central - Av. Júlio de Castilhos, 435  
Fone: 25-5455 - P. Alegre - RS



# CUIDADOS COM OS DEFENSIVOS



Dr. Gilberto Perreira Gomes

Aos poucos vai se generalizando uma consciência para os problemas da toxicologia. Mas a verdade é que muito ainda precisa ser feito até que essa consciência chegue ao ponto de nos despreocupar do problema. Enquanto isso não acontecer, médicos, agrônomos, jornalistas e os agricultores já devidamente esclarecidos, devem continuar divulgando as idéias de prevenção para o perigo.

Sobre o assunto, ouvimos o dr. Gilberto Pereira Gomes, médico chefe do Centro de Saúde de Ijuí, cuja entrevista publicamos a seguir.

**COTRIJORNAL** — O senhor poderia adiantar quais os defensivos que apresentam maior perigo à saúde do homem e dos animais?

**DR. GILBERTO** — É conveniente lembrar que todo o defensivo que pertença aos grupos dos fosforados, clorados, ou carbamatos, são perigosos quando absorvidos pelo organismo humano ou de animais.

Não é isto, entretanto, que ocorre. Veja-se, por exemplo, o caso do DDT. Já que o homem teria de conviver com ele, determinou-se que sua taxa máxima tolerada pelo organismo humano seria 5 microgramas (Organização Mundial de Saúde). Mas o que ocorre é que pela alimentação com carnes e derivados, frutas e hortaliças, o homem vai se impregnando aos poucos e, mesmo sem lidar com inseticidas, já tem altas percentagens de DDT em seu organismo. Como exemplo podemos citar estudos feitos na Guatemala, Polônia e Israel, onde a contaminação do leite materno, vejam só, chegou a 18,2 microgramas de DDT. Se além da contaminação natural, pela

alimentação, o homem juntar a contaminação que faz por sua ignorância ou teimosia em usar mal os inseticidas, ele estará praticando um verdadeiro suicídio.

Alguns desses compostos são tão tóxicos que já foi ensaiado o seu uso em guerras, com desenvolvimento de gases letais. Atentem, portanto, para o seu perigo. Esse perigo tem, porém, duas faces, isto é, duas formas de se apresentar. A primeira é a forma aguda, quando o agricultor ou seus filhos se intoxicam, desmaiando ou entrando em convulsão, e, como se diz na gíria, "está na cara" que o indivíduo se intoxicou. Nesse caso nem é preciso ser médico para diagnosticar. São os casos mais graves, quase sempre mortais. A segunda é a forma mais disfarçada, difícil de notar. O paciente apresenta mal-estar, cansaço, vômito, perturbação mental, falta de ar, cólicas, náusea, diarreia, pressão arterial baixa, bloqueio cardíaco, perturbações urinárias, câibras, fraqueza. Nesses casos, numa intoxicação lenta, o paciente poderá não se dar conta do que está ocorrendo e julgar que a

causa seja outra.

Veja, portanto todos os defensivos que são de uso comum e rotineiro em nosso meio, são perigosos e mesmo mortais, se mal empregados.

**COTRIJORNAL** — No caso de ter que usar tais defensivos em suas lavouras, quais os cuidados que o agricultor deve ter para minimizar ou evitar o perigo de intoxicação?

**DR. GILBERTO** — O agricultor só deverá usar defensivo quando um técnico especializado ou agrônomo indicar. Deve também receber informações quanto ao tipo de defensivo a usar. Jamais empregar inseticidas clorados em locais de pastagem ou alimentação de animais, pois uma vez ingeridos pelos animais, tem efeito acumulativo em seus organismos, matando-os ou tornando-os impróprios para o consumo humano. Cuidar sempre para não contaminar os mananciais líquidos, poços, fontes, riachos e outros. Usar botas, luvas, macacão longo. Cuidar de sua higiene e, caso não tenha, montar chuveiros com banhos frequentes de todos os que trabalham com ou perto dos inseticidas. Não cuidar desse aspecto pode constituir-se em crime sujeito a punições.

Lembre-se sempre: o inseticida pode atacar o organismo humano pela respiração, por via oral ou ainda pela pele. Sua capacidade de agredir o corpo é muito grande.

**COTRIJORNAL** — Considerando a enorme quantidade de defensivos agrícolas postos a venda no mercado sem nenhum controle de venda (agora é que vamos entrar na era do receituário), tem motivado os especialistas a dizer que a Toxicologia deixou de ser a "ciência dos venenos" para transformar-se na "ciência dos intoxicados". Em face disso, temos dúvida se a terapêutica atual oferece segurança de cura para todos os tipos de intoxicados. O senhor poderá discorrer a respeito do assunto?

**DR. GILBERTO** — É extremamente importante que o agricultor se aperceba que deve evitar a intoxicação. A cura de pacientes intoxicados vai depender da rapidez com que o tratamento seja efetuado e da intensidade com que o organismo tenha sido ofendido. Nem todo intoxicado poderá ter sua cura garantida. Muitos casos serão fatais.

Para auxiliar o paciente intoxicado é importante retirá-lo o mais breve possível do local contaminado. Levá-lo ao hospital mais próximo. Verificar qual o produto, inseticida causador das manifestações cí-

nicas. Levar junto o rótulo ou embalagem a fim de que o médico saiba que "contra veneno" usar.

**COTRIJORNAL** — O senhor poderá enumerar algumas orientações de caráter prático a ser seguida por nossos agricultores no sentido de reduzir os riscos de envenenamento?

**DR. GILBERTO** — O risco de envenenamento será reduzido se o agricultor se conscientizar de que todo defensivo é uma arma que pode matá-lo. O fato de não enxergar o produto penetrando em seu aparelho digestivo, pulmão ou pele, não quer dizer que isto não esteja acontecendo. O fato de não enxergarmos a eletricidade não significa que possamos tocar no fio elétrico sem sermos eletrocutados. Todas as pessoas que morreram por intoxicação com defensivos também não vi-

ram que estavam sendo encaminhadas para um fim trágico. Portanto, em primeiro lugar devemos lembrar que estamos agindo com substâncias venenosas; em segundo lugar procurar as informações a nível técnico, com o setor de agrônomos.

Recomendo aos agricultores que tenham em suas casas e em local acessível, para que seus empregados possam ler as publicações distribuídas pela Secretaria de Agricultura e Coordenadoria de Controle do Equilíbrio Ecológico, a saber, "Uso Adequado de Defensivos Agrícolas" e "Conduta nas Intoxicações por Compostos Praguicidas". Esta última publicada pela mesma Coordenadoria e Secretaria da Saúde, da qual a COTRIJUI já fez cópias e as distribuiu em sua área de ação.

## TENHA DENTES SADIOS

\*Dr. Edu Carlan

Nosso propósito é abordar, com a maior simplicidade possível, assuntos relacionados com a saúde em geral e em particular com a saúde oral (da boca). Tentaremos ser o mais objetivos possível, evitando terminologia excessivamente técnica ou acadêmica. Que nos desculpem os profissionais e letrados, se com este objetivo vier a ferir-los com vocábulos de uso popular ou expressões consagradas pelo uso.

O sistema cooperativo integrado, que propõe a realização total do cooperativado, tanto no plano técnico como no econômico, no social, no profissional e no político, não estaria completo e não atingiria totalmente seu objetivo se não atentasse, também, para o setor da saúde. Para alcançar aqueles propósitos a cooperativa se empenha na educação técnico-profissional e no aprimoramento da cultura e da política (entendida no sentido genérico da arte de governar e administrar bens do estado e particulares) dos seus associados e dependentes. Em nível de saúde enfatiza-se aqueles meios que evitam o aparecimento das doenças, ou seja, que previnem através das vacinas; que tornam o organismo mais resistente, inculcando hábitos corretos de higiene e atualizados de boa alimentação, como também conscientizando da necessidade do repouso, do lazer e das férias.

Com o emprego, em tempo certo, das vacinas, os senhores pais devem procurar junto ao médico ou aos postos e centro de saúde, os cartões aonde estão impressas as datas e as idades em que deverão ser feitas as diferentes vacinas. Infelizmente, no que diz respeito a cárie dentária, ainda não existe vacina que imunize, muito embora vários centros de pesquisa, em diferentes países, estejam se dedicando há anos na ingente tarefa de resolver mais este desafio. Por esta razão é que devemos ter o máximo de cuidados com relação a higiene da boca e dos dentes; com nossa alimentação e com o exame periódico ao dentista. O emprego do flúor, que aplicado diretamente sobre os dentes pelo dentista, quer administrado em solução para ser ingerido — neste caso com recomendação médica ou do dentista — tem a propriedade de evitar a incidência da cárie numa proporção de 40 a 50%. O alimento que utilizamos para suprir nossas necessidades vitais diárias só podem ser plenamente utilizados, assimilados pelo organismo se totalmente digeridos. O processo da digestão dos alimentos tem início na boca, com a formação do bolo alimentar constituído pelos alimentos triturados pelos dentes e impregnados pelas enzimas que se encontram na saliva. Se a boca não estiver em condições de exercer corretamente este trabalho, o processo de digestão e consequentemente o da assimilação estará fatalmente prejudicado a ponto de grande parte do alimento ingerido não ser utilizado e, pior ainda, a ingestão destes alimentos mal triturados provocar distúrbios funcionais do estômago e dos intestinos. Devemos, pois, dar o máximo de cuidado à saúde da boca e dos dentes para que ela venha desempenhar correta e eficientemente seu trabalho na digestão dos alimentos para que estes contribuam de fato para a manutenção de nossa saúde e de nossas atividades.

Voltaremos numa próxima ocasião, quando daremos prosseguimento ao assunto, abordando problemas como: funções dos dentes e da boca, evolução da dentição, causas das doenças relacionadas com a boca e dentes, exame periódico, métodos de higiene e profilaxia, cuidados pré-natal, etc.

\* Edu Carlan é odontólogo em Ijuí.

# COLOCAÇÃO DE MELGUEIRAS

de Pedro KOLLAS



Para o apicultor que recém começa a dar os primeiros passos no emaranhado mundo que é a criação de abelhas, a colocação de melgueiras na hora exata é um problema, e sempre a incerteza e a insegurança acabam por situar o noviço em posição incorreta, com perda de tempo e tudo o mais.

Daí que nunca é demais orientar alguns pontos considerados essenciais e que devem ser observados e levados em consideração, se quisermos, de fato, obter algum sucesso em apicultura. Quando o ninho está praticamente tomado, e entre o travessão superior dos caixilhos e a tampa da colmeia as abelhas começam a construir pontos de cera, semelhantes a pedaços de favos, é a hora exata de se colocar a primeira melgueira.

Se tivermos o cuidado quando colocarmos nas caixilhos da melgueira, cera laminada, completa, que cubra todo o espaço onde será desenvolvido o favo, então ganharemos muito tempo. Mas, se tivermos carência de cera, somente uma tira colocada sob o travessão superior também resolve. Claro que atrasa a construção de favos, além do atraso, tem outras desvantagens, pois, as abelhas acostumam e gostam de colocar cria nestes favos que elas

mesmas constroem.

Quando a primeira melgueira estiver praticamente cheia, com os favos já operculados, é hora de se colocar a segunda melgueira. E isso se faz levantando a primeira e colocando a segunda entre aquela e o ninho, assim teremos o ninho e a segunda melgueira vazia e a primeira cheia em cima da vazia. Quando a melgueira bem de cima estiver operculada, será centrifugada e recolocada na colmeia logo acima do ninho, portanto, repetindo a primeira operação.

O tempo necessário para que as abelhas completem uma melgueira, varia muito, depende da florada e do número de abelhas campeiras que coma família. Portanto, o correto é nas épocas de escassez de alimentos, sendo poucas abelhas, e a proporção que vai se aproximando a safra, (depende sempre do apicultor) é tempo de ir fortificando a família para que, quando rebente a florada, contaremos com caixas fortes e vigorosas com abelhas, a colméia fraca de poucas abelhas, não tem mel. Também é aconselhável devolver a melgueira vazia, já centrifugada, às abelhas a noite. Como vemos, caros amigos, o exato em apicultura é muito relativo. A cada momento as abelhas nos surpreendem com situações até então desconhecidas para nós.

Portanto o apicultor sempre encontra novidades com as abelhas, aprendendo e aprendendo, encontrando novidades. Mas, como dizíamos no início, quando as abelhas começarem a construir ligaduras entre o travessão superior dos caixilhos e a tampa da colméia, está na hora de colocarmos a primeira melgueira.

## SUGESTÕES:

Mel Puro da A.A.I.

Experimente o mel puro, no chimarrão, no café, na caipira ou no chá de limão contra os resfriados.

Mel Puro — Seu valor e propriedades:

Glicogénico, hepato protetor, cardiotrópico, diurético, laxante suave, neurotônico, ação bactericida energeticóide primeiro grau, catalizador por excelência e embelezador da cutis, recuperador da visão, rejuvenecedor.

A Associação da A.A.I., em breve ministrará cursos práticos e teóricos para apicultores iniciantes. Os interessados, sendo sócio da A.A.I. ou não, podem entrar em contato nas reuniões com a diretoria da entidade no local das reuniões.

Mais informações com o secretário da A.A.I., rua Niterói nº 375, bairro Mundstock — Ijuí.

O próximo artigo será Apiário no Verão.

de Pedro KOLLAS é Secretário da A.A.I.

## QUANDO É DESTRUÍDO O EQUILÍBRIO ECOLÓGICO

Os pássaros simbolizam o amor, a liberdade e a beleza. A par desses valores espirituais estão situados na grande e maravilhosa orquestra da Natureza, onde nenhum ser vivo é dispensável, por menor e mais insignificante que possa parecer. Assim começa o texto de excelente reportagem publicada no jornal "O Interior", de Carazinho, edição de 13 de janeiro último. E continua aquele jornal:

Apenas a condição de serem pequenos, indefesos, já deveria ser o suficiente para que os homens cuidassem e protegessem os pássaros. Mas os pássaros são ainda de grande utilidade para o homem.

A China, todos sabem, é um país de área territorial quase igual à do Brasil, porém sua população gira em torno de 700 milhões de pessoas. Daí é fácil imaginar os esforços que devem ser feitos para produzir os alimentos e afastar de cada casa o fantasma da fome. Qualquer ameaça de destruição ou desperdício é combatida sem descanso, mobilizando a maior riqueza da nação: o povo.

Por volta de 1950, os chineses estavam preocupados porque os pássaros comiam quase dez por cento do arroz produzido no país e isso era um prejuízo intolerável. O combate direto com armas saíria muito caro, os venenos eram igualmente caros e ainda muito perigosos. Que fazer então?

Foi adotada uma solução desconhecida nos livros da História. Os homens do campo e da cidade foram convocados para a formação do maior conjunto musical do mundo. Homens, mulheres e crianças, munidos de tambores, latas, panelas e qualquer objeto semelhante, se puseram a bater e a rufar sem parar. Os pássaros apavorados voavam de um lugar para outro e não encontravam sossego para pousar num galho e descansar. Assim, sem mais forças, caíam mortos.

A batucada da morte deu resultado e os camponeses sorriam satisfeitos. "Agora — diziam todos — não perderemos mais nosso arroz para os pássaros e não haverá mais fome". O problema estava resolvido.

No entanto, a sinfonia da Natureza não tolera desequilíbrios. Os insetos, livres de um de seus inimigos naturais, entraram em violenta multiplicação e aí passaram a comer, não apenas dez por cento, mas quase a metade das colheitas. Reconhecendo o erro cometido, todos se uniram novamente, desta vez para combater os insetos e para repovoar de pássaros os campos e as matas. Muitos anos e muitos recursos foram gastos para recuperar o novo e saudável equilíbrio.

Das amargas experiências saem as sábias lições. A Natureza é equilibrada por essência e só assim a vida de pessoas, animais e plantas estará assegurada.

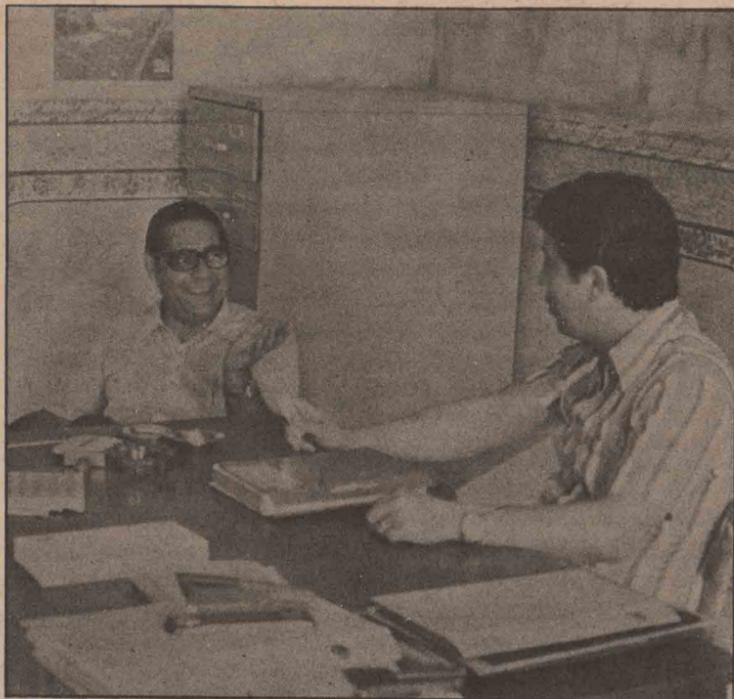
## PARA AS DOENÇAS DO TRIGO:

## DITHANE M-45 E KARATHANE

Triticultor, não deixe as doenças do trigo prejudicarem sua colheita e seu lucro. Use Dithane M-45 e Karathane. Dithane M-45 controla as ferrugens, septorioses e a helmintosporiose. Karathane controla o oídio. É preciso produzir mais para importar menos. Lucra você, lucra o Brasil.



# PRODUTORES DEBATEM PROBLEMAS



Antônio Cândido da Silva Neto e eng. agr. Ênio Siqueira, em Dom Pedrito

Ao dispensar aos associados uma boa assistência técnica, a COTRIJUI coloca seu quadro de agrônomos, veterinários e técnicos de nível médio, em benefício do produtor. Preocupados com a obtenção de melhores resultados na produção, agricultor e técnico dialogam, trocam idéias. Esta conversa salutar entre vários deles é condensada aqui pelo COTRIJORNAL.

## SOJA EM DOM PEDRITO

Associado: Antônio Cândido

da Silva Neto.

Técnico: Ênio Siqueira — engenheiro agrônomo

Silva Neto: — O que o sr. acha da produção de soja na região de Dom Pedrito?

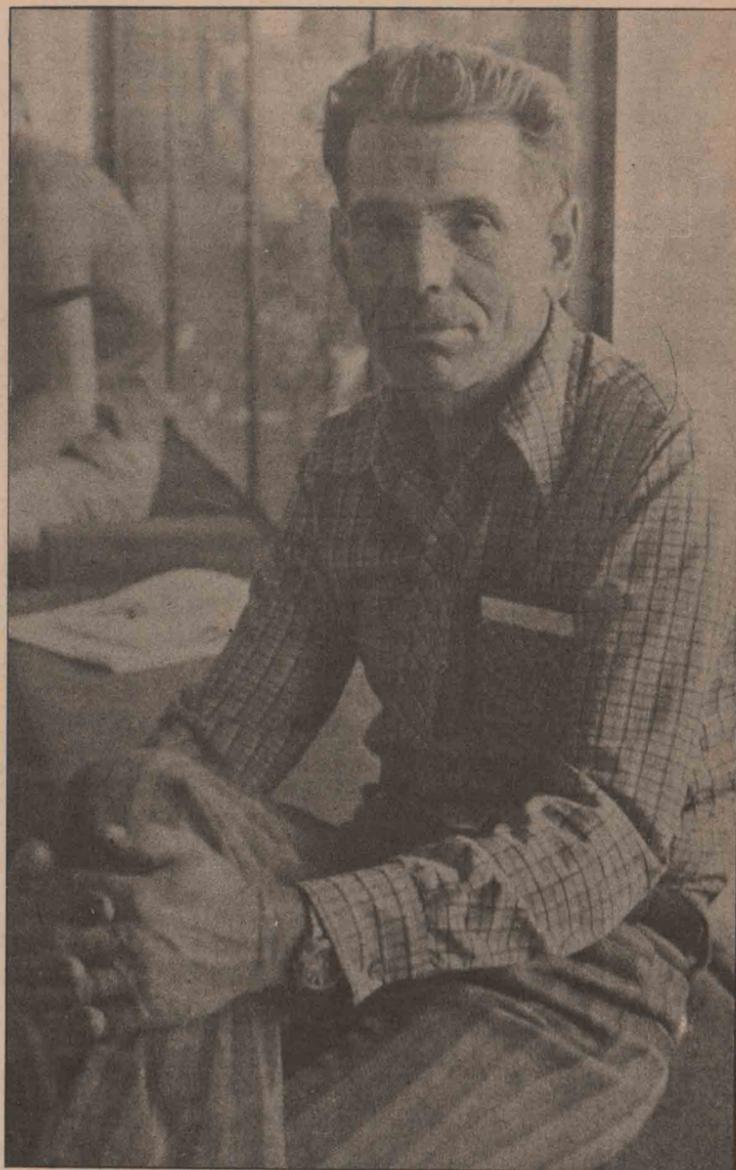
Dr. Ênio: — Para explicar o crescimento da lavoura de soja, há que se considerar dois aspectos. Os altos preços pagos pelo produto na safra passada e a necessidade que o agricultor sente de diversificar.

Silva Neto: Deixe-me acrescentar, dr. Ênio, que a assis-

tência técnica dispensada pela COTRIJUI na safra foi de influência primordial. Os produtores esperavam a chegada da COTRIJUI para se lançar ao cultivo da soja em Dom Pedrito, pois conheciam a estrutura da mesma e as condições técnicas em que se desenvolveria a lavoura, bem como a segurança na comercialização.

Dr. Ênio: — O que o sr. nos diz da forma de comercialização adotada pela COTRIJUI?

Silva Neto: — No primeiro ano é oneroso para o produtor, que se vendesse no comércio receberia o dinheiro no ato da operação. No entanto, à partir do segundo ano, ao mesmo tempo em que o associado estiver recebendo da COTRIJUI a liquidação do produto entregue na safra anterior, também receberá o dinheiro do financiamento para custeio da lavoura. Essa a vantagem de comercializar o arroz através da cooperativa. Na carne, a maneira adotada pela COTRIJUI solucionou um grande problema. Antes se estabelecia preços, mas só para boi de 500 kg. Na COTRIJUI, o animal com 210 kg de carcaça quente já recebe o prêmio máximo. Na soja, a meu ver, o sistema de comercialização empregado na COTRIJUI chega a atingir a perfeição. Entrega a preço médio, ou fica em depósito, deixando o associado completamente livre. E graças à consciência dos produtores as-



Dary Meggiolaro, Boa Esperança, Ijuí.

sociados, de que todo o produto deve ser entregue à sua cooperativa, é que a COTRIJUI é o que é.

## PRODUÇÃO DE SEMENTES E ÉPOCAS DE PLANTIO

Associado: Dary Meggiolaro (Boa Esperança — Ijuí)

Técnico: Sidney Gervini Souza — engenheiro agrônomo

Dr. Sidney: — Quais os cuidados que o sr. segue para produzir semente de soja?

Meggiolaro: — Limpar bem a lavoura em primeiro lugar, retirando a mistura e feijão miúdo. Regular bem as máquinas e procurar colher sem umidade. Deve se estar sempre atento ao fedede e à lagarta. Fui o primeiro a entregar tremosso-semente para a COTRIJUI.

Dr. Sidney: — O sr. tem seguido as recomendações do Departamento Técnico sobre a época de plantio das diferentes culturas?

Meggiolaro: — Sim. Me lembro que no ano passado uma informação de rádio criou certa confusão, dizendo que já era tarde para plantar soja. Para tirar a dúvida consultei o Departamento Técnico, e fiz a lavoura tranquilo. Alcancei média de 26 sacos por um de planta, na soja do cedo. Nas variedades do tarde em minha lavoura ocorreu grando e depois a seca, mas isso ninguém pode prever. Por isso sigo

sempre o conselho dos agrônomos da cooperativa.

## DESMATAMENTO E DIVERSIFICAÇÃO

Associado: Euclides Ari Bigolin (Vila Floresta — Ijuí)

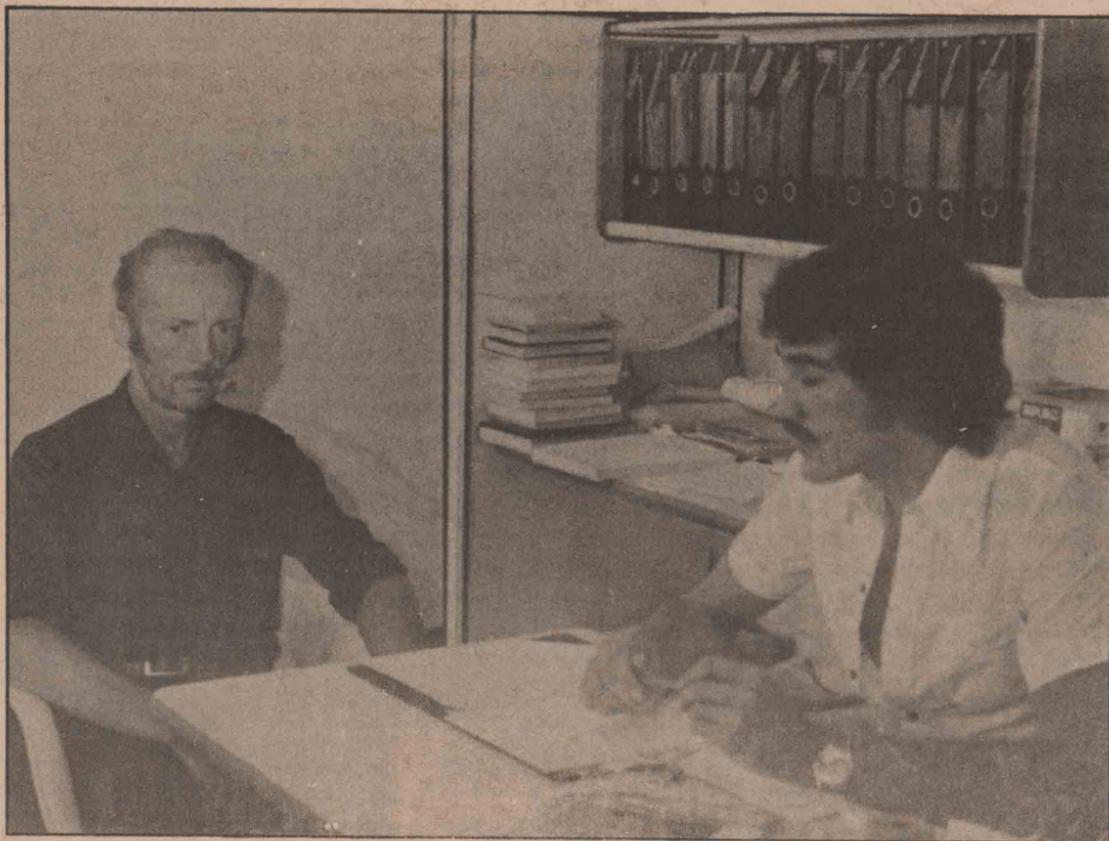
Técnico: Auri dos Santos Braga — técnico agrícola.

Auri: — Quais os principais fatores que o sr. considera que provocaram o desmatamento das nossas regiões agrícolas?

Bigolin: — O desenvolvimento da lavoura mecanizada e a necessidade de produzir mais. Houve desmatamento exagerado. Só havia trigo e soja como alternativa, daí a gente foi desmatando. O rio Noque, perto de minha terra, está quase seco e isso é resultado do desmatamento exagerado. Já produzi outras culturas, mas faltou mão-de-obra e passei a me dedicar só a soja e trigo. Seria bom começar a reflorestar, começando pelas áreas não mecanizáveis.

Bigolin: — Que outra atividade poderia introduzir em minha propriedade, sem prejuízo de rendimentos?

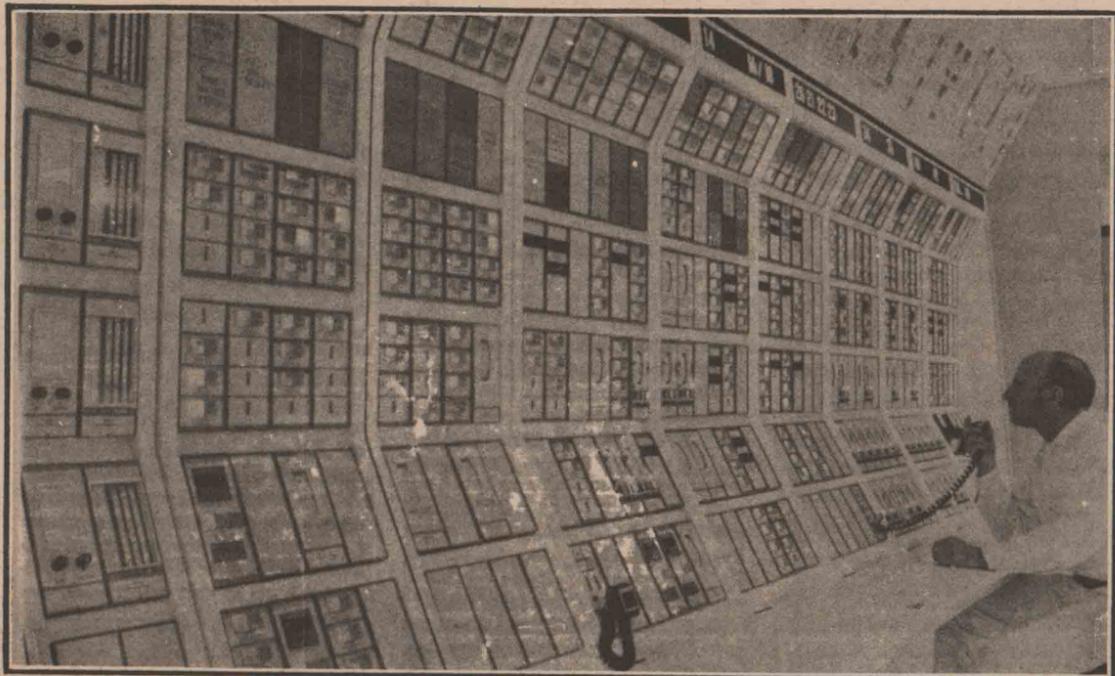
Auri: — Sugiro, pelas características da área, a pecuária de leite, tendo em vista que agora o sr. já dispõe de mão-de-obra caseira, pois os filhos cresceram. Para tanto, deverá procurar a orientação do Departamento Técnico, com vistas à implantação de pastagens.



Euclides Bigolin e o técnico Auri dos Santos Braga, de Ijuí.

# IJUI - ANO 2078

João Roberto Vasconcellos



O robô de metal dourado e cheio de pequenas luzes anunciou a parada do elevador, dizendo com voz grave: 153º andar, salas de aperfeiçoamento para recém formados. A porta abriu-se silenciosa e uma turma barulhenta de jovens começou a andar no longo corredor, conduzida pelo tapete rolante.

Os rapazes, em número de oito, há poucos dias haviam concluído a primeira etapa do Curso Superior Eletrônico, que consiste na aplicação do processo SS, Sonoterapia-Saber, quando, ao longo de trinta dias, dormindo, o acadêmico-SS assimila toda a matéria, através de uma aparelhagem especial.

A sala Alpha, onde eles entram, é simples, salvo o detalhe do quadro-negro, que na realidade é um imenso painel eletrônico onde surgem imagens, textos e números. As carteiras escolares são equipadas com uma pequena tela tridimensional, possibilitando ao estudante recorrer a qualquer dado que lhe seja necessário. O aluno pode inclusive acionar o centro de computação da universidade, cujos dados automaticamente começam a surgir em sua tela individual.

Vamos fazer um leve aquecimento, disse o professor Beguin, sugerindo

um bate-papo sobre a fase evolutiva alcançada pela humanidade nos últimos cem anos.

O aluno Ephraim, disse ter achado muito interessante um documentário apresentado pela televisão sobre a era do petróleo quando o mundo esteve com sua economia a beira do colapso total.

— Realmente, disse o mestre, essa fase durou até perto do ano dois mil, quando então o homem teve que alterar suas estruturas vivenciais, sob pena de perecer. Nessa época, continuou, surgiam os primeiros tratados sobre ecologia e o desequilíbrio era comum em todos os setores da natureza.

— Qual foi o fator preponderante para o chamado renascimento da humanidade, perguntou Einstein, um aluno de cabelos claros que sentava a um canto da sala.

— Bem, até a década de 1990 o homem achava que a mola mestra do mundo era o petróleo, uma substância extraída do sub-solo e que devidamente preparada, movia automóveis, navios, aviões e ainda proporcionava uma série de outros produtos para uso da própria humanidade.

— Nesse tempo, os árabes possuíam as maiores reservas e eram os senhores

do mundo, com seus petrodólares, completou Luiz XV, um aluno da primeira fila.

— E por acaso existe diferença do que somos hoje e do nosso dinheiro, que lá fora é chamado de soy-dólar, falou Ephraim.

— A diferença fundamental, observou Luiz XV, é que o petróleo movia o mundo, mas a soja move o homem e sem homem isto nem seria mundo.

Mas foi uma série de acontecimentos e não somente um fato isolado que contribuiu para essa mudança, salientou o professor. Posso dar como exemplo, disse, o fato das então chamadas potências mundiais terem resolvido se desfazer de seus artefatos atômicos, despachando suas armas em aeronaves espaciais para os confins da galáxia, em solenidade que emocionou o mundo. Isso, beneficiou todos nós, indistintamente. Observem que nós só conhecemos guerras através dos filmes e dos livros. O mais importante, é que aquelas vultosas somas foram canalizadas para o benefício da humanidade e não para o seu extermínio.

— No Brasil, tudo começou a melhorar depois que foi implantado o regime cooperativista, comentou Dante, outro aluno.

— O Brasil começou a

ganhar destaque com a soja, essa planta maravilhosa que nossos antepassados nos ensinaram a cultivar e que acabou matando a fome do mundo. Aliás, a fome, prosseguiu o professor, foi apenas um dos benefícios proporcionados pela soja, porque em verdade, hoje, já temos exatamente 12.427 produtos fabricados à base de soja. O problema é que nossos antepassados ainda não sabiam controlar o tempo e viviam a mercê de seca, ou chuva, além da incidência de pragas e fungos.

A seguir o professor Beguin acionou alguns botões no painel de sua mesa e o instrumento eletrônico começou a mostrar lagartas, fede-fede e aspectos da planta atacada por fungos.

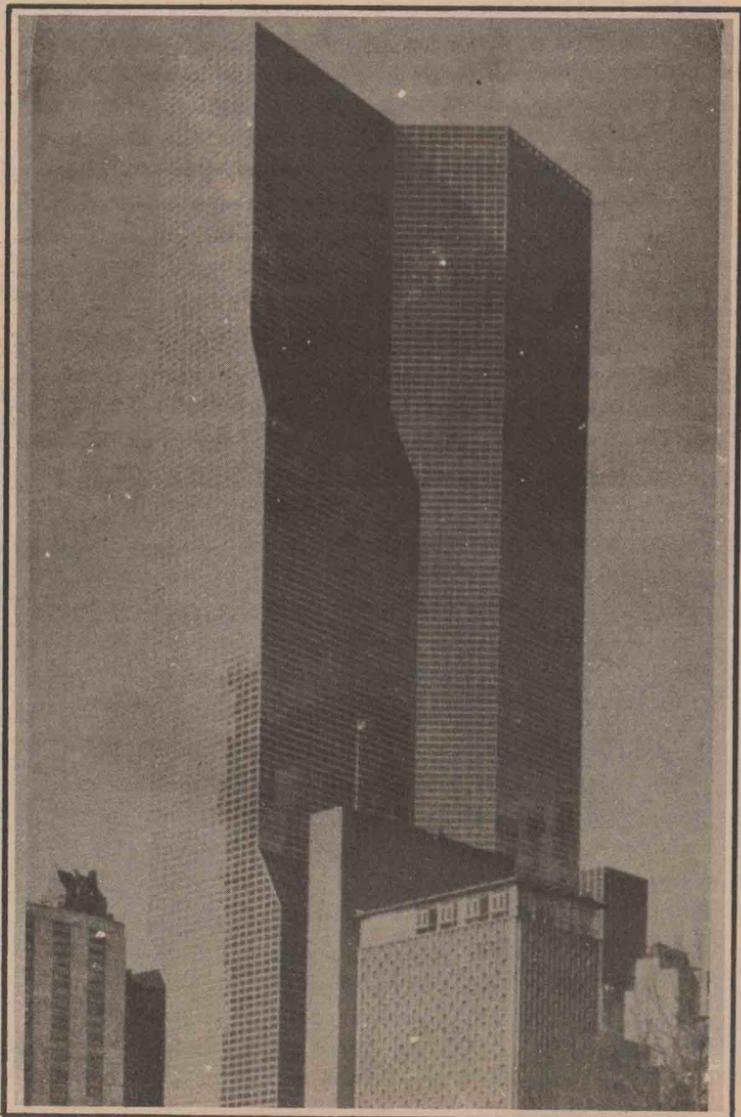
Hoje, frisou Beguin, a nossa produção média por hectare já ultrapassou os duzentos sacos e nossas culturas de soja no planeta Marte e no Planeta Urano, são excepcionais. Em mar-

te a planta chega a medir 3,5 metros e cada grão pesa em média 100 gramas. Realmente, hoje é tudo mais fácil, concluiu o professor.

— E dizer que tem gente que reclama, hoje, quando não temos guerras, nem doenças, nem fome, nem desertos e nem poluição, enfatizou Sócrates, aluno sério e interessado que ainda não falara.

E muito disso tudo, nós devemos à soja. Eu até acho que quando Deus resolveu fazer o mundo de forma arredondada, com certeza deveria estar pensando num grãozinho de soja, falou Dante.

Nesse meio tempo, o painel grande da sala de aula e as pequenas telas das carteiras começavam a anunciar o fim do período de aquecimento. Começaria mais uma aula para os universitários, que ao longo de sessenta dias, completariam seu curso superior.



# PEIXE É UM BOM NEGÓCIO

Comer peixe pode não ser hábito entre nós, principalmente os gaúchos da Serra e Missões, por estarem mais distantes dos centros receptadores. Este quadro tende a se modificar por várias razões. É que dentro de um processo de diversificação da produção, procurando corrigir certos perigos da monocultura, a COTRIJUI e outras cooperativas vem incentivando seus associados à prática da piscicultura. Esta reportagem mostra alguns dados concretos sobre o que está sendo feito já a nível de produtor. COTRIJORNAL ouviu os criadores de peixe logo após a Semana Santa, época em que o consumo de peixe, por tradição, atinge nível máximo. E é neste período que o criador tem oportunidade de fazer um balanço da sua atividade, tirando as conclusões.



Nas cisternas de concreto, Rehl coloca o peixe destinado à venda.

Etmar Rehl é produtor de trigo e soja, além de algumas culturas de subsistência. O açude em meio à propriedade tem 2,5 ha, destinado a engorda e 1 de criação, em Coronel Barros (Ijuí), às margens da BR-285. Explorando apenas um terço de sua capacidade — segundo o próprio Rehl — teve por ocasião da Semana Santa este ano uma ren-

da de Cr\$ 36.000,00. Deduzidos os gastos com adubo químico, mais palha de soja, mandioca e abóbora que são próprios, a renda líquida fica em torno de Cr\$. 33.000,00. É que ele povoou o açude com dois mil exemplares de carpa, quando, segundo o técnico da cooperativa, poderia ter engordado até sete mil. Ainda assim, Etmar prova a rentabili-

dade da piscicultura: na engorda de 26 porcos, com o que obteve uma renda de Cr\$ 25 mil, ele gastou em ração o que daria para manter o açude durante tres anos.

Sem atingir as condições ideais de trato, já este ano ele alcançou o peso médio de 1.300 Kg por carpa.

Enquanto ouvia atenta-

mente as recomendações do técnico sobre a colocação de calcário, ração e adubo no devido tempo, Rehl foi dizendo: "Este ano vendi peixe até para gente do Paraná. Eram viajantes que passavam pela estrada e ficavam sabendo que eu crio. Os da região elogiam o gosto da carpa que eu crio; porque não tem gosto de barro, devido ao trato. Vou aumentar a produção, porque este ano faltou peixe".

## BERBAUM:ACREDITA NO PEIXE HÁ 17 ANOS

Tradicional criador de peixes, Walter Berbaum mora na Linha 5 Oeste, interior de Ijuí. Há 17 anos repete o processo de esvaziamento do açude grande para calcariar e adubar. A produção é retirada para venda ao consumo. Parte é conservada para a reprodução. Usa tres açudes alternadamente, o que segundo o técnico Adroaldo Hartmann, facilita o manejo. Num deles conserva os peixes até atingirem o tamanho ideal, isto é para multiplicação e crescimento. Depois o grande cardume é transferido para o açude maior, destinado à engorda. Um terceiro abriga as traíras, que atuam como moderadoras da reprodução. Para cada 100 carpas (ou tilápias) é necessário colocar durante os meses de verão, uma ou duas traíras. Essas vão comer parte dos filhotes nascidos, impedindo uma superpopulação no açude, o que seria prejudicial à produção de peixes de bom tamanho e peso.

Os 17 anos de trabalho na piscicultura são o próprio testemunho de que Walter Berbaum não vai desistir. Pelo contrário. Adquiriu refugio de trigo e soja na cooperativa para servir de ração, além de quantias de esterco de porco, gado e galinha nas pro-

porções recomendadas pelo técnico. Este ano pretende povoar o açude grande com 4 mil unidades de carpa.

## O NECESSÁRIO PARA UM ha DE AÇUDE

O setor de piscicultura do Departamento Técnico da COTRIJUI aconselha a seguinte proporção para um hectare de açude. Estes números deverão ser adaptados em conformidade com o tamanho do açude, e entrada d'água sendo aconselhável sempre consultar o técnico:

- 1 ha de açude
- 3.500 carpas de 15 a 20 cm.
- 250 kg. de adubo do trigo (colocados em 12 parcelas no ano).
- 2.000 kg de calcário (colocar após a despesca e no esvaziamento do açude).
- 4.500 kg de esterco de galinha, ou 9.000 kg de esterco de gado ou porco.

Este esterco deverá ser preferencialmente fresco, e colocado no açude diariamente. Tanto servirá como adubo e alimento.

- 4.500 kg de ração. Deve ser dada aos peixes a razão de 2 por cento do peso dos mesmos. Os peixes devem receber alimento pela manhã e pela tarde, devendo ser granulada a ração, o que evitará se dissolva n'água. É aconselhável experimentar a seguinte distribuição mensal no caso da ração, observando sempre tratar-se de números apropriados para açudes de um hectare:

- 1º mes . . . . 100 kg.
- 2º mes . . . . 150 kg
- 3º mes . . . . 200 kg, e assim sucessivamente. Aumentar 50 kg por mes, de forma a alcançar 650 kg no décimo segundo mes. Num ano, se terá dado 4.500 kgs de ração aos peixes.

## PEIXES ORNAMENTAIS

A SUDEPE estuda a elaboração de projeto em colaboração com a FAO, visando a exploração nacional de peixes ornamentais e o estabelecimento de diretrizes para a implantação de centro de aquicultura para peixes ornamentais na região amazônica.

Entre os objetivos do projeto destaca-se o levantamento da situação atual da exploração e comercialização de peixes ornamentais nos Estados amazônicos e no resto do País, e a adoção de uma política para implementar e racionalizar a atividade. Serão ainda projetados investimentos para possibilitar o treinamento de biólogos brasileiros com espe-

cialização em peixes ornamentais.

Para a execução desse projeto, a FAO enviará ao Brasil um biólogo de pesca com larga experiência, que fará o levantamento da atual situação do setor, sugerirá uma política para o seu desenvolvimento e elaborará o projeto de investimento para construção do Centro de Aquicultura Ornamental. A FAO também enviará ao Brasil um ictiopatologista, encarregado de proceder a um levantamento sobre a incidência de doenças em peixes ornamentais e sugerir medidas que reduzam a mortandade por elas causadas, bem como, colaborar com o biólogo de pesca



Com seus três açudes, Berbaum pode remanejar a criação, e sempre tem peixe.

## COTRIJUI NOVAMENTE É DESTAQUE EM EXPORTAÇÃO

Mais uma vez a COTRIJUI destaca-se em âmbito nacional como potência exportadora. A cooperativa, que no ano fiscal de 1976 apareceu em 20º lugar em todo o território nacional na pauta da exportação, colocou-se no 18º lugar em 1977, segundo estatística feita pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil.

A colocação da COTRIJUI no Rio Grande do Sul está em segundo lugar, vindo logo após a Olvebra, tendo ficado em terceiro a Samrig, multinacional do grupo Bung Borne. Para merecer esse destaque na pauta da exportação a COTRIJUI

embarcou para diversos países da América do Sul e área do Mercado Comum Europeu, 100 milhões de dólares.

A relação total das empresas que se colocaram até o 20º lugar na pauta de exportação, é a seguinte: Companhia Vale do Rio Doce, Instituto do Açúcar e do Alcool, Sanbra, PETROBRÁS, Intercontinental do Café, Cargill Agrícola, Volkswagen, Interbrás, Olvebra, Minerações Brasileiras Reunidas, Tristão, Philco, Barreto Araújo, Anderson Clayton, COBEC, Unicafé, Esteve Irmãos, COTRIJUI, Samrig e Erminio Bozo.

## COOPERATIVISMO NO CHILE

\* José Soracco Troncoso

Em visita realizada ao Chile, em janeiro último, tive oportunidade de conversar com a direção do órgão máximo do ensino cooperativista: o Instituto Chileno de Educação Cooperativista — ICECOOP. Pude observar a situação global atual do movimento cooperativista no contexto da realidade nacional chilena. Segundo um informativo publicado pela referida instituição, o panorama geral tem a seguinte configuração.

Tendência da economia nacional: é possível dizer que a médio prazo, o esquema fundamental para as atividades econômicas será a iniciativa privada, numa economia capitalista de cunho tradicional. Esta tendência decorre de um desejo de "descoletivar" a economia e de reduzir a atividade do Estado no campo empresarial, falando-se de forma geral. Os aspectos da economia chilena, descritos acima, visam reforçar a iniciativa e autonomia individual, a agressividade empresarial e a eficiência tecnológica, medida pela produtividade.

Do ponto de vista social significa uma diminuição da participação nos estratos médios e baixos no desenvolvimento econômico.

A concentração do poder, a falta de formas de expressão das bases, a desconfiança entre grupos, configuram um quadro no qual as figuras democráticas de organização encontram um clima adverso. A ideologia cooperativista encontra-se, assim, deslocada do enfoque prioritário no campo do desenvolvimento nacional.

A conclusão do informe antevê que as cooperativas, a curto e médio prazo, serão elementos marginais de uma economia organizada sobre outras bases e a sua sobrevivência será difícil.

Tal panorama implica ter consciência da situação "marginal" do cooperativismo e de que as possibilidades de desenvolvimento são escassas. Também em razão do que se descreveu anteriormente, a possibilidade de que o cooperativismo possa transformar-se efetivamente numa ferramenta de desenvolvimento social é muito remota, pelo menos num prazo imediato.

A atitude indicada seria "uma espera ativa de melhores condições". Espera ativa, porquanto se pensa que a longo prazo possa produzir uma mudança de condições, e a estratégia atual seria a de aproveitar as conjunturas favoráveis para manter em bom pé o movimento cooperativista.

Até aqui o informe do ICECOOP nos mostra que o cooperativismo não é um sistema ainda, pelo menos em nossos países em via de desenvolvimento, sendo parte integrante de outro maior, ao qual está circunscrito e deve acompanhar, como estratégia de subsistência. Tal estratégia só poderá ser seguida até o ponto em que não entrar em contradição com a filosofia cooperativista, sob risco de transformar-se em uma identidade do sistema dominante.

\*O professor José Soracco Troncoso, de nacionalidade chilena, leciona Teoria Geral de Administração, na FIDENE.

## COTRISA TAMBÉM NO MATO GROSSO

A Cooperativa Tritícola Santo Ângelo — COTRISA — deu importante passo em direção ao Oeste do país, ao incorporar a Cooperativa Agropecuária Mista Centro-Sul (Copasul), de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A assembleia dos associados da Cotrisa que aprovou a incorporação ocorreu no último dia 4. Os associados da Copasul já haviam aprovado a incorporação.

Falando à imprensa sobre o passo dado pela Cotrisa, seu presidente, Jandy Schau de Araújo, disse que a área abrangida no Mato Grosso do Sul pela antiga Copasul abrange uma extensão de dois milhões de hectares em 13 municípios.

Como é fácil de observar, os mato-grossenses estão dando um belo exemplo ao Brasil de unidade, ao procurarem cooperativas maiores e de solidez comprovada para levar avante a bandeira progressista do sistema cooperativista, pois, como hoje é do conhecimento público, a COTRIJUI incorporou a Cooperativa de Maracaju, também do Mato Grosso do Sul.

## FUSÕES PARA FORTALECER

Tendo por tema as fusões de cooperativas, o Suplemento Rural do Correio do Povo, edição de 10 de março, publicou interessante matéria onde pode-se constatar a evolução do sistema através do fortalecimento pelas fusões, política essa que é recomendada e estimulada pelo INCRA.

A relação de incorporações, que é somente do ano findo de 1977, é a seguinte:

— Cooperativa Mista Mauá Ltda, à Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda — COTRIJUI — com sede no município de Ijuí (05.01.77);

— Cooperativa Mista União de Estrela Ltda., à Cooperativa Regional Agropecuária Languiru Ltda, com sede em Estrela (08.02.77);

— Cooperativa Agrícola Mista São Caetano Ltda., à Cooperativa Agropecuária Alto Uruguai Ltda, com sede em Três de Maio (17.03.77).

— Cooperativa de Produção de Banha Sant'Ana Ltda., à Cooperativa Tritícola de Getúlio Vargas Ltda, com sede em Getúlio Vargas (04.04.77)

— Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda, com sede em Dom Pedrito, à Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda, com sede em Ijuí (06.05.77);

— Cooperativa Agrícola Nova Vitória Ltda, com sede em Severiano de Almeida, à Cooperativa Tritícola de Erexim, com sede em Erexim (29.06.77);

— Cooperativa de Consumo dos Servidores Municipais Ltda, à Cooperativa de Consumo União Ltda, com sede em Cachoeira do Sul (15.07.77);

— Cooperativa Agrícola Ana Rech Ltda., à Cooperativa Agropecuária Caxiense Ltda, com sede em Caxias do Sul (02.08.77);

— Cooperativa Sulina de Inseminação Artificial Ltda., à Cooperativa Regional Sudeste dos Produtores de Lãs Ltda, com sede em Pelotas (10.10.77);

— Cooperativa Veranense de Cereais Ltda, com sede em Veranópolis, à Cooperativa Agropecuária Carlos Barbosa Santa Clara Ltda, com sede em Carlos Barbosa (07.12.77);

Ainda no corrente ano realizou-se a fusão das Cooperativas Agrícola Alegretense Ltda e Orizícola Progresso Ltda, com sede em Alegrete (06.01.78), bem como as incorporações da Cooperativa Mista de Maracaju Ltda, com sede no Estado do Mato Grosso, à Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda, com sede em Ijuí e Cooperativa de Carnes e Derivados da Zona Sul Ltda, à Cooperativa Orizícola do Sul Ltda, com sede em Jaguarão.

No momento encontra-se em fase final de estudos a incorporação das Cooperativas de Laticínios São Vendelino, General Neto e Cooperativa Agrícola Boa Vista Ltda, à Cooperativa Santa Clara Ltda, com sede em Carlos Barbosa.

**Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.**

**Olha só ele aí.**

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu pra comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucros e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está garantido pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendo, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.



**Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.**

**Caderneta APESUL de Poupança**  
Rua do Comércio, 219 - Ijuí

Era um espetáculo repugnante; o extremo da degradação humana. O negro mais forte era sempre o encarregado pelos "capitães de mato" para castigar os irmãos de cor. E enquanto o rabo-de-tatu subia e descia, arrancando pedaços de carne das nádegas dos supliciados, o sangue jorrava quente, colorindo peles negras ainda suadas pelo trabalho em benefício dos senhores brancos. À lua da sociologia, esse ato de deboche ao escravo era o que existia de mais bárbaro e aviltante no contexto da

## ESCRavidÃO

Numa praça de Recife, em 1860, o povo humilde ouvia e aplaudia Antonio Borges da Fonseca que pregava a República e condenava a escravidão. O orador denunciava o luxo dos aristocratas construído sob o trabalho escravo e exigia pão e maior dignidade para os humildes. De repente, a polícia intervém. Gritos, correria, planchas de espada, patas de cavalo, o orador vai preso.

Antes que o povo se disperse de todo, surge do meio da multidão aflita um jovem alto, olhar penetrante que iluminava de um rosto pálido; vasta cabeleira e bigode aparado.

A voz forte, quase tonitruante, declamou: "A praça! A praça é do povo/ Como o céu é do condor!/ É o antro onde a liberdade/ Cria águias em seu calor/ Senhor, pois quereis a praça?/ Desgraçada a população!/ Só tem a rua de seu . . ./Ninguém vos rouba os castelos./ Tendes palácios tão belos . . ./ Deixai a terra ao Anteu".

O jovem era Antonio de Castro Alves, baiano, recém entrado na Faculdade de Direito do Recife e que trazia de berço um espírito de sociologia agregado no coração.

O número de ouvintes aumentava, apesar do perigo da ação policial. Mas num momento parece que até mesmo os soldados estavam interessados em ouvi-lo. O moço prosseguia:

"Mas embalde . . . que o direito/Não é pasto de punhal/ Nem a patas de cavalos/ Se faz um crime legal . . ./ Ah! Não há muitos Setembros!/ Da plebe dóem-se os membros/ No chicote do Poder,/ E o momento é malfadado/ Quando o povo ensanguentado/

Diz, já não posso sofrer".

E terminava com a conclamação: "Lançai um protesto, ó povo/ Protesto que o mundo nôvo/ Manda aos tronos e às nações".

Os aplausos encheram a praça. E a notícia correu a cidade do Recife. O acadêmico poeta baiano fazia, em versos, comícios contra a escravatura.

A 14 de março transcorreu o 131º aniversário de nascimento daquele que seria considerado, ainda em vida, o Cantor dos Escravos. Sendo a intenção desta página enaltecer os vultos da Pátria que em todas as épocas contribuíram para diminuir o sofrimento dos humildes e elevar a dignidade humana em geral, focalizamos nesta edição o fenomenal poeta, proporcionando a nossos leitores um esboço da sua vida de apenas 24 anos.

Castro Alves nasceu numa fazenda baiana no ano de 1847. Filho de pai médico e de posses, naturalmente e como era tradição, possuía escravos. Assim, o futuro poeta conviveu com a escravidão desde seus primeiros anos e a partir do próprio lar paterno. A história não comenta o tratamento dispensado aos escravos pelo pai do poeta. É de admitir-se, porém, que os cativos recebessem o tratamento comum que lhes era reservado pelos senhores, isso é: obediência cega e dedicação total a qualquer custo sob pena de padecer no tronco e no chicote.

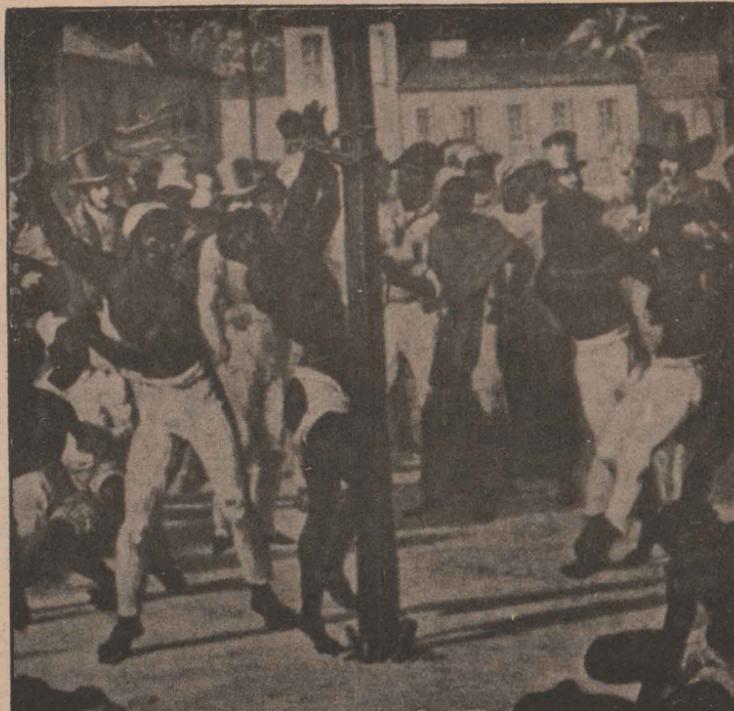
Se foi esse o ambiente da vivência inicial do poeta, não admira que a escravidão tenha sido uma constante em seu espírito de apaixonado humanista.

Assim que descobre em si mesmo o condão da poesia, começa a clamar pela abolição. Sua obra mais forte está enfeixada no livro "Os Escravos". Poesia de absoluta conotação social, "Os Escravos" simboliza um manifesto de luta e rebeldia contra o objeto estatuto da escravatura.

Antonio de Castro Alves viveu apenas 24 anos (14 de março de 1847 a 6 de julho de 1871). Mas que obra grandiosa deixou nesse curto período. Foi, pode-se dizer, uma existência toda dedicada ao social, ao humano, à construção de um novo universo onde prevalescesse o homem em sua plenitude e verdadeira semelhança com Deus. Castro Alves não concebia o homem senão na sua plena ambivalência natural, ereto física e mentalmente. Ele não podia conceber a execração escravajista do negro ajoelhado num eterno pedido de clemência. Se o negro era produto de mesma civilização e possuía membros iguais aos brancos, por quê condená-lo a viver de joelhos?

Então verberava em versos: Cai, orvalho de sangue do escravo,/ Cai, orvalho, na face do algoz./ Cresce, cresce, seara vermelha,/ Cresce, cresce, vinça feroz.

A 11 de agosto de 1865, abertura solene das aulas do semestre. A alta sociedade pernambucana está reunida no salão nobre da Academia de Direito para ouvir os discursos e saudações às autoridades e professores. Mas foi também com indistigável mal-estar que ouviu a inflamada oratória do então estudante Castro Alves. Estrofe após estrofe, o poeta desfila as disparida-



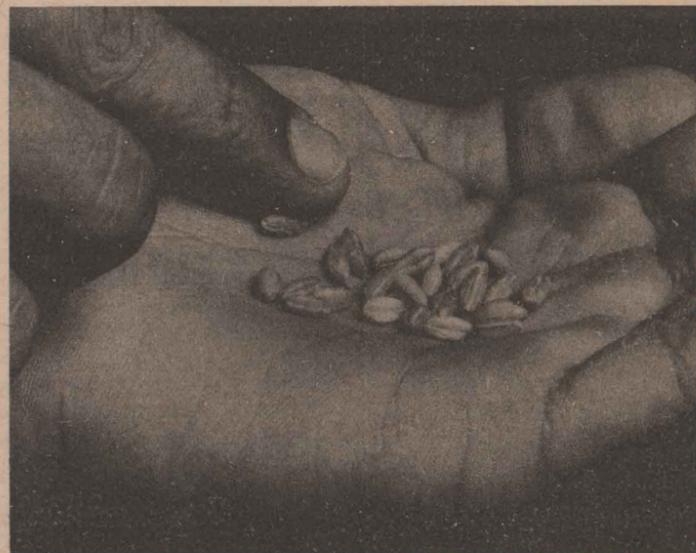
des sociais e injustiças do cativo. As imagens são apologéticas, mas reais. E tanto mais graves se igualadas com o século considerado de grandeza humana e progresso social. O poeta fala arrojadamente, fala a linguagem dos puros de coração, pois estes, pelo fato de nada deverem também não podem temer. As imagens evocadas são cada vez mais audazes, cresce a violência verbal:

—Quebre-se cetro do Papa,/ Faça-se dele uma cruz!/ A púrpura sirva ao povo/ Pra cobrir os ombros nus./ ( . . . ) Banhem-

se em luz os prostíbulos./ E das lascas dos patíbulos/ Erga-se estátua aos heróis.

Antonio de Castro Alves, natural da Bahia, filho de Antonio José Alves e Clélia Brasília de Castro Alves, é indiscutivelmente dos mais ilustres brasileiros da história do Brasil moderno. Que não se esqueça jamais a vida e a obra daqueles brasileiros que em diferentes épocas de nossa história engrandeceram a Pátria através de exemplos de dignidades e respeito aos reais valores humanos. Antonio de Castro Alves foi um deles.

### Pelo grão do trigo é que se conhece o bom adubo.



Sadio, cheio, bonito, pesado, quando você encontrar trigo com grão assim, pode apostar: o adubo é Ipiranga. Cientificamente testados e preparados para a cultura a que se destinam, os Adubos Ipiranga apresentam granulação uniforme, alta concentração de nutrientes e perfeito equilíbrio entre os elementos, para dar ao trigo tudo o que ele precisa, desde a semeadura até a colheita. Ponha Adubos Ipiranga em sua lavoura e prepare-se para uma grande safra. Grão por grão.

**ADUBOS IPIRANGA**  
Qualidade Fertilizante

# O QUE A MULHER PENSA DA COOPERATIVA?



Alice: Quando não havia reunião, não havia diálogo.

Há dois anos o setor de Comunicação e Educação da COTRIJUI foi ampliado para levar orientação também para a mulher. A contratação de uma extensionista doméstica, a professora Noemi Huth, proporcionou a prestação desse serviço. O trabalho é feito através de reuniões em núcleos e nas residências das próprias associadas, sem dúvida com grande proveito geral.

Duas donas-de-casa, esposas de associados, entrevistadas pela professora Noemi, que publicamos a seguir, mostram o bom relacionamento social e profissional nessa área. As entrevistadas foram as senhoras Alice Costa Beber e Umbelina Vieira. Vale a pena ler o que lhes foi perguntado e o que elas responderam. Em futuras edições o COTRIJORNAL publicará o pensamento de outras associadas.

**COTRIJORNAL** — Dona Alice. Qual a sua impressão sobre o trabalho de comunicação e educação que a cooperativa desenvolve junto à família do associado?

**ALICE** — Na minha opinião, agora melhorou, sabe. Acho que foram as reuniões. Antes, quando não havia reunião, não havia diálogo nem com a professora nem entre a gente mesmo.

**COTRIJORNAL** — E o que nos diz a respeito a dona Umbelina?

**UMBELINA** — Além de achar muito bom no sentido social, ainda temos que considerar que as experiências trocadas, onde todas participam, é de muito bom proveito para nós.

**COTRIJORNAL** — O que

acham do sistema cooperativista? Traz algum proveito para o agricultor e a sua família?

**ALICE** — No meu entendimento o cooperativismo é uma coisa boa. Nele a gente tem liberdade de pedir e também para dar opiniões e até para reclamar quando é necessário. Como no início, também hoje o cooperativismo continua sendo a solução para o agricultor porque reúne os produtores e garante a comercialização.

**UMBELINA** — Hoje a gente tem confiança porque a cooperativa representa o associado, retribui com preço justo. Isso é possível porque todos se uniram.

**COTRIJORNAL** — Qual a real situação dos associados em relação a frustração da safra de soja?

**ALICE** — Eu acho que implica bastante, porque já a safra passada do trigo não deu pra gente pagar as despesas. E agora o mesmo se dá com a soja. Vamos ter que pagar. Mas o problema principalmente é para o pequeno, aquele que arrenda a terra e que paga caro por esse arrendamento. Como é que ele vai fazer agora? Tem que vir algum socorro para esse agricultor; não sei.

**COTRIJORNAL** — Agora que a mulher tem se reunido e debatido os problemas, vocês acham que tem melhorado?

**ALICE** — Melhorou sim; melhorou bastante. Antes só o homem que ia na COTRIJUI. Chegava em casa e não falava nada e a gente também não perguntava nada. Agora, com os trabalhos de núcleo, a gente vai aprendendo a se interessar mais pela cooperativa que também é da gente. E quando o marido chega a gente pergunta como foi.

**UMBELINA** — Concordo com a Alice. A preocupação do marido se liquida ou não a soja; se deposita a preço médio e se tem uma conta pra pagá, que preocupa, isso tudo é assunto pra toda a família. Ninguém sabe o que vai acontecer amanhã. Por isso é bom que além do homem a esposa e os filhos estejam a par de tudo o que acontece.

## PIZZA PODE SER FEITA EM CASA

Prato de origem italiana, feito à base de massa de pão, recoberta por camadas de molho de tomate, queijo e presunto, tempero, peixe e outros. Atualmente a pizza é consumida mais em outros países que na própria Itália.

A pizza pode ser considerada um alimento equilibrado, pois reúne os hidratos de carbono da massa, as proteínas do queijo e os minerais do molho de tomate. Logicamente que quando preparada com grande quantidade de óleo, é desaconselhada para pessoas que pretendam perder peso.

**PIZZA CASEIRA**  
Ingredientes: 16 co-

lheres (de sopa) de farinha de trigo; dois ovos, uma colherinha de sal, uma e meia xícara de leite, uma colher (de sopa) de fermento Royal e três colheres (de sopa) de azeite.

Como fazer: Peneire a farinha e misture os demais ingredientes. Leve a assar em tabuleiro untado, em forno moderado. Quando assado, cubra com molho de tomate, presunto e queijo, ou faça um molho com sardinhas, ou ainda um molho de carne moída, sempre colocando o queijo como última camada. Leve novamente ao forno por cinco a 10 minutos.



Umbelina: A preocupação do marido é assunto para toda a família.

# CCGTEL QUER APOIO FINANCEIRO PARA LEVAR TELEFONE AO CAMPO

Em Assembléia Geral Ordinária realizada na COTRIJUI-sede, dia 27 de março, foram renovados dois terços do conselho fiscal da Cooperativa Central de Telecomunicações Rurais Ltda-CCGTEL. Na oportunidade o seu diretor-presidente, Arnaldo Oscar Drews, apresentou o relatório das atividades exercidas no período anterior.

## PROJETOS ACABADOS ESPERAM RECURSOS

Foram eleitos e empossados em seus cargos de conselheiros fiscais da CCGTEL, os seguintes cooperativistas: Amândio Alcantara (Cotrisoja), Cyro Dias da Costa (Cotricruz), Silvío

Aristeu de Souza (Cotrisa), como membros efetivos; e João Carlos Fleck (Cotribá), Karl Adolf Walter Tang (Cotripal), Jayme José Zarth (Coopera), como membros suplentes.

Arnaldo Drews, em seu relatório, enfatizou os entendimentos mantidos ao longo de 1977 com as autoridades responsáveis pela telefonia riograndense e que culminaram com a assinatura de convênio entre a CCGTEL e a CRT-Companhia Riograndense de Telecomunicações. Citou os serviços prestados pelo técnico Luiz Lúcio Izzo, que vem assessorando a diretoria desde a fundação da central; pelo sr. Ruy Michel, gerente-ad-

ministrativo e pelo técnico Erno Arno Schweikardt. Falou que cinco projetos para a implantação de telefonia rural já estão prontos, aguardando tão somente a liberação das respectivas faixas de financiamento que serão buscadas junto ao Banco Central e Badesul. Os projetos abrangem as regiões das cooperativas de Carazinho, Panambi, Cruz Alta, Ijuí e Não Me Toque.

Por ocasião da assembléia foi aprovada uma taxa chamada de Taxa de Manutenção. Essa contribuição será mensal de parte de cada uma das cooperativas associadas à central, no valor de Cr\$ 15.000,00.



Como a implantação dos projetos está tão somente na pendência de financiamentos, o diretor presidente da CCGTEL já reiniciou gestões para a liberação das verbas.

# CRUZ ALTA PREPARA-SE PARA II FESTA NACIONAL DO TRIGO

A prefeitura Municipal de Cruz Alta vem de constituir as primeiras comissões que organizarão a II Festa Nacional do Trigo - FENATRIGO - evento de caráter nacional que se desenvolve naquele município de 14 a 29 de outubro próximo.

A presidência da Comissão Central organizadora da promoção estará a cargo do Vice-Prefeito de Cruz Alta, Dr. Humberto Ferreira da Silva, e como Secretário Executivo o titular da pasta do Turismo do Município, Vereador Wilson Luiz Nunes.

A festa terá a duração de 15 dias, iniciando dia 14 de outubro e encerrando dia 29 do mesmo mes, com muitas promoções paralelas.

No início do mes de maio o Prefeito Carlos Schmidt e uma comissão representativa da Comunidade de Cruz Alta, estarão em Brasília, fazendo a entrega de convites a autoridades federais e especialmente ao Presidente Ernesto Geisel para a solenidade de abertura do evento.

Comércio e Indústria de todo o Estado e de fora do Rio Grande do Sul estarão expondo produtos na

grande exposição feira, esperando-se o mesmo sucesso da primeira festa realizada em Cruz Alta, a I FENATRIGO, em 1975.

Empresas de todo o Brasil estarão em breves dias sendo visitadas por pessoas credenciadas pela Comissão Central da FENATRIGO, visando a locação de stands a firmas interessadas em expor seus produtos na grande Festa do mes de outubro, principal destaque em termos de promoções no Estado naquela época do ano.

**CHEGOU  
A SUA NOVA  
OPÇÃO EM ALIMENTAÇÃO**

O leite que  
é mais saúde...  
mais nutritivo...  
mais energia...  
mais saudável...  
mas, muito mais leite



**MAIS UM PRODUTO COM A QUALIDADE DA  
COOPERATIVA CENTRAL GAÚCHA DE LEITE LTDA**

AV. DONA TEODORA, 1042  
FONES 42-1660 / 42-1793

PORTO ALEGRE

RUA PROFESSORA LUIZA COUTO, 73  
FONE 23-56

IJUÍ



KLEBER ALMEIDA - C.C.G.L.

**Encontro em Passo Fundo:  
CONSERVAÇÃO DE SOLOS**

A EMBRAPA, através do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo e do Serviço Nacional de Levantamento e Conservação do Solo, realizará em Passo Fundo, o II Encontro Nacional de Pesquisa sobre Conservação do Solo no período de 24 a 28 do corrente.

O encontro terá como objetivo avaliar o andamento das pesquisas sobre conservação do solo no Brasil; apresentar e debater as metodologias atualmente utilizadas; comparar os resultados obtidos nas diferentes condições ecológicas; discutir necessidades e estratégias de pesquisa sobre o uso, manejo e conser-

vação do solo; documentar as informações já existentes e delimitar metodologia de controle à erosão.

Participarão do Encontro, técnicos especializados em conservação do solo de todas as entidades de pesquisa e Universidades do Brasil. Como convidado especial contaremos com a presença do Dr. R. Lal, pesquisador em física do solo do Instituto Internacional da Agricultura Tropical, Ibadan, Nigéria, que na reunião de abertura proferirá uma palestra sobre "Problemas de Conservação e Manejo de Solos Tropicais".

**ASSOCENE COM  
NOVA DIRETORIA**

Assembléia geral ordinária realizada a 13 de março em Recife na sede da Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste - ASSOCENE - elegeu nova diretoria para aquela entidade. A atual diretoria eleita naquela oportunidade ficou assim constituída: presidente, José Bezerra Viana, COCEDRO, Cedro, Ceará; 1º vice-presidente, Ronaldo Monteiro de Carvalho, COPERCAU, Ilhéus, Bahia; 2º vice-presidente, Audilio Ro-

cha Sampaio, COAPESAL, Salgueiro Pernambuco, Pernambuco; 1º suplente, Diomédio Alves da Silva, CACAL, Apoli, Rio Grande do Norte; 2º suplente, Marcos Lemos Baracuhy, COCEPA, João Pessoa, Paraíba; 3º suplente, José Ezequiel dos Santos, COOPAME, Estância, Sergipe.

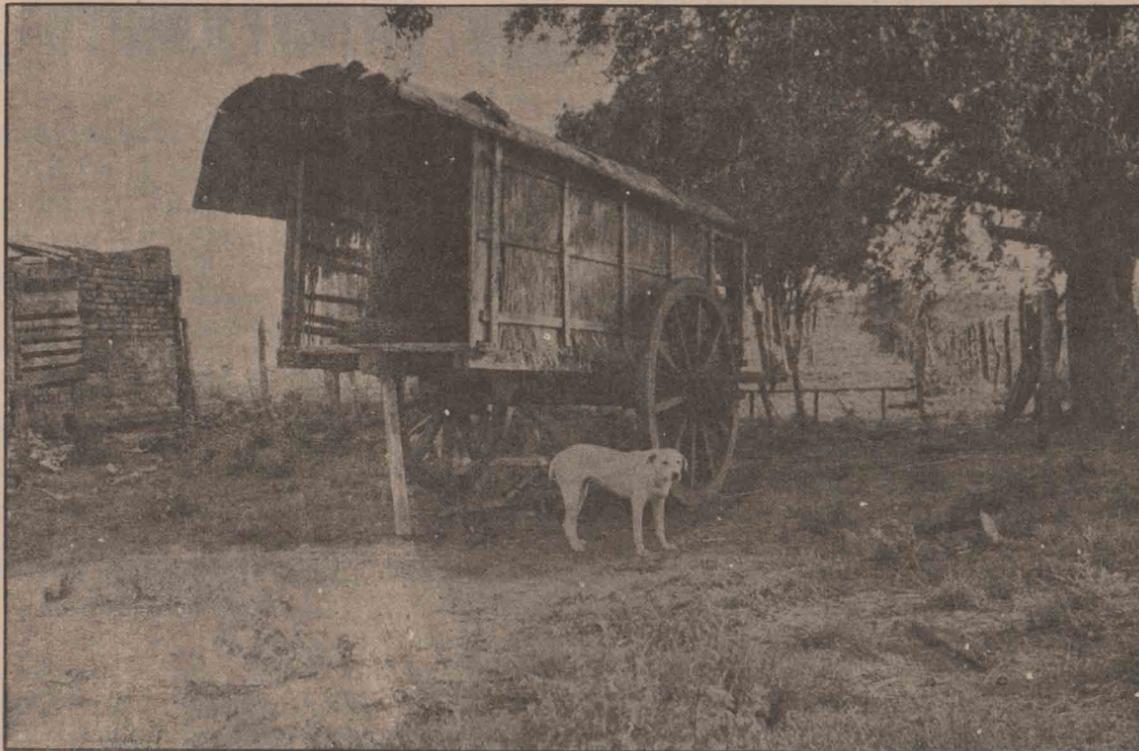
Na secretaria-executiva foi mantido o engenheiro-agrônomo Jorge Roberto Tavares de Lima.

**OVELHA COM TRIGÊMEOS**



A foto nos foi enviada pelo sr. Lino Gabriel Antonello, associado da COTRIJUI residente em Boa Esperança, interior de Ijuí. Agricultor, também cria ovelhas em sua propriedade. Na foto uma das excelentes reprodutoras de seu plantel, pariu três cordeirinhos em agosto último. Fácil imaginar que o fato causou surpresa, inclusive para a ovelha mãe, que se via às voltas para amamentar tres, quando o normal seria uma só.

**CENA GAÚCHA**



A carreta, a figueira, o cão amigo e o pampa. É uma visão já bastante rara em nossa campanha, nesta era de caminhões, tratores, automóveis e asfalto, quando todos parecem ter pressa e andam em ritmo de velocidade cada vez maior. A foto nos foi endereçada pelo sr. Severino Collares, de

Bagé. Este tipo de carreta coberta, muito comum nos tempos da conquista e delimitação das nossas fronteiras, é hoje bastante raro. É usado ainda por peões posteiros e alambradores, que usam a carreta como oficina ambulante.

**VENDA DE  
REMÉDIOS**

Recebemos do Centro de Saúde de Ijuí, a seguinte nota para divulgação:

"É sabido que em todas as cidades é muito comum a existência de medicamentos a venda em estabelecimentos não credenciados. Em vista disto comunicamos o seguinte: De acordo com a Lei nº 5.991/73, Art. 6, a venda de medicamentos é de uso exclusivo das farmácias e drogarias".



**COTRIEXPORT**  
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

**A COTRIEXPORT**  
- Corretora de Seguros Ltda. presta assistência técnica em seguros para os associados e amigos da COTRIJUI. Controla inclusive o vencimento das apólices. Você opta pela seguradora de sua preferência e a COTRIEXPORT cuida de tudo. Em Ijuí, junto ao Departamento de Assistência Social da COTRIJUI.

**Realmaster Rural.**

Para aqueles momentos



em que você precisa



Quando você consegue colocar bem sua produção, as coisas costumam ficar um pouco mais fáceis.

Você paga todas as despesas e ainda sobra dinheiro.

Mas tem momentos em que elas ficam bem mais difíceis. É na fase do custeio, quando, além de precisar de recursos para arar, plantar e cuidar da terra ou do seu rebanho, podem acontecer imprevistos. Aí você pode precisar de um dinheiro a mais para atender a uma

superar certos imprevistos.



emergência pessoal ou da sua família. Para superar esses imprevistos, o Banco Real criou a conta Realmaster Rural.

Você pode sacar a descoberto sem dar satisfações a ninguém. E durante sete dias por mês não precisa pagar juros.

Assim, além de todas as linhas de crédito rural do Banco Real, você pode contar agora com mais essa vantagem Real.

Consulte o nosso gerente em qualquer uma de nossas agências.

**Realmaster Rural.**

**BANCO REAL**  
O Banco que faz mais por seus clientes.

# A RECUPERAÇÃO DO MINIFÚNDIO

Tenente Portela, um dos municípios da área pioneira da COTRIJUI, é o que mais problemas enfrenta em relação à estrutura fundiária. Das 3.167 propriedades, que perfazem 395 quilômetros quadrados aproveitáveis para agricultura, apenas dez por cento possuem mais de 25 hectares. Somado à essa situação e à topografia da região, acidentada, a frustração de safras sucessivas, isso tudo se constitui em desafio para a COTRIJUI, direção e associados. É preciso enfrentar alternativas de produção e produtividade para vencer este quadro desolador e que está a exigir muito sacrifício dos agricultores. Esta situação serviu de pauta para recente reunião da di-

retoria da cooperativa realizada naquela unidade.

## AS SOLUÇÕES QUE A COTRIJUI PROPÕE

A direção da COTRIJUI viu os problemas que afligem os produtores, na reunião. Debateu amplamente os mesmos com a participação não só de seu quadro gerencial e técnico da área, como do gerente do Banco do Brasil. Uma das conclusões a que se chegou é que, dada a existência de faixas de financiamento para cultivo de tomate e alho, se dará início ainda este ano à produção dos mesmos. Esse programa vem sendo desenvolvido na região sob a orientação do engenheiro agrônomo Lauro Kühlkamp, que também já enca-

minhou à diretoria da COTRIJUI um programa de produção de citros — laranja, bergamota e limão — visando manter gestões junto aos órgãos competentes para a obtenção de financiamentos. Já se adianta inclusive que há possibilidade de implantação de uma indústria de suco concentrado, o que vai depender do volume de produção que se venha a alcançar. Tanto para citros quanto para alho e tomate, já foram feitos estudos de mercado, com o que a cooperativa assegurará comercialização e preços justos aos associados.

Especificamente na suinocultura, diante das colocações de produtores associados que vêem no porco uma saída para o mini-



A diretoria reunida em Tenente Portela.

fúndio, a COTRIJUI vem estudando a situação do mercado, para muito breve dar ao quadro social uma resposta em termos concretos do que pode ou não pode ser feito. Dependendo desse levantamento, não se exclui a possibilidade de igualmente investir na área industrial.

Como se observa, o retrato da região minifundiária é comprometedor. À par das decisões que se venha a tomar visando solucionar parcialmente o problema, é mais um motivo de sensibilização das autoridades diante do problema maior, que continua a ser a estrutura fundiária.

# A GARANTIA ESTÁ NO PORCO

A reportagem ouviu dois produtores em Tenente Portela sobre a situação atual da frustração da safra de soja e as perspectivas para o futuro. Para Geraldo Heinz Matz e Orvalino Graffunder, a saída para os produtores está na diversificação de atividades. Dentre essas atividades, a criação de animais domésticos, principalmente o porco, é a que

encontra maior consenso.

Geraldo Matz é taxativo quando diz: "é preciso plantar mais culturas e criar animais, pois só trigo e soja tá visto que não dá". Ele diz conhecer agricultores que tem até dez filhos e possui apenas meia colônia de terra onde o que mais tem é pedra. Acha que é preciso fazer alguma coisa pois senão "o que vai

ser dos filhos". Vejamos a seguir os depoimentos de Geraldo Matz e Orvalino Graffunder, anotados pelo repórter Valmir Beck da Rosa:

Proprietário de 24 hectares, a previsão de colheita de Geraldo Heins Matz é de 400 sacos de soja. Mas admite em seguida que é quase uma exceção em toda a região, onde a quebra foi violenta. Assegura Matz que mesmo colhendo bem, nunca deixou de criar porco.

"É a faixa de segurança. O jeito de ter um dinheirinho fora de época", diz Geraldo.

COTRIJORNAL também quis saber da receptividade do programa de hortifrutigranjeiros que a cooperativa quer desenvolver, principalmente entre os pequenos proprietários da Barra do Guarita e às margens do Uruguai. Geraldo diz que "fruta é alimento. Mas nem isso temos mais, laranja e bergamota". Mesmo sendo de Miraguaí, acredita que a fruticultura junto com suínos será uma das saídas para a impossibilidade de continuar com trigo e soja, no minifúndio. Ao final do contato com a reportagem pediu para dar uma sugestão: "A cooperativa deveria distribuir mudas entre os pequenos proprietários. Mudas de frutíferas e nativas. Os que se aplicarem em cuidar dessas plantas, terão frutas e sombra. É demais o que fizeram com as nossas árvores. E as que restam não vão durar muito se continuar assim. É preciso fazer algo".

ORVALINO GRAFFUNDER é outro que afirmou: "Lá em casa o porco salvou a lavou-

ra". Dos 30 hectares em que trabalha, apenas seis são próprios. "Lá em Vista Gaúcha, quem depende de trigo e soja, está sujeito até a passar fome", afirma Orvalino. Disse também que muitos minifundiários que se viram em dificuldades pela falta de terra para expandir sua produção, tiraram do porco dinheiro para ad-

quirir glebas no Mato Grosso. "A solução para o pequeno é ter porco, vaca, galinha, de tudo um pouco.

Nunca vou ao mercado buscar ovos". Essa a solução que Orvalino encontra para manter a família, e já prevê que no futuro, quem sabe seus filhos terão que ir para onde haja terra.



Associado Geraldo Matz.



Associado Orvalino Graffunder.

## DUAL<sup>®</sup> MIX

O fim das ervas daninhas na Soja!

Informe-se nos órgãos de extensão rural, com o agrônomo da sua cooperativa ou no seu revendedor agrícola.

# TRIGO: VARIEDADES RECOMENDADAS

A Comissão Sul Brasileira de Trigo recomenda as seguintes variedades para o Estado do Rio Grande do Sul (Safrá 1977/1978):

### VARIEDADES PREFERENCIAIS:

**Precoces:** B-20, CNT-1, CNT-2, CNT-3, CNT-7, CNT-8, CNT-9, CNT-10, C-3, Maringá, IAS-54, IAS-55, IAS-58, IAS-61, IAS-62, IAS-63, IAS-64, Jacuí, Mascarenhas, Nobre, PAT-7219, PAT-19, S-76 e Vacaria.

**Tardias:** Cinquentenário, Toropi, Hulha Negra.

**Regionais:** C-33 (não é recomendada para a região VIII), Coxilha (só para as regiões III, IV, VII e VIII), Glória (só para as regiões V, VII e IX), Multiplicação: 14 - (só para as regiões VII e IX).

### VARIEDADES TOLERADAS:

**Precoces:** B-15, Erechim, Frontana, IAS-20, IAS-57, IAS-59, Lagoa Vermelha (C-17).

**Tardias:** Dom Marco, Encruzilhada (só para as regiões IV e VI).

A COTRIJUI tem suas áreas de ação nas regiões III, IV e IX.

### ÉPOCAS DE SEMEADURA

As recomendações das melhores épocas de semeadura de trigo da Comissão Sul Brasileira para cada uma das regiões tritícolas do Estado estão baseadas em resultados de vários anos de pesquisas. O rendimento médio será sempre dependente, primeiramente, da ação conjunta dos fatores meteorológicos sobre os diferentes plantios de uma lavoura. Como o tempo não pode ser previsto, a recomendação geral da época de plantio para cada região será baseada nos resultados de vários anos de ensaios ecológicos. Nestes ensaios as variedades são semeadas em diversas épocas de plantio, sendo realizadas várias observações durante o desenvolvimento das plantas até a colheita, quando são determinados os rendimentos médios de cada variedade plantada. Nos últimos anos devido as condições anormais do nosso clima, alguns agricultores de nossa região de ação, que plantam parte da lavoura com recursos próprios tem antecipado o plantio, sendo que em alguns casos, o plantio tem sido realizado no mês de abril e com bons resultados de colheita. Entretanto estes dados de anos anormais não podem servir como regra geral, ainda mais que o PROAGRO não dá cobertura em caso de frustrações à lavouras semeadas fora das épocas oficiais recomendadas pela pesquisa.

O Departamento Técnico da COTRIJUI este ano tentará junto aos órgãos oficiais de pesquisa do nosso Estado, iniciar alguns experimentos de épocas de plantio, para que nos próximos anos tenhamos resultados mais concretos dentro da nossa área de ação com relação a melhor época para o plantio de trigo, pois

acreditamos que principalmente para a região de Tenente Portela deva haver uma reformulação quanto as épocas recomendadas. Alertamos contudo aos nossos associados que continuam para esta safra as recomendações de época de plantio que a seguir transcrevemos:

REGIÃO TRITÍCOLA	ÉPOCA RECOMENDADA	PERÍODO ÓTIMO	CICLO	DENSIDADE DE SEMEADURA
I	05.06 à 20.07 20.06 à 31.07	10.06 à 10.07 25.06 à 20.07	Tardia Precoce	250 sement. aptas/m <sup>2</sup> 300 sement. aptas/m <sup>2</sup>
II	20.05 à 10.07 01.06 à 10.07	20.05 à 20.06 05.06 à 30.06	Tardia Precoce	250 sement. aptas/m <sup>2</sup> 300 sement. aptas/m <sup>2</sup>
III	10.05 à 30.06 25.05 à 10.07	15.05 à 15.06 25.05 à 20.06	Tardia Precoce	250 sement. aptas/m <sup>2</sup> 300 sement. aptas/m <sup>2</sup>
IV	10.05 à 20.06 15.05 à 30.06	15.05 à 15.06 20.05 à 20.06	Tardia Precoce	250 sement. aptas/m <sup>2</sup> 300 sement. aptas/m <sup>2</sup>
V	15.05 à 15.06 10.05 à 20.06	20.05 à 10.06 15.05 à 15.06	Tardia Precoce	250 sement. aptas/m <sup>2</sup> 300 sement. aptas/m <sup>2</sup>

### TABELA DE DENSIDADE DE PLANTIO

Este ano devido a falta de semente em nosso Estado, a germinação mínima baixou para 70%, portanto solicitamos aos nossos associados que observem a recomendação de densidade de

plântio que acompanha a nota fiscal de retirada de semente.

A seguir transcrevemos a tabela de densidade de plantio onde consta o número de semente a utilizar por metro linear e as respectivas quantidades em Kg/ha por grupo de variedade, conforme a germinação e o peso de 1.000 sementes das mesmas.

### DENSIDADE DE PLANTIO - CULTURA DO TRIGO SAFRA 1978/1979

GERMINAÇÃO %	Nº. SEMENTES POR METRO LINEAR	VARIEDADES kg/ha					
		IAS-58; IAS-61; FRONTANA CNT-2; 9 e 10	IAS-54; 55 e PAT-7219 C-3; C-51 B-20	MARINGÁ (RS) TOROPI C-33 <sup>3</sup>	S-31	MARINGÁ (PARANÁ)	JACUÍ C-17
70 a 73	75	92	100	108	133	166	112
74 a 77	71	87	95	103	126	160	106
78 a 81	68	83	90	98	120	152	102
82 a 85	65	79	86	93	114	143	98
86 a 89	62	76	82	89	109	136	93
90 a 93	59	72	78	85	104	130	89
94 a 97	57	69	75	81	100	125	86
98 a 100	55	70	73	80	98	133	83

Espaçamento: 18 cm  
Densidade: 300 plantas/m<sup>2</sup>

OBS: Para lavouras com fungicida acrescentar 20% para obtenção de uma densidade de 360 plantas por m<sup>2</sup>.

Veja o mapa de zoneamento na última página

### PASTAGENS PARA REGIÃO DA CAMPANHA

De acordo com informações colhidas junto a Estação Experimental Cinco Cruzes da EMBRAPA, as consorciações forrageiras mais recomendadas para a campanha são:

Espécies	Épocas de Semeadura	Sementes kg/ha
1) - Cornichão S. Gabriel - Trevo branco cultivares Yi, Bayucua ou Bagé - Azevém anual	Mais Indicada março a maio abril a maio abril a maio	8 2 10 10
2) - Cornichão S. Gabriel - Trevo branco cultivares Yi, Bayucua ou Bagé	abril a maio abril a maio	2 6
3) - Cornichão S. Gabriel - Trevo branco cultivares Yi, Bayucua ou Bagé - Trevo vermelho - Azevém anual	abril a maio abril a maio abril a maio abril a maio	1 6 10 10
4) - Aveia coronado - Azevém anual	abril a maio abril a maio	70 15

- As consorciações 1, 2 e 3 podem ser estabelecidas com semeaduras diretas sobre o campo nativo a partir de maio. Estas consorciações também podem ser estabelecidas em semeaduras simultâneas com a lavoura de trigo.

- Para maiores informações procure o Departamento Técnico.  
Procure formar pastagens de acordo com as recomendações do Departamento Técnico.

### PASTAGENS DE INVERNO

Espécie Forrageira	Época de Semeadura	Densidade kg/ha
aveia Coronado	abril a junho	80
aveia Suregrain	abril a junho	80
aveia Ipecoen	abril a junho	80
aveia Preta	abril a junho	70
avevém Anual	março a junho	20
Centeio	abril a junho	60
ervilhaca	abril a junho	20
trevo "Yuchi"	abril a junho	8
trevo Branco Yi	abril a junho	2
Festuca K-31	abril a junho	10
Pensacola	junho a outubro	25
Alfafa Crioula	abril a junho	15

Adquira semente de forrageira fiscalizada na COTRIJUI. Aveias Ipecoen, Suregrain e Preta. Centeio Dom Enrique, Inta.

### CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

- 1 - 60 kg/ha de aveia + 15 kg/ha de azevém Anual.
  - 2 - 50 kg/ha de Centeio + 15 kg/ha de azevém Anual.
  - 3 - Se o produtor desejar pode ainda semear junto ao trevo vermelho ou trevo "Yuchi", ou ainda ervilhaca.
  - 4 - 10 kg/ha de Festuca K-31 + 2 kg/ha de trevo branco yi.
  - 5 - A Pensacola pode ser semeada junto com o trigo.
- Para maiores informações procure o Departamento Técnico.

### CURSOS PARA FILHOS DE AGRICULTORES

A Fundação Gaúcha do Trabalho, junto com o Serviço Nacional de Formação Profissional - SENAR, promovem os seguintes cursos destinados à filhos de agricultores com idade de 16 a 18 anos.

CURSOS	Nº DE VAGAS
Produtor de soja	200
Produtor de trigo, cevada e centeio	200
Produtor de frutas	15
Produtor de hortaliças	625
Produtor de milho e sorgo	80
Avicultura de corte	25
Avicultura - Postura	25
Operador de Máquinas agrícolas	40
Conservação do solo	40

Os cursos serão desenvolvidos no Colégio Agrícola, no município de Palmeira das Missões.

O curso, a viagem e a estadia são totalmente gratuitos.

Os interessados poderão fazer suas inscrições no Departamento Técnico da COTRIJUI. Será comunicado aos inscritos a data em que serão desenvolvidos os cursos.

### PRODUTORES DE SEMENTE

O Departamento Técnico da COTRIJUI iniciará nesta safra um programa visando a erradicação do Cipó de Veado das lavouras destinadas a produção de sementes. Para tanto solicitamos a

todos os produtores da nossa área de ação, buscarem no Departamento Técnico mais próximo, maiores informações sobre os herbicidas que serão utilizados para controle deste inço.

# COMO COMBATER A ACIDEZ DO LEITE



A higiene é fundamental para a boa qualidade do produto.

O médico-veterinário Otavio Vargas Montardo, do Departamento Técnico da COTRIJUI, elaborou uma série de questões de grande importância para orientação dos produtores de leite. Espécie de decálogo do bom produtor, essas orientações estão sendo distribuídas em forma de folheto, sob o título "Como combater a acidez do leite". Para uma maior divulgação, publicamos seu conteúdo.

**O QUE É A ACIDEZ DO LEITE?** — É o resultado da ação de germes que transformam o açúcar do leite (lactose) em um ácido que altera a qualidade do leite impedindo o seu aproveitamento industrial.

**ONDE SE ENCONTRAM ESSES GERMEs?** — Praticamente em todos os lugares onde existe matéria orgânica em decomposição (esterco, urina, restos de leite, etc). Daí se conclui que os estábulos sujos e mal ventilados se constituem num ambiente muito propício para o desenvolvimento desses germes.

**COMO OS GERMEs PAS-SAM PARA O LEITE?** — Os germes se reproduzem intensamente na sujeira do estábulo e passam a circular por todo o ambiente através das correntes de ar, contaminando tudo aquilo que está dentro do estábulo: vasilhas, vacas, pessoas, instrumentos e o próprio leite. Isto constitui a fase de contaminação.

**E DEPOIS O QUE ACONTECE?** — Depois que os germes contaminam o leite, existindo uma temperatura relativamente elevada e tempo para que os germes se reproduzam, ocorrerá a acidez. Portanto, existem 3 fatores fundamentais responsáveis pela acidez do leite: contaminação, temperatura e tempo. Se controlarmos esses fatores, evitaremos a acidez do leite.

**COMO EVITAR A CONTAMINAÇÃO DO LEITE** (higiene do estábulo) — Lave rigorosamente o estábulo todos os dias após cada ordenha, retirando os restos de esterco, urina e outros materiais que possam permitir a multiplicação de germes. Naqueles estábulos onde há muita sujeira incrustada no piso e nas paredes, o uso de uma solução de soda cáustica a 4% pode ser muito útil. Use escovas duras para lavar o piso e as paredes.

— Se não tiver água corrente no estábulo, estude a possibilidade de puxar água através de uma mangueira. Isto facilitaria bastante a tarefa de lavar o estábulo, úbere da vaca e as mãos do ordenhador.

— Facilite a ventilação do estábulo mantendo as portas e janelas abertas. Deste modo o vento que entra por um lado sairá por outro, arrastando para fora do estábulo milhões de germes.

— Pinte as paredes e as baias com cal duas ou três vezes por ano. A cal é um poderoso desinfetante.

— Canalise para longe do estábulo a sujeira retirada durante a lavagem e combata sistematicamente as moscas.

— Não permita que as vacas fiquem no estábulo durante a noite.

— Se o estábulo é muito velho, mal arejado, sem iluminação natural e cheio de frestas que dificultam a limpeza, será preferível realizar a ordenha a campo num local gramado e limpo.

— Aqueles produtores que estão planejando construir um estábulo novo, devem procurar a orientação do Departamento Técnico da COTRIJUI.

**HIGIENE DO VASILHAME** (baldes e tarros)  
— Adquirir vasilhas adequa-

das para a coleta e conservação do leite (baldes e tarros de alumínio ou galvanizados). Não utilize para esse fim vasilhame inadequado, como latas de tinta ou de defensivos agrícolas.

— Lave com bastante água fresca as vasilhas logo após a ordenha, a fim de retirar os restos de leite.

— A seguir escove rigorosamente os baldes e tarros com uma solução detergente preparada com sabão em pó como Viva, Rinso, Odd, etc e água morna de preferência.

— Enxague novamente com água fresca a fim de retirar os restos de detergente.

— Depois de lavar os tarros e baldes, coloque-os em lugar limpo e arejado. O ideal é colocar essas vasilhas sobre um estrado de madeira (ripas) com a boca virada para baixo para que esorra a água.

**PREPARAÇÃO DA SOLUÇÃO DETERGENTE** — Em dois litros de água coloque uma colher de sopa de detergente (Omo, Viva, Odd, Rinso, etc). Misture bem. Esta quantidade suficiente para lavar 3 ou 4 baldes ou tarros. As vasilhas utilizadas para a coleta de leite nunca deverão ser utilizadas para outras atividades.

## HIGIENE DA ORDENHA

— As vacas que vão ser ordenhadas e que apresentam acúmulo de barro ou esterco nas pernas, úberes e barriga deverão ser lavadas com água corrente e escovadas antes mesmo de entrarem no estábulo.

— Algumas vacas apresentam pelos compridos na base do úbere. Nestes casos recomenda-se que esses pelos sejam cortados com tesouras periodicamente.

— O úbere e as tetas das vacas deverão ser lavadas cuidadosamente antes da ordenha. É preferível o uso de água corrente através de mangas. No entanto, quando isto não for possível, pode-se usar baldes com água para esse fim, desde que se mude a água para cada vaca a ser lavada.

— É comum o uso de panos para secar o úbere das vacas. Esta prática não é recomendável porque na maioria das vezes esses panos ficam muito sujos e contaminados. É preferível o uso de toalhas individuais de papel ou então lavar bem o úbere antes de iniciar esta tarefa.

— Antes de iniciar a ordenha, recolha numa caneca os primeiros jatos de leite de cada teto, separadamente, e observe

atentamente a fim de verificar se não há alteração no leite (sangue, pus, etc).

— **COMO CONTROLAR A TEMPERATURA** (resfriamento do leite) — O resfriamento do leite logo após a ordenha é de grande importância porque dificulta o processo de reprodução dos germes. Esse resfriamento pode ser feito através de tanques com água fresca onde são depositados os tarros com leite. A colocação dentro do tanque de pedras de gelo feitas no congelador da geladeira comum, é de grande utilidade para o resfriamento do leite.

Na medida do possível, tanto o leite obtido da ordenha da tarde, como da ordenha da manhã deve ser resfriado.

**COMO CONTROLAR O**

**TEMPO** — Na medida em que vão se organizando as linhas da coleta com o objetivo de diminuir o tempo que transcorre entre a ordenha e a chegada do leite na indústria, o produtor deve procurar ajustar o horário da ordenha com o horário da chegada do caminhão, a fim de evitar que o leite fique exposto a temperaturas altas por várias horas até ser recebido pelo transportador.

Produtor, as medidas aqui recomendadas são de fácil aplicação na sua propriedade. Procure colocá-las em prática imediatamente. O grande beneficiado será você mesmo.

A acidez do leite está diminuindo e até mesmo impedindo que você tenha lucros com a produção leiteira. Esse inimigo precisa ser combatido.

## RELAÇÃO DE FERIADOS

Sempre se constitui em problema viajar a uma determinada cidade a serviço e encontrar tudo fechado por motivo de feriado. Para evitar isso, leia a relação a seguir, que se constitui dos feriados nos municípios da área de ação da COTRIJUI (feriados nacionais, estaduais e municipais) e mais Rio Grande e Porto Alegre.

**Nacionais** — 01.01 — Ano Novo; 21.04 — Tiradentes; 01.05 — Dia do Trabalho; 07.09 — Independência; 15.11 — Proclamação da República; 25.12 — Natal.

**IJUÍ** — Dia 20.09 — Farroupilha; dia 19.10 — Dia do Município; dia 02.11 — Finados.

**SANTO AUGUSTO** — dia 30.05 — Dia do Município; dia 24.06 — São João do Padroeiro; dia 25.07 — Dia do Colono; dia 20.09 — Dia do Farroupilha.

**TENENTE PORTELA** — dia 25.05 — Corpus Christi; dia 25.07 — Dia do Colono; dia 18.08 — Dia do Município; dia 08.12 — Imaculada Conceição.

**AJURICABA** — dia 04.05 — Ascensão do Senhor; dia 25.05 — Corpus Christi; dia 29.05 — Dia do Município.

**AUGUSTO PESTANA** — dia 14.05 — Dia do Município; dia 25.05 — Corpus Christi; dia 02.11 — Finados.

**CORONEL BICACO** — dia 14.04 — Dia do Município; dia 04.05 — Ascensão do Senhor; dia 25.05 — Corpus Christi; dia 13.06 — Santo Antônio.

**CHIAPETTA** — dia 04.05 — Ascensão do Senhor; dia 25.07 — Dia do Colono; dia 15.12 — Dia do Município.

**VILA JÓIA** — dia 15.08 — Assunção de Nossa Senhora; dia 08.12 — Dia do Município.

**DOM PEDRITO** — dia 25.05 — Corpus Christi; dia 30.10 — Dia do Município; dia 02.11 — Dia de Finados.

**RIO GRANDE** — dia 29.06 — São Pedro.

**PORTO ALEGRE** — dia 02.11 — Finados; dia 08.12 — Imaculada Conceição.

# FUNGICIDA EM TRIGO

\*Luiz Volney Mattos Viau

Nos últimos três anos, o rendimento da lavoura de trigo tem sofrido severas reduções, em função principalmente das condições climáticas adversas no decorrer de seu desenvolvimento.

Identifica-se, além de outros problemas, a grande incidência de doenças fúngicas que concorrem para a baixa produtividade da lavoura tritícola no sul do País.

Muitos esforços vêm sendo dedicados pelos órgãos oficiais de pesquisa na busca de soluções, com o objetivo de melhorar os

níveis de rendimentos desse cereal de inverno.

Em função dos resultados de pesquisa, iniciamos na safra passada um programa de aplicação de fungicidas em trigo, buscando controlar as moléstias que atacam essa cultura.

Desenvolvemos o trabalho baseado nas informações da pesquisa, dedicando esforços para prestação de assistência técnica a nível de produtor.

Apesar de nossos esforços, não conseguimos atingir os objetivos propostos, pois tive-

mos um ano basicamente impróprio para produção de trigo, o que favoreceu o aparecimento de outros problemas, como viroses e ophiobulus, que até o presente momento não eram considerados importantes em função da sua ocorrência ocasional nos anos anteriores.

Para melhor clareza dessas condições informamos abaixo os dados meteorológicos comparativos ao período de 1977 ao período de 1940 a 1955 colhidos pela Estação Meteorológica de Ijuí.

ANO DE 1977				PERÍODO DE 1940/1955	
MESES	UMIDADE RELATIVA DO AR %	TEMPERATURA MÉDIA °C	PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA MM	TEMPERATURA MÉDIA °C	PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA MM
JUNHO	75,87	16,94	153,0	14,6	139
JULHO	79,49	18,63	193,0	14,9	116
AGOSTO	81,18	15,89	109,0	16,1	128
SETEMBRO	65,83	20,18	111,1	17,1	199
OUTUBRO	63,91	23,12	69,4	19,5	196
NOVEMBRO	66,16	23,18	212,7	22,2	110

Se desejarmos uma análise mais profunda, devemos considerar as exigências bioclimáticas do trigo que são as seguintes:

### A) TEMPERATURA:

No quadro a seguir temos os equivalentes térmicos para os sub-períodos do trigo de inverno.

TEMPERATURA MÉDIA	A	B	C	D
	°C	°C	°C	°C
EXCESSO	20	18	20	24
ÓTIMO	-	8,5	-	18
DEFICIÊNCIA	0	7,5	08	14
TEMPERATURA MÁXIMA EXCESSIVA	-	-	28	32

As letras A,B,C, e D, representam os sub-períodos do trigo que são os seguintes:

- A - da sementeira ao nascimento
- B - do nascimento ao perfilamento

C - do perfilamento ao espigamento  
D - do espigamento à maturação.

### B) ÁGUA:

Com relação a precipitação, as exigências do trigo são as seguintes:

CHUVA	A	B	C	D
	mm	mm	mm	mm
EXCESSO	200	80	-	60
DEFICIÊNCIA	50	30	0	15

As letras A,B,C, e D, representam os sub-períodos do trigo acima descritos.

Esses dados por si só evidenciam que os anos de boa produtividade têm sido aqueles que estão ligados à primaveras

secas e frescas, condições estas que dificultam a proliferação de doenças fúngicas. Constatamos que a temperatura em todo o período de desenvolvimento do trigo esteve acima do ponto ótimo requerido pela cultura. A

são Sul Brasileira de Trigo.

A utilização do sistema deverá ser em função da variedade a ser plantada. No momento da elaboração da proposta do financiamento, o técnico recomendará os fungicidas que deverão ser utilizados.

É muito importante a época da aplicação do fungicida. Os tratamentos deverão ser feitos antes ou no início do ataque da doença. Após a cultura apresentar incidência acentuada da doença, a aplicação do fungicida se torna ineficiente.

Alertamos também sobre a importância no controle dos pulgões. Esses insetos, ao lado das doenças, são considerados como fatores importantes na quebra de produção. Os danos causados pelos pulgões são observados na redução, no peso dos grãos, menor peso hectolítrico, redução no poder germinativo da semente e redução do número de grãos por espiga.

Recomendamos que em cada aplicação de fungicida seja adicionado um inseticida para controle de pulgões.

Deverá ser aplicado inseticidas de baixa toxicidade para o homem e animais domésticos, como também que sejam seletivos para inimigos naturais da praga.

Salientamos que somente o fungicida não garante uma boa lavoura. Há necessidade da adoção de um conjunto de técnicas para garantir um bom poten-

cial produtivo da lavoura. Desta forma é indispensável a escolha de uma boa variedade, observar a melhor época de plantio, fazer uma boa adubação, inclusive de cobertura com nitrogênio, fazer rotação de cultura para após receber o tratamento fitossanitário.

A tecnologia da aplicação do fungicida é muito importante. Podemos afirmar que a eficiência do tratamento depende cerca de 50% dos fungicidas escolhidos e 50% da eficiência da aplicação. O produtor deverá tratar a área com fungicida em função da capacidade do seu pulverizador. O ideal é ter um pulverizador de barra para cada 80 hectare no máximo. Este pulverizador deve ser revisado para que no momento da aplicação esteja em condições de trabalho. É muito importante a utilização de bicos adequados, observando a sua distância na barra de pulverização.

É fundamental que o equipamento seja minuciosamente revisado e regulado para que se obtenha uma boa pulverização.

Para maiores esclarecimentos recomendamos aos interessados na adoção dessa tecnologia que entrem em contato com a nossa equipe técnica para que se possa superar as dificuldades, a fim de atingir os objetivos desejados.

\* Luiz Volney Mattos Viau é engenheiro agrônomo do Depto. Técnico da COTRIJUI.

**MORTE AO PULGÃO  
VIVA DIMECRON**

"em cada pedaço de terra um amigo"

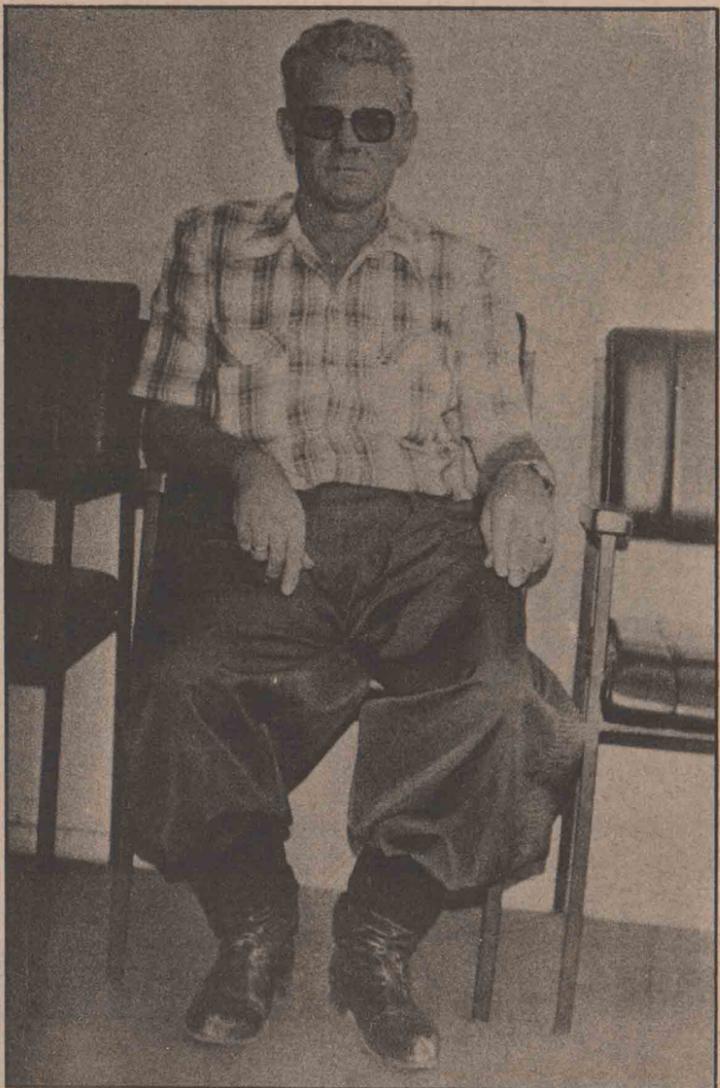
**CIBA-GEIGY**

# ADUBAÇÃO FOLIAR COMPENSA?



Há quem não acredite na adubação foliar. Para o granjeiro Edvino Schroer Filho, de Ijuí, que planta na localidade de Ponte Queimada, em Cruz Alta, a eficiência dessa técnica está mais do que comprovada.

Granjeiro e pecuarista numa propriedade de 750 hectares, ele cultiva cerca de 170 hectares — trigo e soja — por safra. O resto é dedicado à criação de gado e cultivos de subsistência. Edvino Schroer orgulha-se em dizer que de fora só compra fósforo e gás. Tudo o mais ele planta ou cria. Milho, feijão, arroz, batatinha, hortaliças; cria porco que carneia e faz banha. Até os seus empregados são fornecidos por ele com todos os mantimentos.



Edvino Schroer Filho

Mas voltando ao tema chave desta reportagem — a adubação foliar — é o próprio entrevistado quem diz e prova, através de estatísticas de produção, que a aplicação de fertilizantes na planta tem lhe proporcionado bons rendimentos.

## COMEÇOU EM 1974

Na safra de 1974, diz Edvino Schroer Filho, já existia a Aero Agrícola Cotrijui. "Estimulado pelo seu Nestor Quijano, resolvi experimentar a nova técnica da adubação foliar. Eu que colhia 13 sacos por um, autorizei uma aplicação foliar. Minha média naquele ano passou para 16 sacos.

Na safra seguinte, 1975, mandei fazer duas aplicações por avião e a média passou para 18,6 de

colheita por saco de planta. Na safra de 1976 fiz três adubações e colhi a média de 26 e em 1977, novamente com três adubações, colhi a média de 30,5 sacos.

Na presente safra ainda não tenho o resultado total, pois colhi até agora o equivalente a 120 hectares plantados com a variedade Prata, que é precoce. Mas apesar do ano ruim, a média foi de 31,41 por saco de semente, quando os vizinhos colheram uma média de 13 sacos". E complementa o seu Edvino: "Eu acho que esses dados, que podem ser cotejados na cooperativa, são mais convincentes do que qualquer palavra".

## MÉDIA PARCIAL

O seu Edvino ainda tem toda a lavoura de variedade Santa Rosa, que é tardia, para colher. São cerca de 50 hectares. Sua média geral deverá baixar quando colher a tardia. Mesmo assim, não há dúvida que terá rendimento muito melhor do que a média da região, que dificilmente ultrapassará os 15 ou 16 sacos.

Para o seu Edvino, também em trigo a adubação foliar é vantajosa. Ele conta que na safra de 1976 a lavoura estava toda amarelada. Com a aplicação de uma adubação por avião a lavoura se recuperou e ele terminou colhendo 18,4 sacos por hectare.

## PESO DA SEMENTE

A pesagem de 1.000 grãos de soja semente, variedade Prata, em amostra comparativa, também deu vantagem para o produto que recebeu adubação foliar. Pesados 1.000 grãos de soja do sr. Edvino pesaram 127 gramas enquanto 1.000 grãos da mesma variedade, sem adubação, pesaram 125 gramas.

## ANÁLISE DA SEMENTE SEGUNDO O TÉCNICO

O engenheiro-agrônomo Milton Roberto Driemeyer, do Departamento Técnico da COTRIJUI, acompanhou a lavoura do sr. Edvino Schroer Filho desde o plantio até a colheita. O texto seguinte foi baseado em declarações do referido técnico.

A lavoura plantada com soja da variedade Prata se desenvolveu normalmente, desde a germinação até a colheita, passando de coloração verde escura à amarelado uniforme antes de secar. As plantas tinham boa altura, não diferindo muito dos anos anteriores.

A maturação uniforme fez com que as sementes também se apresentassem uniformes quanto ao tamanho e quanto a coloração. Comparando a semente boa com outras, colhidas em outras lavouras, esta tem melhor apresentação porque o que se viu este ano foi muita se-

mente "chocha", mal formada e de coloração esverdeada devido a maturação forçada.

A semente colhida na lavoura, do sr. Edvino Schroer Filho deverá ter um alto poder germinativo e seu vigor na germinação deverá ser muito bom.

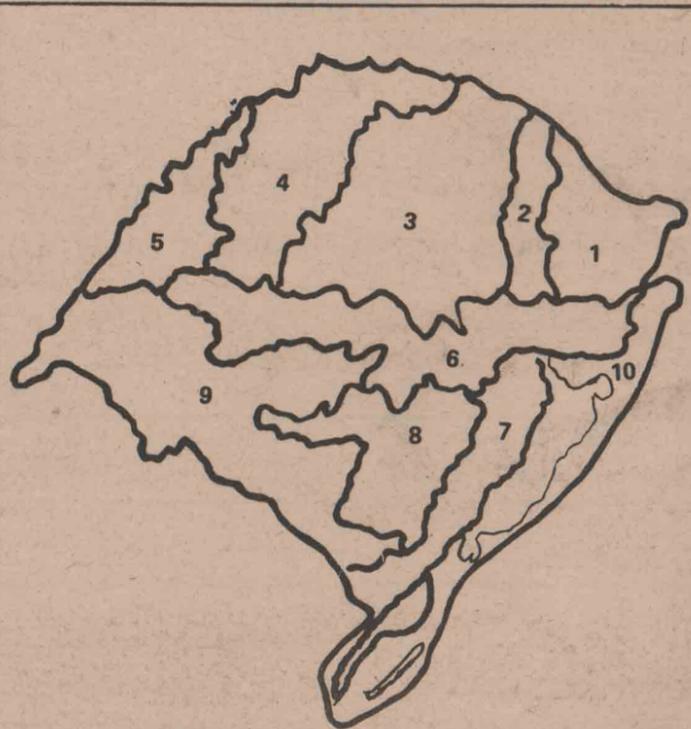
A qualidade do grão também é superior se destinado para indústria, vai dar maior teor percentual de óleo.

O adubo foliar, pelo que tenho observado, dá melhor resultado em anos de pouca precipitação pluviométrica.

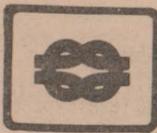
Aplicar o adubo foliar junto com o inseticida para a lagarta, fedefede, cascudinho verde e amarelo e broca das axilas.

O adubo foliar e o inseticida devem ter compatibilidade, isto é, devem se misturar.

A produção da coxilha foi semelhante a da varzea.



A Cotrijui tem suas áreas de ação nas regiões 4 e 9.  
Reportagem na página 25



# COTRIJORNAL

## MAIO DE 1978

# CADERNO DE BALANÇO

## EXERCÍCIO 1977-1978

### ATIVO

#### DISPONÍVEL

Caixa.....	502.746,62	
Bancos c/Movimento.....	23.956.558,25	
Moedas Estrangeiras.....	<u>2.226,22</u>	24.461.531,09

#### REALIZÁVEL A CURTO PRAZO

##### ASSOCIADOS:

Conta Particular.....	123.720.832,34	
Conta Financ <sup>o</sup> Ração.....	1.650.628,78	
Conta Financ <sup>o</sup> Lav. Soja.....	217.483.599,04	
Conta Financ <sup>o</sup> Outros.....	<u>130.057.988,73</u>	472.913.048,89

##### CLIENTES:

No País.....	75.435.694,04	
No Exterior.....	65.076.939,39	
(-) Tít. Descont.....	43.844.487,09	
(-) Prev. Créd. Liq. Duv.....	<u>7.216.090,98</u>	89.452.055,36

Tít. a Receber.....	5.274.085,66	
Deved. Diversos.....	9.015.680,45	
Antecipação ICM.....	12.000.000,00	
Represent. Exterior.....	1.200.130,40	
Func. cta. Fornecimentos.....	1.715.510,33	
Adiant. Viagens.....	384.191,85	
Funrural s/Estim. Liquid.....	272.906,91	
Cheques a Receber.....	100.753,40	
Dep. Comp. Lei 354.....	21.447.705,86	
Depósitos Bcos. Vincul.....	<u>4.684.358,62</u>	56.095.323,48

#### ESTOQUES:

Prod. Agrícolas.....	9.591.789,34	
Prod. Industrializados.....	16.856.781,31	
Prod. Pecuários.....	21.315.365,36	
Prod. em Elaboração.....	976.888,06	
Mercadorias.....	146.425.336,06	
Máq. Agrícolas.....	17.018.089,10	
Almoxarifado.....	21.200.209,55	
Sacaria e outros.....	13.699.609,07	247.084.067,85
		<u>865.544.495,58</u>
		890.006.026,67

#### REALIZÁVEL A LONGO PRAZO

##### ASSOCIADOS:

Financ <sup>o</sup> cta. Trigo.....	54.130.112,46	
Cta. Financ <sup>o</sup> Invest.....	88.446.241,05	142.576.353,51
Dep. Compuls. Dec. 1520.....		<u>3.061.500,00</u>
		145.637.853,51

##### IMOBILIZADO

##### TÉCNICO VALOR HISTÓRICO:

Imóveis.....	221.518.093,09	
Imóveis não Operacionais.....	403.451,58	
Instalações.....	21.643.534,81	
Máq. Equipamentos.....	164.568.616,59	
Móveis Utensílios.....	17.386.723,62	
Veículos.....	28.848.573,90	
Construções Andamento.....	53.085.476,17	
Prédios e Armazéns.....	28.077.918,81	
Pavimentação.....	3.479.972,89	
Pier.....	8.855.504,57	
Desvio Ferroviário.....	146.917,04	
Semoventes.....	<u>850,00</u>	548.015.633,07

##### CORREÇÃO MONETÁRIA

Imóveis.....	56.681.700,59	
Imóveis não Operacionais.....	202.116,34	
Instalações.....	5.662.790,67	
Máq. Equipamentos.....	47.194.097,00	
Móveis Utensílios.....	4.215.144,62	
Veículos.....	4.753.049,84	
Prédios e Armazéns.....	9.968.556,35	
Pavimentação.....	445.939,40	
Pier.....	13.726.032,08	
Desvio Ferroviário.....	255.692,75	
Semoventes.....	<u>857,00</u>	143.085.976,64

##### DEPRECIACÕES:

(-) VI. Histórico.....	74.682.003,80	
(-) Correção Monet.....	13.994.666,37	
(-) Cor. Monet. Deprec.....	<u>40.465.565,80</u>	129.142.235,97
		561.959.373,74

##### FINANCEIRO:

Cauções.....	3.942.510,75	
Marcas e Patentes.....	46.703,00	
Participações.....	<u>44.882.606,91</u>	48.871.820,66

##### RESULTADOS PENDENTES:

Prêmios de seguros.....	1.729.339,19	
Contratos de Manutenção.....	7.800.322,35	
Adiant. p/Despesas.....	1.339.520,50	
Contas em Liquidação.....	66.571,87	
Safras de Lãs 73/74.....	3.541.260,39	
Projeto Amazônia.....	6.421.513,85	
Perdas a Compensar (MT).....	20.655.112,09	41.553.640,24
SUB TOTAL.....		1.688.028.714,82
Compensado.....		<u>1.268.900.894,20</u>
TOTAL DO ATIVO.....		2.956.929.609,02

# PASSIVO

## EXIGÍVEL A CURTO PRAZO

### ASSOCIADOS:

Conta Disposição.....	24.091.065,20	
Safras a Liquidar.....	97.144.263,99	121.235.329,19
Fornecedores.....		122.063.039,84
Financiamentos.....		491.544.080,98
Títulos a Pagar.....		12.127.083,06
Adiantamento Câmbio.....		96.015.983,11
Obrigações Tributárias.....		12.283.406,10
Obrigações Sociais.....		5.724.753,52
Obrigações c/pessoal.....		7.060.647,17
Obrigações Diversas.....		24.294.936,85
Títulos Caucionados.....		3.698,62
Obrigações Coligadas.....		5.292.089,74
Provisão IR.....		655.239,02
		<u>898.300.287,20</u>

## EXIGÍVEL A LONGO PRAZO

Financiamentos.....	537.414.634,82	
Títulos a Pagar.....	9.203.823,00	
Capital a Realizar Codetec....	255.000,00	
Capital a Restituir.....		<u>804.816,46</u>
		547.678.274,28

## NÃO EXIGÍVEL

Capital.....	147.971.048,56	
Cap. a Realizar.....	93.457.579,83	54.513.468,73
Reservas Estatutárias.....		91.418.461,12
Outras Reservas.....		<u>75.661.395,82</u>
		221.593.325,67

## PENDENTE:

Receitas Diferidas.....	9.830.148,87	
Vendas a Distribuir.....	<u>3.157.015,70</u>	12.987.164,57
Sobras do Exercício.....		<u>7.469.663,10</u>
SUB-TOTAL.....		1.688.028.714,82
Compensado.....		<u>1.268.900.894,20</u>
<b>TOTAL DO PASSIVO.....</b>		<b>2.956.929.609,02</b>

IJUÍ (RS), 28 de fevereiro de 1978

*Rubem Ilgenfritz da Silva*

RUBEN ILGENFRITZ DA SILVA  
PRESIDENTE  
CPF 056268970-20

*Arnaldo Oscar Drews*

ARNALDO OSCAR DREWS  
VICE-PRESIDENTE  
CPF 028619400-34

*Clóvis Adriano Farina*

CLÓVIS ADRIANO FARINA  
SUPERINTENDENTE  
CPF 010133350-15

*Ari Zimpel*

ARI ZIMPEL  
TEC. CONT. CRCRS-14222  
CPF 008301860-34



# DEMONSTRATIVO DE SOBRAS E PERDAS

## 1. REGIONAL

### 1.1. TRIGO INDÚSTRIA

Vendas ao Banco do Brasil.....	202.665.659,10	
Vendas de Resíduos.....	195.219,90	
Secagem e Armazenagem.....	<u>7.785.881,68</u>	
	210.646.760,68	
Custo de Vendas.....	200.907.925,88	
Custo de Armazenagem.....	1.578.464,21	
Despesas Indiretas.....	<u>7.200.912,42</u>	
	209.687.302,51	959.458,17

### 1.2. TRIGO SEMENTE

Vendas.....	<u>47.656.478,38</u>	
Custo de Vendas.....	41.454.986,81	
Despesas de Vendas.....	920.797,37	
Despesas Indiretas.....	<u>4.662.034,02</u>	
	47.037.818,20	618.660,18

### 1.3. SOJA INDÚSTRIA

Exportação.....	695.665.400,45	
Mercado Interno.....	83.160.518,80	
Operações em Bolsa.....	22.867.127,10	
Recup. Juços S/Adiant.....	16.103.339,46	
Transferência p/Semente.....	70.799.764,98	
Transferência p/Indúst. Ijuí.....	141.857.411,44	
Transferência p/Ind. Rio Grande.....	<u>545.878.008,00</u>	
	1.576.331.570,23	
Custo de Vendas e Transf.....	1.258.427.704,03	
Despesas de Vendas.....	203.480.000,04	
Operações em Bolsa.....	28.466.449,16	
Despesas Indiretas.....	<u>75.513.073,32</u>	
	1.565.887.226,55	10.444.343,68

### 1.4. SOJA SEMENTE

Vendas.....	<u>94.079.892,27</u>	
Custo de Vendas.....	76.334.439,33	
Despesas de Vendas.....	1.165.401,70	
Despesas Indiretas.....	<u>14.624.533,47</u>	
	92.124.374,50	1.955.517,77

### 1.5. SEMENTES FORRAGEIRAS

Vendas.....	<u>2.344.363,13</u>	
Custo de Vendas.....	2.071.680,35	
Despesas de Vendas.....	84.577,21	
Despesas Indiretas.....	<u>163.319,66</u>	
	2.319.577,22	24.785,91

### 1.6. FEIJÃO PRETO SEMENTE

Vendas.....	265.197,09	
Custo de Vendas.....	252.507,06	
Despesas de Vendas.....	1.244,27	
Despesas Indiretas.....	<u>4.138,79</u>	
	257.890,12	7.306,97

### 1.7. MILHO

Vendas Comércio.....	6.779.868,22	
Vendas Sementes.....	829.071,20	
Vendas Resíduos.....	34.948,90	
Transferências.....	<u>3.009.110,72</u>	
	10.652.999,04	
Custo de Vendas e Transf.....	8.834.060,42	
Despesas de Vendas.....	523.020,96	
Despesas Indiretas.....	<u>1.143.237,64</u>	
	10.500.319,02	152.680,02

### 1.8. CEVADA

Vendas.....	<u>819.175,70</u>	
Custo de Vendas.....	748.717,64	
Despesas de Vendas.....	44.522,78	
Despesas Indiretas.....	<u>11.437,42</u>	
	804.677,84	14.497,86

### 1.9. LEITE

Vendas.....	7.270.405,05	
Taxas de Custeio.....	<u>205.049,12</u>	
	7.475.454,17	
Custo de Vendas.....	7.272.164,11	
Despesas de Vendas.....	58.238,83	
Despesas Indiretas.....	<u>133.625,18</u>	
	7.464.028,12	11.426,05

### 1.10. SEÇÃO DE CONSUMO

Vendas.....	<u>447.510.371,55</u>	
Custo de Vendas.....	394.091.932,32	
Despesas de Vendas.....	32.655.888,20	
Despesas Indiretas.....	<u>18.321.496,75</u>	
	445.069.317,27	2.441.054,28

### 1.11. SACARIA

Vendas.....	<u>4.913.436,00</u>	
Custo de Vendas.....	4.543.722,86	
Despesas de Vendas.....	<u>311.063,12</u>	
	4.854.785,98	58.650,02

### 1.12. MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS

Vendas.....	<u>31.972.098,01</u>	
Custo de Vendas.....	12.278.131,18	
Despesas Financeiras.....	10.041.469,04	
Desp. Assist. Técnica.....	4.379.550,18	
Prov. Assist. Técnica.....	<u>4.000.000,00</u>	
	30.699.150,40	1.272.947,61

### 1.13. SEMEN

Vendas.....	<u>272.852,46</u>	
Custo de Vendas.....	97.691,23	
Despesas de Vendas.....	<u>122.097,12</u>	
	219.788,35	53.064,11

### 1.14. FÁBRICA DE ÓLEO - IJUÍ

Exportações.....	6.811.373,44	
Vendas Mercado Interno.....	<u>146.823.828,16</u>	

Incentivos Fiscais .....	9.382.360,61	
Recuperação Despesas .....	7.055.023,67	
Transferências .....	<u>20.128.505,25</u>	
	190.200.591,13	
Custo de Vendas e Transf. ....	172.735.820,92	
Despesas de Vendas .....	<u>17.922.430,22</u>	
	190.658.251,14	(457.660,01)

#### 1.15. FÁBRICA DE RAÇÕES

Vendas .....	2.373.369,43	
Transferências .....	<u>7.389.701,28</u>	
	9.763.070,71	
Custo de Vendas e Transf. ....	9.513.306,68	
Despesas Indiretas .....	<u>222.708,63</u>	
	9.736.015,31	27.055,40

#### 1.16. DEPARTAMENTO DE CRÉDITO

Receitas Ordinárias .....	<u>5.748.902,94</u>	
Despesas Ordinárias .....	<u>3.868.043,82</u>	
Despesas Indiretas .....	<u>1.662.891,12</u>	
	5.530.934,94	217.968,00

#### 1.17. DEPARTAMENTO ASSISTÊNCIA MÉDICA E SOCIAL

Receitas Ordinárias .....	<u>13.316.227,14</u>	
Despesas Ordinárias .....	<u>16.322.655,52</u>	
		(3.006.428,38)

#### 1.18. DEPARTAMENTO DE TRANSPORTES

Receita Interna .....	37.504.181,74	
Frete e Terceiros .....	<u>352.749,26</u>	
	37.856.931,00	
Despesas Ordinárias .....	37.856.931,00	- x -

#### 1.19. CENTRO DE TREINAMENTO

Receita Ordinária .....	<u>407.234,35</u>	
Despesas Ordinárias .....	2.391.289,93	(1.984.055,58)

#### 1.20. CENTRAL DE PROCESSAMENTO DE DADOS

Receita Ordinária .....	<u>11.036.637,93</u>	
Despesas Ordinárias .....	10.497.091,18	
Despesas Indiretas .....	<u>564.195,19</u>	
	11.061.286,37	( 24.648,44)

#### 1.21. HOSPITAL SANTA TEREZINHA

Vendas Farmácia .....	2.283.406,63	
Receitas Hospital .....	2.564.592,14	
Receitas Eventuais .....	<u>149.732,95</u>	
	4.997.731,72	
Custo Vendas Farmácia .....	1.458.674,20	
Despesas Hospital .....	<u>4.339.091,11</u>	
	5.797.765,31	( 800.033,59)

#### 2. RIO GRANDE

##### 2.1. TERMINAL

Receita Ordinária .....	73.719.572,01	
Receita Extraordinária .....	360.141,90	
Rec. Desp. Exerc. Anterior .....	3.518.505,93	
Despach .....	<u>79.432,35</u>	
	77.677.652,19	
Despesas Ordinárias .....	70.260.882,48	
Depreciações .....	<u>11.019.951,86</u>	
	81.280.834,34	( 3.603.182,15)

##### 2.2. FÁBRICA DE ÓLEO RIO GRANDE

Exportação .....	715.271.701,97	
Vendas Mercado Interno .....	131.299.730,91	
Vendas de Soja .....	10.214.000,00	
Incentivos Fiscais .....	11.535.355,11	
Operações em Bolsa .....	20.119.066,82	
Recuperação de Despesas .....	<u>3.836.294,82</u>	
	892.276.149,63	
Custo de Vendas .....	753.319.164,15	
Operações em Bolsa .....	25.793.870,45	
Despesas de Vendas .....	96.587.149,75	
Despesas Indiretas .....	<u>14.624.533,47</u>	
	890.324.717,82	1.951.431,81

##### 2.3. SECÇÃO CONSUMO RIO GRANDE

Vendas .....	1.923.489,95	
Custo de Vendas .....	1.460.772,10	
Despesas de Vendas .....	231.087,42	
Despesas Indiretas .....	<u>207.861,39</u>	
	1.899.720,91	23.769,04

#### 3. DOM PEDRITO

##### 3.1. TRIGO INDÚSTRIA

Vendas ao Banco do Brasil .....	981.164,55	
Vendas Resíduos .....	4.468,00	
Vendas Sementes .....	<u>10.335,00</u>	
	995.967,55	
Custo de Vendas .....	882.200,72	
Despesas de Vendas .....	28.610,58	
Despesas Indiretas .....	<u>74.236,21</u>	
	985.047,51	10.920,04

##### 3.2. SOJA

Vendas Resíduos .....	47.280,00	
Vendas Sementes .....	9.212.584,00	
Transferências .....	<u>21.625.197,32</u>	
	30.885.061,32	
Custo de Vendas e Transf. ....	26.288.221,28	
Despesas de Vendas .....	1.289.176,76	
Despesas Indiretas .....	<u>2.924.906,69</u>	
	30.502.304,73	382.756,59

##### 3.3. ARROZ

Vendas Comércio .....	36.497.119,76	
Vendas Resíduos .....	1.429.777,82	
Vendas Semente .....	260.450,00	
Taxas de Secagem .....	<u>1.462.668,35</u>	
	39.650.015,93	
Custo de Vendas .....	25.599.580,16	
Despesas Engenho .....	407.859,55	
Despesas de Vendas .....	7.537.601,04	
Despesas Indiretas .....	<u>5.389.548,88</u>	
	38.934.589,63	715.426,30

#### 3.4. SORGO

Vendas .....	16.382,83	
Transferências .....	<u>1.207.849,40</u>	
	1.224.232,23	
Custo de Vendas .....	1.140.248,25	
Despesas de Vendas .....	56.298,85	
Despesas Indiretas .....	<u>16.938,15</u>	
	1.213.485,25	10.746,98

#### 3.5. SEMENTES FORRAGEIRAS

Vendas .....	<u>92.181,50</u>	
Custo de Vendas .....	75.844,00	
Despesas de Vendas .....	<u>9.437,15</u>	
	85.281,15	6.900,35

#### 3.6. LÃS

Exportação .....	1.899.676,25	
Mercado Interno .....	35.989.630,70	
Transferências .....	4.738.632,03	
Recuperação de Despesas .....	<u>749.720,54</u>	
	43.377.659,52	
Custo de Vendas e Transf. ....	32.958.408,68	
Despesas de Vendas .....	10.694.910,53	
	43.653.319,21	(275.659,69)

#### 3.7. FRUTOS DO PAÍS

Vendas .....	586.123,35	
Custo de Vendas .....	399.582,40	
Despesas de Vendas .....	149.917,22	
Despesas Indiretas .....	<u>29.694,48</u>	
	579.194,10	6.929,25

#### 3.8. BOVINOS E OVINOS

Armazenagem Cobal .....	571.570,44	
Vendas Bovinos .....	70.461.245,49	
Vendas Ovinos .....	971.902,38	
Transferências .....	5.127.962,67	
Recuperação Despesas .....	<u>5.260.489,24</u>	
	82.393.170,22	
Custo de Vendas e Transf. ....	76.318.926,53	
Despesas de Vendas .....	<u>8.008.609,50</u>	
	84.327.536,03	(1.934.365,81)

#### 3.9. SACARIA - DOM PEDRITO

Vendas .....	<u>1.875.904,60</u>	
Custo de Vendas .....	1.812.599,66	
Despesas de Vendas .....	<u>59.388,97</u>	
	1.871.988,63	3.915,97

#### 3.10. SECÇÃO CONSUMO - DOM PEDRITO

Vendas Supermercado .....	6.197.572,57	
Vendas Insumos .....	<u>4.781.572,40</u>	
	10.979.144,97	
Custo de Vendas Insumos .....	4.850.130,09	
Custo de Vendas Supermercado .....	5.487.539,84	
Despesas de Vendas .....	562.936,05	
Despesas Indiretas .....	<u>74.236,21</u>	
	10.974.842,19	4.302,78

#### 3.11. DEPARTAMENTO DE TRANSPORTES - DOM PEDRITO

Receitas Ordinárias .....	<u>792.236,27</u>	
Despesas Ordinárias .....	329.948,72	
Despesas Indiretas .....	<u>400.875,54</u>	
	730.824,26	61.412,01

#### 4. MATO GROSSO DO SUL

Vendas Diversas .....	2.238.561,91	
Receitas Diversas .....	<u>520.945,96</u>	
	2.759.507,87	
Custo de Vendas .....	1.878.841,42	
Despesas Gerais Armazéns .....	3.006.048,07	
Despesas Gerais Escritórios .....	<u>2.900.598,46</u>	
	7.785.487,95	(5.025.980,08)
		<u>11.360.894,48</u>
		516.533,91

#### 5. OUTRAS RECEITAS OPERACIONAIS

#### 6. RECEITAS EVENTUAIS

#### 7. PREVISÃO PARA CRÉDITOS DE LIQ. DUVIDOSA

7.1. Reversão .....	988.398,61	
7.2. Formação .....	(2.252.414,21)	(1.264.015,60)
RÉDITO .....		<u>14.939.326,21</u>

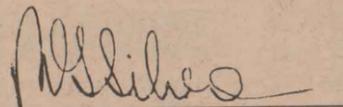
#### 8. FUNDOS ESTATUTÁRIOS

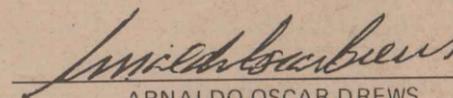
- Desenvolvimento Econômico, 30% das Sobras Líquidas .....	4.481.797,87
- Fundo de Reservas, 10% das Sobras Líquidas .....	1.493.932,62
- F.A.T.S. 10% das Sobras Líquidas .....	1.493.932,62

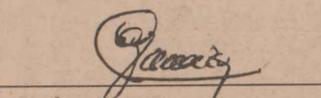
#### 9. SOBRAS À DISPOSIÇÃO DA A.G.O.

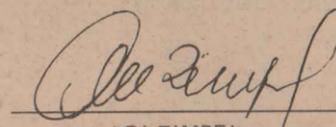
7.469.663,10

IJUÍ (RS), 28 de fevereiro de 1978

  
RUBEN ILGENFRITZ DA SILVA  
PRESIDENTE  
CPF 056268970-20

  
ARNALDO OSCAR DREWS  
VICE-PRESIDENTE  
CPF 028619400-34

  
CLÓVIS ADRIANO FARINA  
SUPERINTENDENTE  
CPF 010133350-15

  
ARI ZIMPEL  
TEC. CONT. CRCRS-11222  
CPF 008301860-34

# NOTAS EXPLICATIVAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ÀS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

1. Conforme determinação de Assembléia Geral Conjunta, realizada em 21 de dezembro de 1977, a Cotrijui incorporou a Cooperativa Mista de Maracajú Ltda., sendo tomada como data base para a incorporação, o dia 31 de dezembro de 1977.

Assim, os valores referentes ao patrimônio da Coopemara já estão devidamente agregados ao balanço da Cotrijui.

2. No balanço da Coopemara que serviu de base para a incorporação, foi estabelecida a Previsão para Créditos de Liquidação Duvidosa, em função da análise individual de cada devedor. Desta forma o valor da previsão revestida em 28.02.78, não incluiu os valores constantes de operações da Coopemara, cujo montante permanece como conta retificativa dos créditos a receber.

### 3. Demonstrativo da Conta Financiamentos a Longa Prazo.

Conta	C. Prazo	L. Prazo
Com. Safra DP	7.049.971,89	13.389.575,00
Inv. MT	- o -	40.515.665,64
Fin. Safra MT	2.998.113,14	2.561.458,00
Fin. Veíc. MT	452.078,60	- o -
Com. Safra	43.418.948,00	37.142.500,00
Rep. Lav. Impl.	22.435.663,84	86.453.503,43
Rep. BB	258.473.534,81	69.100.493,22
Invest.	10.621.945,70	185.669.530,84
Cap. Giro	146.093.825,00	102.581.908,69
	491.544.080,98	537.414.634,82

## PERCENTUAIS DAS DESPESAS

CONTA	TOTAL	% EM RELAÇÃO	% EM RELAÇÃO	% EM RELAÇÃO
		A DESP. TOTAL	A REC. BRUTA	A REC. LÍQUIDA
ICM E OUTROS IMPOSTOS	145.132.026,07	20,6550	4,8049	20,2248
DESPESAS FINANCEIRAS	98.952.979,19	14,0828	3,2785	13,7918
SALÁRIOS E HONORÁRIOS	98.932.002,17	14,0800	3,2771	13,7886
FRETES E CARRETOS	98.566.511,79	14,0279	3,2634	13,7358
DEPRECIações	31.166.457,78	4,4356	1,0318	4,3432
MANUTENÇÃO E HIGIENE	28.248.251,59	4,0202	0,9352	3,9364
PREVIDÊNCIA SOCIAL	27.600.586,48	3,9282	0,9137	3,8462
CONTA CONTRIBUIÇÃO CACEX	24.549.769,64	3,4939	0,8128	3,4211
DESPESAS DE CARREGAMENTO	15.232.778,61	2,1679	0,5042	2,1226
DESPESAS DIVERSAS	12.822.385,34	1,8249	0,4241	1,7865
ASSISTÊNCIA SOCIAL	12.706.134,52	1,8084	0,4205	1,7705
COMBUSTÍVEIS E LUB.	10.880.867,06	1,5486	0,3602	1,5163
SEGUROS	9.758.316,35	1,3888	0,3230	1,3598
COMISSÕES	9.296.671,65	1,3231	0,3078	1,2955
DESPESAS DE EXPORTAÇÃO	9.294.624,76	1,3228	0,3077	1,2952
LUZ, ÁGUA E FORÇA	8.774.653,93	1,2488	0,2905	1,2228
DESPESAS C/PROCES. DADOS	7.135.411,94	1,0155	0,2362	0,9943
DESPESAS DE VIAGENS	7.082.248,52	1,0079	0,2344	0,9869
MÃO DE OBRA CONTRATADA	6.242.049,61	0,8884	0,2064	0,8697
PUBLICAÇÕES E PUBLICIDADE	5.974.839,45	0,8504	0,1978	0,8326
MATERIAL DE EXPEDIENTE	5.473.595,51	0,7790	0,1812	0,7627
DESPESAS C/VEÍCULOS	4.502.799,02	0,6408	0,1490	0,6274
DOAÇÕES	3.718.361,34	0,5292	0,1231	0,5181
PORTES E COMUNICAÇÕES	3.266.525,65	0,4649	0,1081	0,4552
AJUDAS DE CUSTO	2.684.267,53	0,3821	0,0887	0,3740
ALUGUEL E ARMAZENAGEM 3ºS	2.577.212,99	0,3668	0,0852	0,3591
DESPESAS C/REFEITÓRIO	2.247.286,29	0,3198	0,0743	0,3130
CONVÊNIO E ASSIST. EDUC.	2.060.537,93	0,2932	0,0681	0,2869
DESP. VISTORIA LAVOURAS	1.844.122,34	0,2624	0,0610	0,2569
IMUNIZANTES E INSUMOS	1.477.729,75	0,2105	0,0485	0,2057
DESP. C/PASSAGENS FUNCION.	755.016,50	0,1075	0,0249	0,1052
DESPESAS C/COTRIJORNAL	715.837,24	0,1018	0,0237	0,0997
DESPESAS C/AUDITORIA EXT.	588.378,20	0,0838	0,0194	0,0819
CONT. ENTIDADE DE CLASSE	447.778,83	0,0637	0,0148	0,0624
GUARDA, SEG. E PROTEÇÃO DO TRAB.	412.551,44	0,0587	0,0136	0,0574
DESPESAS C/ENFERMAGEM	405.003,23	0,0576	0,0131	0,0563
MATERIAL DE EMBALAGEM	342.797,87	0,0488	0,0113	0,0477
QUEBRAS	234.986,32	0,0334	0,0077	0,0327
JORNAIS, REVISTAS E LIVROS	232.893,57	0,0331	0,0077	0,0324
DESPESAS C/INDIGENTES	157.532,11	0,0225	0,0052	0,0219
PENSÕES	149.804,21	0,0213	0,0049	0,0208
TOTAL	702.644.584,32	100,0000	23,2637	97,9180

NOTA EXPLICATIVA: A variação verificada deve-se à rubrica "ICM", resultante do maior volume exportado, neste exercício considerando que nas vendas internas para indústria este tributo é diferido.

IJUÍ (RS), 28 de fevereiro de 1978

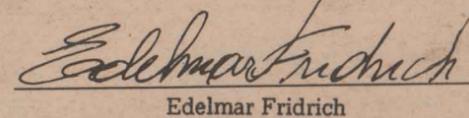
## PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento ao que determina o Artigo nº 52 do Estatuto Social da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda., reuniu-se nesta data o Conselho Fiscal desta entidade, a fim de proceder ao exame do balanço, Demonstrativo de Sobras e Perdas e todos os documentos referentes ao exercício encerrado em 28 de fevereiro de 1978, inclusive o levantamento dos saldos em Caixa. Tendo sido assessorado pela ASCOP LTDA., Assessoria, Consultoria, Planejamento e Auditoria e, tendo examinado todos os documentos, encontramos tudo em ordem e, emitimos o nosso parecer favorável, recomendando à Assembléia Geral a sua aprovação.

Ijuí (RS), 16 de maio de 1978

  
José Cláudio Kohler

  
Bruno Eisele

  
Edelmar Fridrich

## PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

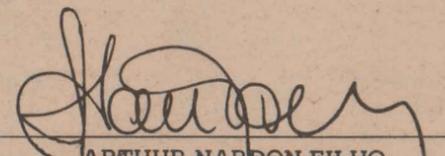
12 de maio de 1978

Ilmos. Srs.  
Conselheiros da  
COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA  
SERRANA LTDA.  
IJUÍ - RS

Examinamos o balanço patrimonial, anexo, da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda., levantado em 28 de fevereiro de 1978 e a respectiva demonstração do resultado econômico do exercício findo naquela data. Nosso exame foi efetuado de acordo com as normas de auditoria geralmente aceitas, e, consequentemente incluiu as provas nos registros contábeis e outros procedimentos de auditoria que julgamos necessário nas circunstâncias.

Conforme assembléia geral conjunta, a Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. incorporou o patrimônio da Cooperativa Mista de Maracajú Ltda. A assembléia se realizou em 21 de dezembro de 1977, sendo estabelecida para a incorporação a data de 31.12.77. Assim o balanço patrimonial da Cotrijui, objeto de exame, já está devidamente incorporado dos valores referentes ao balanço da Cooperativa Mista de Maracajú Ltda.

Em nossa opinião, o balanço patrimonial e a demonstração do resultado econômico acima referidos, representam, adequadamente, a posição patrimonial e financeira da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. em 28 de fevereiro de 1978 e o resultado de suas operações correspondentes ao exercício findo naquela data, de acordo com os princípios de contabilidade geralmente aceitos, e aplicados com uniformidade em relação ao exercício anterior, com exceção ao constante do parágrafo anterior. ASCOP LTDA. - Assessoria, Consultoria, Planejamento e Auditoria.

  
ARTHUR NARDON FILHO  
Responsável Técnico  
CPF - 004036440-20  
Contador - CRCRS 13.866  
CEAI nº 16  
BCB-GEMEC-RAI - 72.027-1-FJ  
IAIB nº 07